

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

YASMINE FEITAL CALÇADO BARBOSA

**NUDEZ POLÍTICA FEMININA NO BRASIL:
uma análise das reverberações da Marcha das Vadias em notícias do portal
*G1***

Monografia

Mariana
2020

YASMINE FEITAL CALÇADO BARBOSA

**NUDEZ POLÍTICA FEMININA NO BRASIL:
uma análise das reverberações da Marcha das Vadias em notícias do portal
*G1***

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra.
Karina Gomes Barbosa

Mariana
2020

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B238n Barbosa, Yasmine Feital Calçado.

Nudez política feminina no Brasil [manuscrito]: uma análise das reverberações da Marcha das Vadias em notícias do portal G1. / Yasmine Feital Calçado Barbosa. - 2020.

93 f.: il.: color., gráf.. + Quadro.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Análise do discurso. 2. Discurso de ódio na internet. 3. Movimentos de protesto. 4. Nudez. I. Barbosa, Karina Gomes. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 316.354



FOLHA DE APROVAÇÃO

Yasmine Feital Calçado Barbosa

NUDEZ POLÍTICA FEMININA NO BRASIL: uma análise das reverberações da Marcha das Vadias em notícias do portal *GI*

Membros da banca

Karina Gomes Barbosa - Dra. - UFOP

Dolores Aguero Aronovich - Dra. - UFC

Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça - Dr. - UFOP

Versão final

Aprovado em 17 de setembro de 2020

De acordo

Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa



Documento assinado eletronicamente por **Karina Gomes Barbosa da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/10/2020, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0089004** e o código CRC **3E895696**.

Aos meus pais, Elida e Gilberto, por me proporcionarem todas as oportunidades possíveis, pela amizade e por serem quem são. Eu amo vocês uma vida inteira.

Ao meu irmão, Henrico, por me ensinar através de caminhos que nunca havia percorrido.

À minha irmã, Anitha, por todo afeto, parceria e lealdade, e por me ajudar neste trabalho.

Ao Higor, pelo companheirismo e cuidado durante tanto tempo.

Às minhas amigas e amigos, em especial à Luisa Moura, Leonardo Ruffatto, Yasmin Winter, Sarah Oliveira e Elias Fernandes, por se fazerem tão presentes.

À Karina Gomes Barbosa, orientadora que tanto admiro, por compartilhar comigo ensinamentos e conquistas durante minha trajetória acadêmica.

À Universidade Federal de Ouro Preto, em especial ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, ao curso de Jornalismo e seus docentes que, mesmo diante da tentativa de desmonte da educação, (r)existem pelo ensino público, inclusivo e de qualidade.

O mito da beleza na realidade sempre determina o comportamento, não a aparência.
(Naomi Wolf, 1992, p. 17)

RESUMO

Este estudo visa analisar os comentários postados no portal de notícias G1 em matérias sobre a Marcha das Vadias, movimento político que tem como característica a expressão por meio dos seios nus. Com o intuito de compreender como o corpo nu feminino é historicamente olhado, foram acionadas autoras que discutem a cultura visual sobre esses corpos em diversos âmbitos, como a indústria cinematográfica e pornográfica (WILLIAMS, 1991; DE LAURETIS, 1984; MULVEY 1983), a arte (BERGER, 1972) e a indústria da beleza (WOLF, 1992). Igualmente, atravessam esse trabalho as discussões sobre o corpo enquanto político, e como o mesmo afeta e é afetado pelas culturas (LOURO, 2000; BORDO, 1997; LE BRETON, 2007). No entanto, diferentes corpos são afetados de maneiras também distintas e, por isso, acionamos autoras que discutem questões relacionadas à raça e classe (hooks, 2000; KING, 1988). Foi realizada, em um primeiro momento, uma análise de construção de sentidos em redes digitais (HENN, 2014; MACHADO, 2018; GONZATTI, 2015), de forma a compreender como tais ambientes operam a partir dos acontecimentos que nele se instalam e, para tal, foram levantadas discussões acerca da presença do patriarcado nesses ambientes (ZUCKERBERG, 2018; ARONOVICH, 2018). Para inferir sobre os comentários utilizou-se, em um segundo momento, o aporte teórico-metodológico da análise do discurso de linha francesa (BENETTI, 2016). Foi possível demonstrar que os comentários analisados ainda reiteram uma normatividade fundada por princípios machistas, misóginos e de caráter sexualizante.

Palavras-chave: Corpos; Marcha das Vadias; nudez feminina; comentários sistêmicos; G1.

ABSTRACT

This study aims to analyse the comments made on articles about Brazilian Slut Walk, a political movement whose characteristic is the expression through bare breasts, on the G1 news portal. In order to understand how the female naked body is historically looked at, we triggered authors who discuss the visual culture about these bodies in different areas, such as the film and pornographic industry (WILLIAMS, 1991; DE LAURETIS, 1984; MULVEY 1983), art (BERGER, 1972) and the beauty industry (WOLF, 1992). Similarly, the discussions about the body as a politician and how it affects and is affected by cultures go through this work (LOURO, 2000; BORDO, 1997; LE BRETON, 2007). However, different bodies are affected in different ways as well, and therefore, we trigger authors who discuss issues related to race and class (hooks, 2000; KING, 1988). It was carried out, at first, an analysis of the construction of meanings in digital networks (HENN, 2014; MACHADO, 2018; GONZATTI, 2015), in order to understand how such environments operate based on the events that are installed in it and, to this end, discussions were raised about the presence of patriarchy in these environments (ZUCKERBERG, 2018; ARONOVICH, 2018). To infer about the comments, the theoretical-methodological contribution of the discourse analysis was used in a second moment (BENETTI, 2016). It was possible to demonstrate that the comments analyzed still reiterate a normativity founded on sexist, misogynistic and sexualizing principles.

Keywords: Bodies; Slut Walk; female nudity; systemic comments; G1.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es analizar los comentarios realizados en artículos sobre la Marcha de las Putas brasileña, un movimiento político cuya característica es la expresión mediante de los senos desnudos, en el portal de noticias G1. Para entender cómo se ve históricamente el cuerpo femenino desnudo, se han involucrado autores que discuten la cultura visual sobre estos cuerpos en diferentes áreas, como la industria del cine y la pornografía (WILLIAMS, 1991; DE LAURETIS, 1984; MULVEY 1983), arte (BERGER, 1972) y la industria de la belleza (WOLF, 1992). Del mismo modo, las discusiones sobre el cuerpo como político pasan por este trabajo y cómo el mismo afecta y es afectado por las culturas (LOURO, 2000; BORDO, 1997; LE BRETON, 2007). Sin embargo, los diferentes cuerpos se ven afectados de diferentes maneras y, por lo tanto, desencadenamos autores que discuten temas relacionados con la raza y la clase (hooks, 2000; KING, 1988). Al principio, se realizó un análisis de la construcción de significados en las redes digitales (HENN, 2014; MACHADO, 2018; GONZATTI, 2015), con el fin de comprender cómo operan dichos entornos en función de los eventos que se instalan en él y, para este modo, se plantearon debates sobre la presencia del patriarcado en estos entornos (ZUCKERBERG, 2018; ARONOVICH, 2018). Para inferir sobre los comentarios, en un segundo momento, se utilizó la contribución teórico-metodológica del análisis del discurso (BENETTI, 2016). Fue posible demostrar que los comentarios analizados aún reiteran una normatividad fundada por principios sexistas, misóginos y sexualizantes.

Palabras clave: Cuerpos; Marcha de las Putas; desnudez femenina; comentarios sistémicos; G1.

Lista de Figuras

Figura 1: Matéria do portal de notícias G1, 2016	16
Figura 2: Helena Christensen em campanha da Reebok, 2010.....	20
Figura 3: Marcha das Vadias em Florianópolis, 2015	29
Figura 4: Marcha das Vadias no Rio de Janeiro, 2012.....	32
Figura 5: Captura de tela do resultado da busca feita no portal de notícias Exame.....	57
Figura 6: Captura de tela do resultado da busca feita no portal de notícias Folha de São Paulo.....	57
Figura 7: Captura de tela de uma das reportagens do portal G1, em 2015	66
Figura 8: Captura de tela de uma das reportagens do portal G1, em 2013.....	67
Figura 9: Ambiente em que se dá a comunicação por meio dos comentários no portal G1	74

Lista de Quadros

Quadro 1: Matérias totais sobre a Marcha das Vadias presentes no G1	64
Quadro 2: Matérias do G1 analisadas	65
Quadro 3: Agrupamento de constelações de sentido através dos comentários das matérias selecionadas.....	68

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Divisão de comentários por núcleo de sentido em matérias do ano de 2012 75

Gráfico 2: Divisão de comentários por núcleo de sentido em matérias do ano de 2013 78

Gráfico 3: Divisão de comentários por núcleo de sentido em matérias do ano de 2015 82

Sumário

INTRODUÇÃO	14
2. Cultura visual sobre o corpo feminino	18
3. A Marcha das Vadias	29
3.1 A politização do corpo feminino	33
3.2 Raça, classe, corpos e nudez política feminina	38
4. O patriarcado nas redes	45
5. O movimento na mídia	56
5.1. Procedimentos metodológicos.....	58
5.1.1 A construção de sentidos em redes digitais	59
5.1.2 Análise do discurso	60
5.2 Os comentários sistêmicos	67
6. Conclusão	86
REFERÊNCIAS	89

INTRODUÇÃO

“As mulheres deveriam evitar se vestir como vadias para não serem vítimas de ataque”¹. Essa afirmação foi feita por um policial em 2011, durante um evento sobre segurança e prevenção ao crime, na Universidade de York, Canadá. Foi a partir daí, no dia 03 de abril do mesmo ano, que aconteceu a primeira *SlutWalk* (Marcha das Vadias, em tradução livre) canadense, que tinha como principal objetivo esclarecer e conscientizar a população sobre a errônea, misógina e machista culpabilização - parte de uma cultura vigente do estupro - de vítimas de violências sexuais.

Tal atribuição feita às mulheres ainda se faz presente e favorece a continuidade do machismo que reprime os corpos femininos, uma vez que é tirada do homem a autoria e responsabilidade das agressões. Como resultado, as violências são naturalizadas e, portanto, ampliadas. Segundo dados levantados pelo Datafolha (BBC, 2019), 1,6 milhão de mulheres sofreu violência física ou tentativa de estrangulamento no Brasil entre os meses de fevereiro de 2018 e 2019, além de 22 milhões terem vivenciado algum tipo de abuso. O Instituto Patrícia Galvão também divulgou (GALVÃO, 2019) que 97% das brasileiras afirmaram ser vítimas de assédio em meios de transporte público. Pesquisar sobre violência contra mulheres é perceber que os números de agressões e vítimas têm crescido², mesmo em ambientes em que há resistência feminina.

Diante deste cenário, falar sobre o empoderamento feminino causa, claramente, incômodo para aqueles que compactuam com uma cultura misógina. Mas apesar do antagonismo ideológico e de ações, é pela construção de uma sociedade não violenta e de equidade de direitos que temas como a educação sexual e a nudez da mulher devem ser estudados constantemente. A Marcha das Vadias, enquanto um movimento que aborda tais debates, atribui, por conseguinte, espaço para o manifesto das mulheres.

O nosso corpo nunca foi nosso por direito. Podemos perceber, diariamente, que o corpo feminino é explorado para vender cerveja e manter padrões estéticos e sociais, ao mesmo tempo em que é julgado na luta política. Sendo assim, a importância da nudez feminina no movimento se dá na medida em que estes mesmos corpos passam a se libertar, durante o protesto, de amarras padronizadas. O corpo feminino, enquanto político, precisa falar sobre as opressões violentas sofridas pelas mulheres todos os dias.

¹ Disponível em: <https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>. Acesso em: 1 de out. de 2019.

² Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/taxa-de-mortes-de-mulheres-por-armas-de-fogo-aumenta/>. Acesso em: 1 de out. de 2019.

Para entender melhor uma das proposições deste trabalho, o corpo feminino enquanto corpo político, é preciso ressaltar o termo biopolítica, que, segundo Foucault (2008), significa a conversão da vida biológica em objeto da política. Um exemplo disso é que as mulheres cisgênero são projetadas para viverem a partir de suas condições biológicas (como a ideia de que o “destino biológico” das mulheres é que sejam mães) e essas projeções chegam ao nível político (a partir do momento em que há ou não distribuição de pílulas anticoncepcionais pelo sistema público de saúde, bem como a proibição do aborto e do ensino de educação sexual nas escolas).

Segundo Cecilia Sardenberg (2018), foi no final dos anos 60, através de grupos de conscientização sobre os estudos feministas, que surgiu a expressão “o pessoal é político”. Tal afirmativa questiona, entre outras coisas, “a separação entre a esfera privada e a esfera pública” (2018, p. 16). Para as mulheres, a vida privada interfere diretamente na participação de outras esferas, uma vez que são socialmente e fisicamente impedidas (pelas várias jornadas de trabalho dentro e fora de casa ou ideologias conservadoras) de participarem da esfera política/pública. E é por ser uma realidade absoluta - ainda mais brutal com mulheres negras e periféricas - que se fazem necessária medidas políticas igualitárias.

Comumente, os corpos femininos são apropriados pela sociedade, indústria pornográfica e da beleza, pela arte, pelos homens, cinema e patriarcado, através de preceitos padronizados sobre gênero e sexualidade. Portanto, é fundamental entender como a nudez feminina é utilizada para a conquista de direitos e para tentar transformar determinados pensamentos sociais que depreciam e objetificam as mulheres. Para além, é preciso olhar para as questões que surgem a partir de movimentos que detêm e expressam feminismos. Falar sobre classe, raça e corpos, nesse sentido, é observar como os privilégios perpassam quaisquer âmbitos sociais, fazendo com que determinadas mulheres vivenciem as opressões de maneiras distintas.

O objetivo deste trabalho é buscar compreender como a nudez feminina foi - e ainda é - vista pela sociedade durante as Marchas das Vadias no Brasil, em matérias jornalísticas do portal de notícias G1, veículo que mais informa sobre o movimento. O recorte do corpus de pesquisa foi feito de acordo com o número de comentários encontrado em cada matéria: tendo em vista um equilíbrio quantitativo necessário para a seleção do material a ser analisado, nos debruçamos sobre as notícias que possuem mais de cem comentários. Para isso, o estudo das visões externas sobre os mesmos, refletidas nos comentários presentes nas matérias, será feito, inicialmente, a partir do referencial teórico-metodológico da análise de construção de sentidos

em redes sociais, baseando-nos em estudiosos como Ronaldo Henn (2014), Felipe Machado (2018) e Christian Gonzatti (2015).

Em um segundo momento, mergulharemos nos estudos da análise do discurso de linha francesa que, segundo Eni Orlandi, reflete sobre “a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (2001, p. 16), o que significa dizer que os valores e crenças pessoais podem ser percebidos na fala ou escrita do/a indivíduo/a. Márcia Benetti ainda afirma que “a palavra orienta-se para alguém, e este alguém pressuposto existe em uma relação social com o sujeito falante” (2016, p. 236), destacando o fato de que as palavras podem ser, incisivamente, destinadas à particularidade das ações do indivíduo/a em questão.

Figura 1: Matéria do portal de notícias G1, 2016



Fonte: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2016/05/marcha-das-vadias-pede-fim-da-violencia-contramulher-no-recife.html>. Acesso em: 1 de out. de 2019

Mais especificamente, nos debruçamos sobre os comentários sistêmicos e maliciosos feitos nas matérias da internet por pessoas conhecidas como *trolls*, com o intuito de mostrar e entender como o patriarcado age nas redes e como essa ação se manifesta em relação à politização dos corpos pela Marcha das Vadias, relacionando também a aceitação - ou não - desses corpos no movimento e em outras instâncias e ambientes. Alertamos, dessa forma, que o capítulo de análise deste trabalho (5.2) contém comentários extremamente violentos e que,

por isso, se faz necessário um aviso de gatilho. Para além, é preciso estudar, mesmo que brevemente, a forma com que a Marcha - e o movimento feminista no geral - é noticiada/agendada pela mídia.

2. Cultura visual sobre o corpo feminino

A luta das mulheres durante o começo dos anos 70 foi essencial para o início de uma revolução que contornaria ideais antigos sobre seus papéis e corpos na sociedade. Segundo Naomi Wolf (1992), foi durante a segunda onda do movimento feminista que as mulheres ocidentais alcançaram o poder da fala e da escolha. Porém, como resposta à liberdade de expressão desses corpos, a beleza feminina passou a se estabelecer cada vez mais como característica intrínseca e necessária à mulher. A autora afirma que “à medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social” (WOLF, 1992, p. 12).

Um exemplo que espelha a proposição de controle social realizado pela indústria da beleza foi a participação das mulheres na Primeira Guerra Mundial. Segundo a autora, o reconhecimento financeiro das mulheres (a partir de trabalhos comumente realizados por homens) e a “nova sensação de competência e confiança” (p. 82) as incentivava. Ao mesmo tempo, os anúncios de cremes e produtos de limpeza produziam mensagens a fim de reiterar o discurso de feminilidade: “Gostamos de sentir que parecemos femininas mesmo que estejamos desempenhando uma tarefa talhada para um homem... por isso usamos flores e fitas no cabelo e tentamos manter o rosto o mais bonito possível” (WOLF, 1992, p. 82), dizia um deles.

Rose Rocha e Beatriz Beraldo (2014) também afirmam que “a disposição sexual e a natureza da sexualidade feminina eram objeto de debate e de inúmeras tentativas de sobre elas [mulheres] legislar” (ROCHA; BERALDO, 2014, p. 711). O corpo feminino, desde então, começou a ser modelado fisicamente a partir das exigências e condições impostas pelo padrão estético ainda vigente. Ele seguiu, segundo as autoras, “a invenção do batom em 1925, do desodorante, nos anos 1950, usou os desconfortáveis espartilhos” (p. 713).

No Brasil, outro exemplo que reflete tal controle é a matéria publicada pela revista *Veja*, em 2016, sobre Marcela Temer (VEJA, 2016), esposa do então vice-presidente Michel Temer. Caracterizada como “bela, recatada e do lar”, Marcela é retratada na matéria como sendo uma mulher “comportada”, meiga e que ocupa seu tempo com as práticas domésticas que todas as mulheres deveriam ter - na visão apresentada ao decorrer da matéria. Além de diminuí-la à sua aparência e atividades (enquanto mulher submissa aos costumes considerados femininos - como ir à dermatologista ou ao salão de beleza), Marcela é colocada como um exemplo de mulher digna de respeito, uma vez que só utiliza vestidos abaixo do joelho e não se arrisca a ocupar espaços pré-determinados como sendo masculinos.

A exposição e discursos acerca dos corpos femininos, apesar de apresentarem padrões objetificantes óbvios, se diferem de acordo com o meio e finalidade da propagação. A indústria da beleza, por exemplo, veicula a imagem feminina com o intuito de manter um parâmetro social de consumo. A utilização dos corpos jovens e retocados é uma das apostas mais bem sucedidas nesse mercado, uma vez que as mulheres, enquanto sinônimo social de beleza e perfeição, devem procurar a todo momento manter tais expectativas. Wolf (1992) ainda afirma que a economia contemporânea provém diretamente dessas representações femininas e das consequências financeiras - positivas para as empresas e para o sistema que prioriza o capital - que as mesmas originam.

Para além da apropriação dos corpos femininos pela indústria da beleza, é preciso ressaltar também a forma com que os mesmos são colocados à venda. De acordo com Nayara Barreto,

[...] a imagem do corpo feminino é constantemente exposta em meio a outras imagens. Presente em diversas plataformas, desde a televisão até os meios impressos como jornais e revistas. No ambiente urbano, em cada canto da cidade, a imagem da mulher nua ou seminua se faz presente para promover diversos produtos midiáticos, estampado em monumentais outdoors. Ao mesmo tempo em que abre espaço para discutir e evidenciar as conquistas das mulheres nas últimas décadas, a mídia é um dos espaços que mais tem estereotipado e vastamente explorado a imagem feminina como “objeto sexual”. (BARRETO, 2012, p. 1)

As apropriações sobre os corpos passam a ser identificadas em todas as indústrias, não somente da beleza, que precisa da sexualidade feminina para vender seus produtos. Empresas de *lingerie* e moda, maquiagens, sapatos e acessórios, por exemplo, utilizam constantemente a imagem da mulher a partir de visões masculinas sexualizadas e estereotipadas. Além do intuito de criar uma identificação entre mulheres consumidoras (e, como dito anteriormente, fazer com elas se visualizem a partir daquela representação), para John Berger, “a publicidade utiliza cada vez mais a sexualidade para vender qualquer produto ou serviço, mas essa sexualidade nunca é livre em si mesma” (BERGER, 1972, p. 81)³. A sexualidade “não livre” colocada pelo autor se refere ao aprisionamento convencional dos desejos femininos. Mesmo que os produtos se destinem às mulheres, as formas de promoção dos mesmos se voltam ao olhar masculino heteronormativo e erótico. Naomi Wolf (1992) traz alguns exemplos:

Num anúncio da Reebok, a mulher vê um torso feminino nu, com os olhos desviados. Num anúncio da *lingerie* Lily of France, ela vê um torso feminino nu, olhos fechados; no do perfume Opium, uma mulher nua, com as costas e

³ BERGER, 1972, p. 81, tradução nossa. No original: la publicidad utiliza cada vez más la sexualidad para vender cualquier producto o servicio pero esta sexualidad nunca es libre en sí misma

as nádegas à mostra, está caindo com a cabeça para baixo da beirada da cama; no dos chuveiros Triton, uma mulher nua, com as costas arqueadas, lançando os braços para o alto; no dos sutiãs para a prática de esportes Jogbra, um torso feminino nu cortado na altura do pescoço. (WOLF, 1992, p. 174-175)

Figura 2: Helena Christensen em campanha da Reebok, 2010



Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/22/estilo/1482411741_453748.html. Acesso em: 1 de out. de 2019

As representações estereotipadas das mulheres e das feminilidades são reflexo daquilo que nos é apresentado na cotidianidade, expondo as relações de poder entre os gêneros masculino e feminino (LE BRETON, 2007). Erving Goffman (1988) conceitua tais práticas de divulgação e exposição como sendo “um ritual”. Segundo ele,

Eles [indústria publicitária] exploram o mesmo corpus de espetáculos, o mesmo idioma ritual, assim como nós todos que participamos de situações sociais, e com o mesmo fim: tornar visível uma ação pressentida. No mais, eles nada mais fazem que tornar convencional nossas práticas, estilizar o que já o é (...). (GOFFMAN, 1988, p. 185)

A veiculação dessas explorações sexualizadas é recorrente e, como consequência, vista como natural nos dias de hoje. Nesse sentido, se faz necessário olhar também para a pornografia, uma vez que seu conceito fundante é explorar o sexo a partir da utilização de corpos como forma de prazer. Mais especificamente, é primordial pensar na forma com que a

indústria pornográfica exhibe o feminino, já que estes corpos não são expostos da mesma maneira que os corpos masculinos.

Linda Williams (1991) fala sobre como são as produções de filmes pornográficos, de terror e melodrama. Para ela, “pornografia e filmes de terror são dois sistemas de excesso. A pornografia é a mais baixa na estima cultural, o horror bruto fica ao lado do mais baixo” (WILLIAMS, 1991, p. 3)⁴. O que a autora apresenta é a aceitação social que a pornografia tem atualmente. Por mais que existam excessos na produção pornográfica (de violência, subalternidade e misoginia), segundo matéria divulgada pelo site de notícias G1 em 2018, 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia, sendo 76% dessas pessoas homens (G1, 2018). Outra pesquisa, realizada pelo site *Pornhub* e publicada pelo *The Cut* e *Nexo*, aponta que a página possuía 75 milhões de visitantes todos os dias em 2017 (THE CUT, 2017; NEXO, 2017) e 100 milhões em 2019, de acordo com matéria da Folha de São Paulo (SÃO PAULO, 2019).

O consumo de pornografia, majoritariamente masculino, e a produção da mesma, nos levam a perceber que os discursos patriarcais e misóginos presentes cotidianamente na sociedade são os mesmos que engendram tais produções. Williams diz que “os corpos das mulheres figurados na tela funcionam tradicionalmente como incorporações primárias de prazer, medo e dor”⁵ (WILLIAMS, 1991, p. 4). Incitando e reiterando as mensagens propagadas pela mídia, a pornografia também coloca a imagem da mulher em posição de subalternidade, presente somente para o desfrute dos homens.

Para Wolf (1992), as convenções sobre a pornografia adentraram também na cultura feminina, uma vez que objetificam e reprimem seus corpos. Segundo a mesma matéria publicada pela Folha de São Paulo, as produções pornográficas têm se tornado cada vez mais violentas, uma vez que mostram “mulheres engasgando durante a prática de sexo oral e sexo anal praticado com violência”. Wolf (1992) diz que o sadomasoquismo presente nessas produções, ao ser fabricado e disseminado como algo natural, afirma um prazer - inexistente e incoerente - de que mulheres gostam de ser violentadas⁶, tornando a prática do estupro algo

⁴ WILLIAMS, 1991, p. 3, tradução nossa. No original: pornography and horror films are two such systems of excess. Pornography is the lowest in cultural esteem, gross-out horror is next to lowest.

⁵ WILLIAMS, 1991, p. 4, tradução nossa. No original: the bodies of women figured on the screen have functioned traditionally as the primary embodiments of pleasure, fear and pain.

⁶ É importante ressaltar, porém, a presença de estudiosas e feministas que questionam a visão da mulher apenas como vitimizada diante da pornografia, como a autora Mariana Baltar, que analisa prazeres e atrações exibidas em produções pornográficas femininas.

“moderno, elegante e bonito” (p. 179). Linda Williams (1991) também discute tal afirmação. Para ela,

“Pornografia é a teoria e estupro é a prática” é bem conhecido (Morgan, 139). Implícito nesse slogan é a noção de que as mulheres são vítimas objetificadas das representações pornográficas, que a imagem das mulheres sexualmente eceásticas tão importante para o gênero é uma celebração da vitimização feminina e um prelúdio para vitimização feminina na vida real. (WILLIAMS, 1991, p. 5)⁷

A aceitação social destas produções violentas, como apontam pesquisas citadas sobre o número de acessos a sites pornográficos, dizem também sobre uma presente cultura do estupro que reforça e perpetua tais práticas. Conforme Pamela Fletcher (2010), o termo “cultura do estupro” expressa “um complexo de crenças que incentivam a agressão sexual masculina e apoia a violência contra mulheres [e meninas] (...) Uma cultura do estupro tolera o terrorismo físico e emocional contra mulheres [e meninas] e o apresenta como norma”⁸ (p. 1). Para a autora, esta “tendência global” em aceitar a violência sexual como sendo “normal e interminável” (p. 1) tem como efeito a ideia de que os corpos femininos - e também das crianças - “pertencem aos homens para serem tratados de acordo com suas vontades”⁹ (p. 1). Carrie Rentschler (2014) ainda sustenta que “o termo tem como alvo as práticas culturais que reproduzem e justificam a perpetração da violência sexual”¹⁰ (p. 67), aqui incluídas as produções pornográficas.

A mesma pornografia que retrata os corpos femininos violentamente, é, no entanto, justificada como sendo uma forma de comodidade que abre espaço e prioriza a expressão da sexualidade feminina, mas, para Wolf,

Na verdade, ela exhibe praticamente nenhuma. Ela censura as representações dos corpos femininos de forma tal que apenas as versões oficiais são visíveis. Em vez de vermos imagens do desejo feminino ou que atendam ao desejo feminino, vemos simulações com manequins vivas, forçadas a contorções e caretas, imobilizadas e em posições desconfortáveis sob holofotes, quadros profissionais que revelam pouco sobre a sexualidade feminina. (WOLF, 1992, p. 179).

⁷ WILLIAMS, 1991, p. 5, tradução nossa. No original: pornography is the theory, and rape is the practice” is well known (Morgan,139). Implicit in this slogan is the notion that women are the objectified victims of pornography representations, that the image of the sexually ecstatic women so important to the genre is a celebration of female victimization and a prelude to female victimization in real life.

⁸ FLETCHER et al, 2010, p. 1, tradução nossa. No original: a complex of beliefs that encourage male sexual aggression and supports violence against women [and girls]. (...) A rape culture condones physical and emotional terrorism against women [and girls] and presents it as the norm.

⁹ FLETCHER et al, 2010, p. 1, tradução nossa. No original: women and children’s bodies belong to men to treat according to their will.

¹⁰ RENTSCHLER et al, 2014, p. 67, tradução nossa. No original: the term targets the cultural practices that reproduce and justify the perpetration of sexual violence.

Silvia Federici (2017) reforça tal afirmação a partir do momento em que contextualiza a época da caça às bruxas, nos séculos XVI e XVII, quando a paixão sexual das mulheres já havia sido constituída enquanto “perigo público, uma ameaça à ordem social” (p. 343). Para a autora, era necessário demonizar e exorcizar a sexualidade feminina para que os homens não tivessem sua moral ou status financeiro arruinado, além de continuarem capazes de governarem a si mesmos - e aos outros. Essa demanda social pelo anulamento do sexo e prazer na vida das mulheres é, como mostra Federici, uma ação longínqua que, como vimos, se perpetua ainda nos dias atuais.

Falar sobre pornografia é, portanto, falar sobre mais uma forma de sexualização objetificante e escopofílica das mulheres, uma vez que o olhar masculino é carregado por prazeres estéticos, fetichistas e de dominação. A pornografia também mostra a opressão dos corpos femininos e da feminilidade, e trata a misoginia e subalternidade das mulheres de forma a naturalizá-las. Wolf (1992) afirma que a linguagem que as imagens sexuais passam é parcial e prejudicial à “confiança sexual e social” (p. 184) feminina, ao mesmo tempo em que preserva a masculina. Para a autora, “viver numa cultura na qual as mulheres estão rotineiramente nuas enquanto os homens não o estão equivale a aprender a desigualdade aos pouquinhos, o dia inteiro” (WOLF, 1992, p. 184).

Assim como o sexo é conceito fundante da pornografia, Laura Mulvey (1983) afirma que “o cinema dominante [também] codificou o erótico dentro da ordem patriarcal dominante” (p. 440), o que significa dizer que, para além da mídia, indústrias de mercados variados e da pornografia, o cinema é mais um meio de propagar a imagem inferiorizada da mulher. Para Mulvey, o resultado do que se vê nas telas é uma “obsessão psíquica da sociedade que o produziu” (p. 439). Ao mesmo tempo, é o cinema que apresenta, através de suas produções, outras maneiras de sentir prazer por aquilo que se vê.

Para Teresa De Lauretis (1984), a representação do corpo feminino no cinema é construída para que o mesmo seja olhado e desejado pelo sistema machista que rege o planeta. Assim como afirma Mulvey, De Lauretis também diz sobre a produção de sentido que o cinema proporciona. Para ela,

A noção semiótica de que a linguagem e outros sistemas de significação (por exemplo, sistemas visuais ou icônicos) produzem sinais, cujos significados são estabelecidos por códigos específicos, foi rapidamente visto como relevante para o cinema e, em particular, capaz de explicar como a imagem da

mulher foi construída pelos códigos de representação cinematográfica. (DE LAURETIS, 1984, p. 5)¹¹

Preparado de forma a representar regimes de equivalências e alteridades para com o real, o cinema mostra aquilo que já se manifesta no dia a dia. Para Mulvey (1983), o cinema dá força, nesse sentido, aos papéis que o homem estabelece e ocupa na sociedade. As semelhanças entre as narrativas apresentadas e o cotidiano fazem com que o espectador masculino se coloque, quase que literalmente, no lugar do homem construído na ficção. É ele quem vivencia as relações de poder mostradas nas telas - e fora delas. A autora ainda afirma que tais identificações e instintos resultam na “possibilidade de transcender o instintivo e o imaginário (...) O olhar, então, agradável na forma, pode ser ameaçador no conteúdo, e é a mulher, enquanto representação/imagem, que cristaliza este paradoxo” (MULVEY, 1983, p. 443).

Isso porque, para a autora, “a mulher representada dentro da ficção, e o olhar fixo do espectador mais os olhares dos personagens masculinos são tão bem combinados que não rompem com a verossimilhança da narrativa” (MULVEY, 1983, p. 445). As projeções dos olhares, fixos para as câmeras/espectadores, o caráter erótico presente na narrativa, as movimentações e ângulos construídos, além dos *close-ups* dos corpos, são práticas características para a composição de uma imagem feminina pré-estabelecida, que precisa oferecer a satisfação do desejo masculino, além de ganhar a aprovação de seus olhares.

Instruídas como um objeto, as mulheres têm seu prazer negado em ambos os momentos: ficção e realidade. Por ser uma construção social enraizada, não se percebe, na maioria das vezes, como as narrativas apresentadas reiteram tais idealizações o tempo todo. Para Linda Williams (1991), até mesmo os filmes de suspense/terror expõem a desvirilização feminina. A autora afirma que, nos filmes, os ataques e cenas do monstro com a mocinha acontecem em um “momento de antecipação sexual” (p. 11), quando ela está prestes a se encontrar com o namorado/amante. Para ela, “o ataque violento do monstro sobre as vítimas femininas vividamente decreta uma castração simbólica que muitas vezes funciona como uma espécie de punição para um exposição inoportuna do desejo sexual” (WILLIAMS, 1991, p. 11)¹².

Para Teresa De Lauretis, todas essas construções reclusam as mulheres em posições específicas. E as narrativas cinematográficas, nesse sentido, corroboram para a permanência

¹¹ DE LAURETIS, 1984, p. 5, tradução nossa. No original: The semiotic notion that language and other systems of signification (e.g. visual or iconic systems) produce signs, whose meanings are established by specific codes, was quickly seen as relevant to cinema and, in particular, capable of explaining how the image of woman was constructed by the codes of cinematic representation.

¹² WILLIAMS, 1991, p. 11, tradução nossa. No original: the monster's violent attack on the female victims vividly enacts a symbolic castration which often functions as a kind of punishment for an ill-timed exhibition of sexual desire.

desses mesmos lugares e discursos, mantendo o propósito do cinema dominante. Segundo a autora,

[...] o cinema dominante especifica a mulher em uma ordem social e natural específica, coloca-a em certas posições de significado, fixa-a em determinadas identificações. Representada como o termo negativo de diferenciação sexual, fetiche espetacular ou imagem especular, em todo caso ob-sceno, a mulher é constituída como o fundamento da representação, o espelho erguido para o homem. Mas, como indivíduo histórico, a espectadora também se posiciona nos filmes do cinema clássico como sujeito-espectador; ela está assim duplamente ligada àquela representação que a chama diretamente, engaja seu desejo, elicia seu prazer, enquadra sua identificação, e a faz cúmplice na produção de (sua) feminilidade. (DE LAURETIS, 1984, p. 15)¹³

Ainda sobre estereótipos e representações, é importante analisar, também, a maneira com que a arte enquadra os corpos femininos, uma vez que a mesma evidencia como a nudez erótica de caráter permissivo e objetificante contribui para a sensualização e subordinação da mulher. Para John Berger (1972), “toda imagem encarna um modo de ver, nossa percepção ou apreciação de uma imagem depende também do nosso próprio modo de ver”¹⁴ (p. 6), o que significa que as imagens são definidas, de acordo com o autor, através dos olhares e atribuições de sentidos daqueles/as que as constroem/captam.

Raquel Rebouças (2019) afirma que foi a partir do século IV a.C que os corpos nus femininos ganharam destaque em obras artísticas. Tais imagens reproduziam o que ainda hoje é exigido e considerado essencial à mulher: juventude e padrão estético corporal (sendo a carnalidade ou magreza). Segundo a autora, “essa preferência pelo nu feminino” (p. 19) é claramente evidente e se fundamenta em pesquisas já realizadas: “das imagens em que aparecem mulheres, em 44,3% dos casos elas estão nuas ou seminuas. Com os homens, por sua vez, isso só ocorre em 18,9% das imagens; no entanto, 48,2% dessas representações masculinas são de Jesus Cristo”¹⁵ (REBOUÇAS, 2019, p. 19). Tal fundamento expõe, assim como a afirmação de Naomi Wolf, a desigual representação dos corpos femininos e masculinos, além de apresentar, mesmo que implicitamente, suas consequências.

¹³ DE LAURETIS, 1984, p. 15, tradução nossa. No original: the dominant cinema specifies woman in a particular social and natural order, sets her up in certain positions of meaning, fixes her in a certain identification. Represented as the negative term of sexual differentiation, spectacle-fetish or specular image, in any case ob-scene, woman is constituted as the ground of representation, the looking-glass held up to man. But, as historical individual, the female viewer is also positioned in the films of classical cinema as spectator-subject; she is thus doubly bound to that very representation which calls on her directly, engages her desire, elicits her pleasure, frames her identification, and makes her complicit in the production of (her) woman-ness.

¹⁴ BERGER, 1972, p. 6, tradução nossa. No original: toda imagen encarna un modo de ver, nuestra percepción o apreciación de una imagen depende también de nuestro propio modo de ver.

¹⁵ Os números apresentados por Rebouças (2019) foram retirados de um levantamento de 2015, realizado pelos estudiosos Bruno Moreschi e Gabriel Pereira, e pela estudiosa Amália dos Santos, em uma análise de 11 livros utilizados nos cursos de graduação em Artes Visuais.

Berger (1972) afirma que se espera que o homem seja o espectador das figuras que retratam o nu feminino, e que por isso são feitas pinturas e imagens com o objetivo de agradar àquele que a vê. As mulheres são oferecidas - não somente pela arte - para que sejam contempladas através das perspectivas e óticas masculinas. São ofertados seus corpos, olhares, feminilidade e sexualidade como forma de reafirmar a objetificação através desses mesmos aspectos, além de torná-las sujeitas inativas e proibidas de se expressarem.

Para Rebouças (2019), a imagem feminina é normalmente marcada pelas posições dos corpos (deitados e presumivelmente confortáveis) e pelo olhar sensual e inocente da mulher (que se fixa no olhar do espectador). Berger (1972) complementa afirmando que as mulheres são exibidas para que o homem contemple da melhor forma possível seus corpos, uma vez que são mostrados por inteiro, frontalmente e nitidamente.

A autora afirma que “há uma ligação entre a estrutura da imagem e sua fruição no âmbito espetacular” (REBOUÇAS, 2019, p. 15), o que significa dizer que, assim como o cinema, a arte também aproxima o/a espectador/a do ícone feminino estereotipado, causando identificações e criando novas concepções sobre o feminino e seus corpos, além de definir seus lugares de pertencimento e reprimindo suas vozes e vontades.

Assim, é essencial trazer, aqui, um exemplo que ilustra o paradoxo das representações femininas na arte e seus efeitos nas cotidianidades de meninas e mulheres. Em setembro de 2020, os seguranças de um dos mais importantes museus franceses, o Museu d’Orsay, proibiram a entrada de uma mulher que, não entendendo o motivo do impedimento, supostamente violou as regras da instituição. Para os seguranças, a justificativa era clara: a mulher usava um decote grande demais para comparecer em um lugar onde, ironicamente, expõe “dois dos quadros com mulheres nuas mais famosos do mundo” (G1, 2020), *A Origem do Mundo*, de Gustave Courbet, e *O Almoço na Relva*, de Edouard Manet.

A objetificação do feminino forma um ciclo que incita determinadas representações, expectativas, ideais e práticas: à medida em que aquele corpo é formado com o intuito de ser visto como um objeto, o mesmo também é tratado socialmente, nas relações reais, como um. Nesse sentido, Raquel Rebouças afirma que

Em uma sociedade que teve desde os primórdios a imagem da mulher nua associada à objetificação (BERGER, 1999) e à pornografia (HUNT, 1999), esse tipo de “visão socializada” (ABRIL, 2012, p. 48) pode interferir na maneira como os corpos são percebidos. Talvez pelo fato de o nu erótico ser mais divulgado, o espectador corriqueiramente exposto a esse tipo de imagem tenha sido condicionado a enxergar o corpo feminino sob um viés objetificante, mesmo quando esse não parece ser o objetivo primordial. Assim, nas fotos do livro, ainda que essas mulheres não sejam expostas com ar

ingênuo ou insinuantes, submissas ou convidativas e que nem mesmo troquem olhares com o espectador (elementos tão habituais nos nus eróticos), a apresentação de seus corpos continuam a evocar carnalidade e a suscitar o erotismo. (REBOUÇAS, 2019. p. 118-119)

É possível perceber, a partir do estudo das representações dos corpos femininos em diferentes âmbitos, que tais produções e imagens são frutos de ideais e discursos misóginos socialmente aceitos e contribuem para a reincidência dos mesmos. Para Linda Williams,

Essa relação entre gêneros (feminino e masculino; obras de arte, textos, filmes e músicas), fantasias e estruturas de perversão ocorre na tentativa de relacionar fantasias originais ao contexto histórico e à história genérica específica. No entanto, uma coisa parece clara: “esses gêneros corporais ‘nojentos’” que podem parecer tão violentos e hostis para as mulheres não podem ser descartados como evidência de uma misoginia monolítica e imutável, como puro sadismo para espectadores masculinos ou masoquismo para as mulheres. (WILLIAMS, 1991, p. 12)¹⁶

Manter uma cultura sexista impede que as mulheres rompam com paradigmas sociais, dentre eles o de passividade, subalternidade e papel exibicionista. O principal objetivo dessas representações é continuar caracterizando os corpos das mulheres enquanto modelos para erotização visual e objetos a serem olhados (MULVEY, 1983). Segundo Raquel Rebouças (2019), o prazer masculino, além de resultar na violência e submissão feminina, precisa ainda controlar a sexualidade das mulheres “para cumprir um contrato que tem como finalidade vender ao espectador a imagem de seus corpos nus” (p. 26) e, além disso, se manter enquanto classe dominadora. Teresa De Lauretis ainda afirma que

A sexualidade feminina [cisgênero] é reduzida à função “natural” de ter filhos, em algum lugar entre a fertilidade da natureza e a produtividade de uma máquina. O desejo, como a simbolização, é propriedade dos homens, propriedade nos dois sentidos da palavra: algo que os homens possuem, e algo que os mesmos herdam, como uma qualidade. (DE LAURETIS, 1984, p. 20)¹⁷

Para além desta percepção, é preciso pensar também que todas as produções aqui abordadas contribuem para a continuidade e enrijecimento da dominação capitalista masculina (DE LAURETIS, 1984). É preciso sustentar a ideia dos padrões estéticos femininos (através, entre outras estratégias, da exposição de corpos sensuais) para que as indústrias da beleza e

¹⁶ WILLIAMS, 1991, p. 12, tradução nossa. No original: this relation between gender, genre, fantasy, and structures of perversion come in the attempt to relate original fantasies to historical context and specific generic history. However, there is one thing that already seems clear: “these ‘gross’ body genres which may seem so violent and inimical to women cannot be dismissed as evidence of a monolithic and unchanging misogyny, as either pure sadism for male viewers or masochism for females.

¹⁷ DE LAURETIS, 1984, p. 20, tradução nossa. No original: women's sexuality is reduced to the "natural" function of childbearing, somewhere in between the fertility of nature and the productivity of a machine. Desire, like symbolization, is a property of men, property in both senses of the word: something men own, possess, and something that inheres in men, like a quality.

cirurgia plástica não percam a lucratividade originada pelas mulheres consumidoras. Vale ressaltar também que tais indústrias estão imersas na lógica de funcionamento e opressão capitalista, que também atua de modo a manter as mulheres em casa, como mães. Esse sistema econômico, segundo Silvia Federici (2017), foi formado a partir da discriminação feminina e, para a autora, “a degradação das mulheres são condições necessárias para a existência do capitalismo em qualquer época” (p. 27).

Simultaneamente, a pornografia e a indústria cinematográfica também instruem e reiteram os lugares que podem ou não serem ocupados pelas mulheres: pessoas que têm sua sexualidade abdicada a favor do prazer masculino, ao mesmo tempo em que são obrigadas a permanecerem na esfera doméstica enquanto os homens mantêm-se na pública e política. Para Berger (1972), “nacer mulher é ter nascido para ser mantida pelos homens dentro de um espaço limitado e previamente designado” (p. 26)¹⁸.

Gayle Rubin (2017) ainda afirma que as mulheres têm seus papéis e posições atribuídas a partir do momento em que as culturas e ideologias presentes na sociedade vão de encontro com as relações de poder (a serem discutidas) da mesma. “Ela [mulher] só se transforma numa criada, numa esposa, numa escrava, numa coelhinha da Playboy, numa prostituta, num ditafone humano dentro de determinadas relações” (p. 2), afirma a autora. E é por isso que se faz seriamente necessário pensar e problematizar os “sistemas de relações” que posicionam as mulheres enquanto objetos oprimidos e subalternos aos homens.

¹⁸ BERGER, 1972, p. 26, tradução nossa. No original: nacer mujer ha sido nacer para ser mantenida por los hombres dentro de un espacio limitado y previamente asignado.

3. A Marcha das Vadias

Com cerca de 3 mil pessoas, a primeira Marcha das Vadias (*SlutWalk*) foi um dos importantes marcos sociais da luta feminista, realizada em janeiro de 2011 em Toronto, no Canadá. O intuito da marcha foi, inicialmente, dar ao policial canadense Michael Sanguinette uma resposta acerca de seu discurso machista sobre como as mulheres deveriam se vestir¹⁹. Para ele, “não se vestir como vadia” é uma forma eficaz de prevenir assédios e violências sexuais, e tal atitude seria, simplesmente, um dever das mulheres.

É importante ressaltar, nesse sentido, uma certa contradição entre as representações das mulheres em diversos meios e maneiras (discutidas no capítulo anterior) e a forma com que se espera que as mesmas se portem socialmente. De um lado, é visto e aceito que mulheres sejam objetos, construídos a partir de expectativas e parâmetros, para deleites e olhares masculinos. Ao mesmo tempo, estes mesmos padrões que moldam suas aparências na arte, cinema publicidade e pornografia, se invertem a partir do momento em que a liberdade feminina - ou, na verdade, o direito básico de se expressar - é acionada.

Figura 3: Marcha das Vadias em Florianópolis, 2015



Fonte: <http://g1.globo.com/brasil/fotos/2013/05/fotos-veja-protestos-da-marcha-das-vadias.html#F816014>. Acesso em: 1 de out. de 2019.

¹⁹ É interessante ressaltar, aqui, que algumas das primeiras organizadoras das Marchas (tanto em Toronto quando em determinadas cidades brasileiras), apesar de contrárias a tais afirmações, não se enxergavam enquanto feministas no movimento (algumas organizadoras, inclusive, reiteraram discursos machistas). Porém, a partir do fortalecimento dos protestos, bem como do entendimento das pautas que o mesmo carrega, pode-se perceber também uma maior aderência entre mulheres explicitamente feministas, sendo, hoje, um movimento conhecido expressamente pelos ideários e discursos que permeiam e estruturam o feminismo.

Carla Rodrigues (2017) afirma que tal contradição é, na verdade, conduta característica do machismo que rege as culturas, leis e ideologias no país com o intuito de perpetuar as mesmas. Para ela,

A plasticidade do machismo estrutural na sociedade brasileira consegue abrir espaço no mercado de trabalho e manter a desigualdade salarial entre homens e mulheres, criar leis contra violência doméstica e sustentar uma cultura de culpar a vítima pela violência, fazendo com que a discriminação das mulheres mude na aparência para não mudar na essência. (RODRIGUES, 2017)

E é ao pensar nestes cerceamentos das posturas e comportamentos das mulheres no âmbito da realidade social que a Marcha das Vadias ganhou força no Brasil. Ainda que tenha sido realizada em diversos outros países, como Estados Unidos, Uruguai, Portugal, Equador e Peru, foi no Brasil onde o movimento alcançou mais expressividade e força. A primeira Marcha do país foi realizada cerca de cinco meses depois daquela canadense, no dia 4 de junho de 2011, em São Paulo, além de outros numerosos protestos no mesmo ano, como em Brasília e Recife. No ano seguinte, outras 23 cidades, dentre elas Rio de Janeiro, Goiânia, Belo Horizonte e Curitiba, também foram marcadas pelo movimento.

Ainda que a Marcha das Vadias tenha tido uma forte constância em seus anos iniciais, pode-se dizer que alguns protestos marcaram negativamente o movimento. Em uma Marcha no Rio de Janeiro em 2013, por exemplo, dois integrantes do Coletivo Coiote fizeram intervenções, utilizando cruzeiros e imagens de santos, que simbolizavam contrariedade à religião católica, sendo tal performance o motivo pelo qual os protestos tiveram uma massiva repercussão negativa – já que, para além, essa Marcha fora realizada no mesmo dia e local da Jornada Mundial da Juventude, um evento realizado pela Igreja Católica. Além da denúncia da Marcha ao Ministério Público, as organizadoras do protesto (apesar de não estarem presentes no momento) também precisaram responder criminalmente pelo ato.

No entanto, o movimento ainda possui certa força. Apesar de não haver uma pesquisa que apresente a marcha e suas participantes em termos quantitativos, é possível perceber, através de redes sociais como Facebook²⁰ e Instagram²¹, uma participação ativa do movimento - também conhecido como “Coletiva das Vadias” - acerca de discussões atuais e organizações de encontros futuros, além da divulgação de Marchas que já aconteceram. O movimento teve seu último encontro em 2019 – e foi noticiado pela última vez no G1 em 2018 –, no Recife, e,

²⁰ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/coletivadasvadias/posts/?ref=page_internal. Acesso em 12 de outubro de 2019.

²¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivadasvadias/?hl=pt-br>. Acesso em 12 de outubro de 2019.

em 2020, a Coletiva das Vadias da cidade organizou um ato simbólico da Marcha, divulgando ações de colaboração e assistência para pessoas mais brutalmente afetadas durante a pandemia do novo coronavírus.

Vale ressaltar, brevemente, que o movimento foi, segundo Fabiana Martinez (2018), um dos primeiros a manifestar suas ações e difundir ideologias através de blogs e redes sociais. Para a autora, “a internet emerge como ponto referencial e constitutivo de redes e pontos de contato entre grupos e organizações feministas” (2018, p. 6) a partir dos anos 2000, sendo práticas estas que originaram o movimento atual da trajetória do feminismo no país (MARTINEZ, 2018).

Embora tais divulgações e postagens estejam concentradas, majoritariamente, no perfil citado, o movimento no Brasil é organizado por pessoas e formas diversas, além de seguirem vertentes feministas distintas, variando entre as cidades. Os coletivos (ou coletivas, como as participantes utilizam), porém, se baseiam em uma prática comum: falar sobre as agressões e constantes violências sofridas pelas mulheres - uma demanda fundante do movimento. Mas não significa que este seja o único tópico abordado pelas Marchas. Desde 2016, é possível perceber que as coletivas vêm se manifestando a favor de outras questões, como a legalização do aborto e a luta contra o feminicídio (BOENAVIDES, 2019).

Uma das características mais marcantes da Marcha é a maneira com que o corpo feminino se manifesta. Apesar de não ser uma regra, algumas mulheres protestam com os seios à mostra (outras, porém, com sutiã ou camisas), como forma de confrontar a fala do policial canadense e de todos aqueles e aquelas que seguem os ideais de culpabilização feminina pelas agressões que as mulheres sofrem. Além disso, o movimento é marcado também pelas frases escritas nos corpos das participantes, como “não estatize meu corpo nem meus sentimentos”, “livre”, “minha saia curta não me estupra” e “somos vadias”.

A Marcha das Vadias, contudo, é um dos muitos movimentos feministas no qual as mulheres se expressam através dos corpos seminus. Para Paula Sibilia (2015), as últimas décadas têm sinalizado novas demarcações sobre aquilo que é ou não aceito na esfera pública, como a sexualidade e, em especial, quanto à nudez dos corpos das mulheres. A autora diz que “(...) aderindo a certo ativismo de nova geração, mulheres de toda classe exibem-se nuas em nome de uma multiplicidade de causas consideradas ‘nobres’, tais como a ecologia, o direito à contracepção, a liberdade de expressão ou o respeito às diferenças culturais” (p. 172).

Figura 4: Marcha das Vadias no Rio de Janeiro, 2012



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/luizbaltar/7289602874>. Acesso em: 1 de out. de 2019.

Os corpos femininos no movimento carregam, para além das mensagens e palavras de ordem, as lutas por questões vistas como pertencentes ao âmbito privado. “O pessoal é político diz sobre a realidade vivida pela maioria das mulheres. Os protestos que articulam tal *slogan* reconhecem que as situações vivenciadas na vida particular de cada mulher afetam e são afetadas pelos discursos e culturas presentes na esfera pública. As relações de poder (a serem discutidas) são parte de um sistema patriarcal que busca reforçar os lugares subalternos ocupados pelas mulheres. Nesse sentido, enquanto manifestação que luta contra tal subalternidade, a Marcha das Vadias também é reconhecida dentro do movimento que afirma que “o pessoal é político”.

Essa luta contra preconceitos e apropriações patriarcais na Marcha das Vadias, por meio dos corpos e falas, é clara. Mas, para além, é importante pensar na mensagem que o movimento passa através do seu nome. “Se ser vadia é ser livre, então somos todas vadias”²², dizem as manifestantes na Marcha. Para Boenavides (2019), o termo “vadia” é mais um exemplo de nomeação e caracterização da classe dominante sobre os/as subalternos/as, pensado com o intuito de reforçar suas posições inferiores, além de comprovar “o direito de se apropriar” (p. 2). Por isso, a utilização do termo como nome do movimento é um recurso que subverte e ressignifica a palavra enquanto um “termo militante positivo” (p. 2), dando-a o sentido de liberdade, autonomia e empoderamento feminino.

É preciso, porém, observar o impacto efetivo - ou não - dessa ressignificação na sociedade, sendo uma das questões presentes na análise deste trabalho. Para além de pontuar

²² Disponível em: <https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>. Acesso em 13 de outubro de 2019.

como a Marcha das Vadias é formada e estabelecida nos meios sociais, se faz necessário estudar a maneira como o movimento é visto, socialmente e pela mídia, com o intuito de perceber semelhanças ou diferenças na forma como a Marcha se reconhece e como o mundo a enxerga. Apesar de ser noticiada em diversos veículos de comunicação, o movimento ganha notoriedade no portal de notícias G1, do grupo Globo, e é através dos comentários presentes nas matérias do veículo que nos debruçamos nas questões pautadas. Utilizaremos, para tal, o aporte teórico-metodológico da análise de construção de sentidos em redes digitais (HENN, 2014; MACHADO, 2018; GONZATTI, 2015), e da análise do discurso de linha francesa (BENETTI, 2016).

3.1 A politização do corpo feminino

Para falar sobre corpo político é preciso, inicialmente, abrir espaço para discutir a construção social do mesmo. Os corpos estão implicados em um ciclo de produção e modificação da cultura posta, além de serem afetados por ela. Ao mesmo tempo em que fabricam o conhecimento acerca daquilo que se é, efetivamente, os corpos são utilizados constantemente pela cultura como exemplos soberanos de como agir em diversos âmbitos, como os sociais, econômicos e políticos.

De acordo com Susan Bordo (1997, p. 19), o corpo é, para além de uma linguagem concreta sobre a qual é operada a cultura, “um lugar prático direto de controle social. De forma banal, através das maneiras à mesa e dos hábitos de higiene, de rotinas, normas e práticas aparentemente triviais, convertidas em atividades automáticas e habituais, a cultura ‘*se faz* corpo’, como coloca Bourdieu”. Nossos corpos estão imersos nas construções ideológicas da comunidade em que vivemos e, por isso, “são treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminidade” (BORDO, 1997, p. 20).

David Le Breton (2007) reitera tal fundamento dizendo que a sociologia do corpo, segmento da área que estuda as maneiras pelas quais os corpos se colocam - e são colocados - socialmente e culturalmente, “sugere que as ações que tecem a trama da vida quotidiana, das mais fúteis ou das menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade” (p. 7). De outro modo, o corpo humano origina e propaga os sentidos sociais pelos quais a comunidade e o sujeito/a se fazem guiar. Para Le Breton (2007), “através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade” (p. 7).

Essas construções sociais e culturais resultam na criação de uma normatividade, que deve ser seguida e respeitada por todos os corpos. Ao mesmo tempo, surge a categoria do/a “diferente”, sendo aqueles e aquelas que não se enquadram nestes mesmos perfis pré-estabelecidos. É a partir daí que a sociedade, imersa na ideia de normas e diferenças, passa a identificar os corpos a partir de condutas sociais e daquilo que se vê fisicamente e simbolicamente. Segundo Guacira Louro (2000), nós “treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos” a partir das mesmas (p. 8).

Tais classificações acerca dos corpos se estabelecem, nesse sentido, enquanto formas de controle e disciplina social. As diferentes ideologias e culturas presentes ao redor do mundo ampliam, através do preconceito estruturado e velado, as possíveis maneiras de se controlar um corpo, sendo uma delas a sexualidade. Segundo Jeffrey Weeks (2000), foi durante os anos 70 e 80 que “a sexualidade se tornou uma verdadeira questão política” (p. 37). Isso porque movimentos sociais como “o feminismo e a nova militância homossexual” (p. 37) foram identificados como as razões pelas quais o “bom comportamento” e a família estavam em declínio. Para o autor,

O dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (Foucault, 1993, p.101). [...] Trata-se do que ele [Foucault] denomina "bio-poder"; e a sexualidade tem aqui um papel crucial. Pois o sexo é o pivô ao redor do qual toda a tecnologia da vida se desenvolve: o sexo é um meio de acesso tanto à vida do corpo quanto à vida da espécie; isto é, ele oferece um meio de regulação tanto dos corpos individuais quanto do comportamento da população (o "corpo político") como um todo (Foucault, 1993). (WEEKS, 2000, p. 34-35).

Nesse sentido, é possível afirmar que os corpos femininos são construídos e moldados, como visto no capítulo anterior, a partir dos resultados que tal dispositivo provoca ainda hoje: como objetos sexualizados e subalternos. Ademais de representações voluptuosas fabricadas, o corpo da mulher também arca com as expectativas estéticas provindas da indústria da beleza. Bordo (1997) acrescenta dizendo que as mulheres se dedicam cada vez mais à disciplina dos seus corpos. Para ela,

Numa época marcada pela reabertura do âmbito público às mulheres, a intensificação de tais regimes parece diversionista e desmobilizadora. Através da busca de um ideal de feminidade evanescente, homogeneizante, sempre em mutação — uma busca sem fim e sem descanso, que exige das mulheres que sigam constantemente mudanças insignificantes e muitas vezes extravagantes da moda — os corpos femininos tornam-se o que Foucault chama de "corpos dóceis": aqueles cujas forças e energias estão habituadas ao controle externo, à sujeição, à transformação e ao "aperfeiçoamento". (BORDO, 1997, p. 20).

A autora ainda ressalta que os padrões de feminilidade impostos são ditados a partir das imagens construídas sobre o corpo feminino. Bordo (1997) afirma que “a feminidade em si tornou-se largamente uma questão de interpretação” (p. 24) e que ao invés das representações se adequarem individualmente ao ser - que possui particularidades corporais distintas -, elas são impostas através do próprio corpo, de forma generalista.

A mídia, cinema, televisão e pornografia, por exemplo, é uma das principais formas de reiterar o absolutismo da beleza vivenciado pelas mulheres. Tais veículos ditam as regras “por meio de imagens que nos dizem que roupas, configuração do corpo, expressão facial, movimentos e comportamento [ainda] são exigidos” (BORDO, 1997, p. 24). Por isso, é possível afirmar que a sexualidade afeta os corpos femininos (além dos corpos gays e negros, por exemplo) com maior frequência e de forma negativa.

Foucault (1988) conceitua a sexualidade enquanto um “dispositivo histórico”, uma vez que as normas e saberes produzidos acerca da mesma foram construídas (e ainda são) a partir das “normalidades” sociais vividas historicamente. À vista disso, Louro (2000) afirma que nossa sociedade é construída a partir de referências masculinas, heteronormativas e brancas e que, “desta forma, a mulher é representada como ‘o segundo sexo’” (p. 9). Portanto, a sexualidade, enquanto dispositivo disciplinar dos corpos e comportamentos, é utilizada baseando-se nos discursos, visões e culturas patriarcais presentes na sociedade. Tais cerceamentos são, nesse sentido, exercidos por meio das relações de poder estruturadas socialmente. Para Louro,

Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, "normais" (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. Eles falam por si e também falam pelos "outros" (e sobre os outros); apresentam como padrão sua própria estética, sua ética ou sua ciência e arrogam-se o direito de representar (pela negação ou pela subordinação) as manifestações dos demais grupos. Por tudo isso, podemos afirmar que as identidades sociais e culturais são políticas. As formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder. (LOURO, 2000, p. 9-10).

A autora ainda diz que os corpos, para além de serem determinados pelas relações de poder, reiteram, como consequência, as mesmas relações. Isso porque os discursos utilizados como referência estão presentes em diversos âmbitos sociais. Não somente pela cultura local em que se vive, mas também pela igreja, escolas, os diversos veículos midiáticos e, como exemplo atual brasileiro, pelo governo. O caráter pedagogizante de todas essas instâncias fortalece a crença em uma ideologia conservadora e limitante das diversas liberdades de expressões, além de consolidar cada vez mais uma cultura violenta e descomedida. Tais esferas,

segundo Bordo (1997), “sustentam posições de dominância e subordinação dentro de um âmbito particular” (p. 21).

A percepção do que é ou não político, no entanto, nem sempre se mostra clara. Louro (2000) afirma que por acreditarmos “que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política” (p. 18). Para Weeks (2000), as questões vivenciadas e permitidas no âmbito privado são sempre “controladas por valores maiores sobre o tipo de sociedade que queremos ver” (p. 56), permanentemente ponderada pelos caracteres patriarcais. Bordo (2000) ainda complementa tal afirmativa a partir do momento em que define que as singularidades dos corpos “aprisionam [os mesmos] em suas subjetividades, circunscrevem-na nos limites de sua própria natureza” (p. 10). Como resultado, os corpos subalternos são silenciados, dissimulados e segregados socialmente.

Bordo utiliza, como exemplo, o caráter biológico das mulheres enquanto seres que possuem útero e ovários²³. Nesse sentido, podemos pensar que os corpos femininos (cis) são vislumbrados socialmente enquanto corpos reprodutores da vida - mais criticamente, da mão de obra - e, conseqüentemente, adquirem atributos de como se portarem no cotidiano. Uma mulher deve, para além de ser mãe, estar reclusa na vida doméstica e privada, o que a impede de ingressar no mercado de trabalho e no âmbito político-público. Exemplos como esse ilustram as intrínsecas relações de poder, além de ressaltarem que os corpos e “os debates sobre a sexualidade são debates sobre a natureza da sociedade: tal sexo, tal sociedade” (WEEKS, 2000, p. 38).

Silvia Federici (2017) ainda afirma que o trabalho doméstico, assim como a discriminação e opressão feminina, foi - e ainda é - uma das bases para a solidez da construção e produção do capitalismo. A autora também diz que não existe, dentro do sistema capitalista, a possibilidade de trocas igualitárias entre homens e mulheres. Para Federici, “o compromisso com o barateamento do custo da produção do trabalho, ao longo do desenvolvimento capitalista, exige o uso da máxima violência e da guerra contra as mulheres, que são o sujeito primário dessa produção” (p. 14).

A politização dos corpos se dá, deste modo, a partir do momento em que atributos corporais ou comportamentos sociais, como a sexualidade e corpo biológico, são marcados pelas relações de poder instauradas e sustentadas pelas pessoas - em sua maioria, homens brancos, heteronormativos e de classe média alta. Os resultados provenientes dessas formas de controles sociais também afetam, diretamente, os corpos presentes na esfera privada. Na

²³ É importante ressaltar que a afirmação da autora é referente às mulheres cisgênero, não compreendendo ou abarcando as questões que envolvem a transgeneridade.

verdade, as relações de poder são exercidas de maneira a sustentar tais corpos no âmbito privado, para que os mesmos não conquistem a equidade nem subvertam a autocracia que os subalternam.

Ao mesmo tempo, Weeks afirma que os movimentos sociais que carregam o discurso de “uma nova política acerca da sexualidade (...) tem questionado muitas das certezas de nossas tradições sexuais, oferecendo novas compreensões sobre as intrincadas formas de poder e dominação que modelam nossas vidas sexuais” (p. 32). Para Louro,

Quando o poder é exercido sobre nosso corpo, "emerge inevitavelmente a reivindicação do próprio corpo contra o poder" (Foucault, 1993, p. 146). Buscamos, todos, formas de resposta, de resistência, de transformação ou de subversão para as imposições e os investimentos disciplinares feitos sobre nossos corpos. (LOURO, 2000, p. 15).

Tais ações de resistência são, dessa forma, exercidas como uma metáfora: o corpo que protesta fala sobre ele mesmo. Carla Gomes (2017) afirma que os corpos nos movimentos são “transformados em artefatos políticos” (p. 234) com o intuito de transmitir mensagens e causar os mais diversos efeitos. A autora ainda afirma, assim como mostra Weeks (2000), que o feminismo não é o único movimento que se apropria da ideia de utilizar o corpo para falar das consequências provindas de injustiças e relações de poder vivenciadas.

Em maior ou menor medida, todos os movimentos sociais politizam o corpo e incorporam a política. No feminismo, entretanto, o “corpo” é um articulador central dos repertórios políticos, um lugar discursivo onde as ativistas depositam uma multiplicidade de significados e projetos, constituindo uma gramática ao mesmo tempo compartilhada e disputada. (GOMES, 2017, p. 234)

Os corpos femininos são carregados de significações já impostas socialmente. Ser mulher, em diversos âmbitos, significa ser reduzida ao próprio corpo sexualizado e somente a ele ser referida. Significa estar a mercê dos estigmas atribuídos aos seus corpos. Os movimentos feministas - sendo a Marcha das Vadias trazida aqui, especificamente -, são marcados pelo uso dos corpos devido a uma historicidade patriarcal ainda vivenciada, na tentativa de subverter essas mesmas questões. Tais movimentos buscam, através de um engajamento político específico, reivindicar a não submissão das mulheres aos seus corpos enquanto objetos, simplesmente, além de falar que os mesmos sofrem com a violência, preconceito e rotulação.

Federici (2017) complementa tal proposição quando afirma que os corpos são, para as mulheres, “o principal terreno de sua exploração e resistência” (p. 34). Ao mesmo tempo, a autora afirma que a utilização do corpo, enquanto principal meio de propagação de uma mensagem com teor político-social, pode, também, ser uma forma de aprisionamento feminino.

“Para as mulheres o corpo pode ser tanto uma fonte de identidade quanto uma prisão, e por que ele tem tanta importância para as feministas, ao mesmo tempo que é tão problemática a sua valoração” (p. 34), diz.

O corpo nu na Marcha das Vadias fala, para além das questões apontadas acima, sobre a limitada liberdade das mulheres, provocada enquanto efeito dos controles sociais da sexualidade. Sendo assim, o posicionamento da Marcha enquanto um movimento que busca a independência feminina é evidente. Além disso, o investimento no corpo é a principal “mensagem” transmitida na manifestação, o que resulta “deliberadamente na produção de corpos políticos” (GOMES, 2017, p. 240). A autora ainda apresenta tópicos que caracterizam a Marcha, sendo um deles a atribuição de sentido “a problemas comumente percebidos como individuais ou naturais e os transformam em ‘problemas sociais’” (p. 240).

Essa dinâmica de ações, realizadas através da manifestação dos corpos nos protestos, é mais uma forma de evidenciar o caráter político dos mesmos e do movimento em si, uma vez que se percebe realidades presentes em âmbitos privados e as atribuem enquanto públicas. Um exemplo disso é a injusta divisão sexual do trabalho, que está presente na rotina das mulheres de maneira assídua. Flávia Biroli (2018) afirma que

A divisão sexual do trabalho está ancorada na naturalização de relações de autoridade e subordinação, que são apresentadas como se fossem fundadas na biologia e/ou justificadas racialmente. Em conjunto, as restrições impostas por gênero, raça e classe social conformam escolhas, impõem desigualmente responsabilidades e incitam a determinadas ocupações, ao mesmo tempo em que bloqueiam ou dificultam o acesso a outras. (BIROLI, 2018, p. 42)

Atribuir essa realidade nos protestos da Marcha enquanto resultante das relações de poder (uma vez que não se outorga aos homens as obrigações domésticas e os mesmos não são ensinados a cumprir com tais), é destacar a imprescindibilidade de construir ações de políticas públicas que derrubem ideologias e ofereçam equidade de direitos e oportunidades. Para Biroli (2018), debates como esse questionam a “despolitização na esfera privada” (p. 73), sintetizando, especialmente, “a crítica às relações de poder e de autoridade no âmbito doméstico familiar, seu caráter institucionalizado, a violência e a exploração que fazem parte do cotidiano e seus desdobramentos para as mulheres em outras esferas” (p. 73).

3.2 Raça, classe, corpos e nudez política feminina

A sexualidade, discutida anteriormente enquanto dispositivo efetivo de disciplina social, pode ser considerada como um dos muitos pontos de partida para as limitações e imposições sofridas pelas mulheres. No entanto, há também que se destacar que as discussões acerca da

raça, classe e dos corpos (magros ou gordos) se fazem intrínsecas às questões políticas e de politização dos corpos femininos, uma vez que são fatores determinantes na aceitação - ou falta dela - e submissão econômica-social desses mesmos corpos, caracterizadas como relações de poder.

Segundo Jeffrey Weeks, “há muitas estruturas de dominação e subordinação no mundo da sexualidade, mas três elementos ou eixos interdependentes têm sido vistos, atualmente, como particularmente importantes: os da classe, do gênero e da raça” (WEEKS, 2000, p. 38). Construído com base em opressões e relações de poder, Federici (2017) diz ainda que “o capitalismo, enquanto sistema econômico-social, está necessariamente ligado ao racismo e ao sexismo” (p. 37). Para a autora, as sujeitas e sujeitos a quem este sistema domina são partes intrínsecas à “rede de desigualdades” e de exploração construídas pelo mesmo.

Louro (2000) também afirma que as identidades de raça, classe, nacionalidade e geração estão ligadas e interferem diretamente na identidade sexual construída pessoalmente. Para ela, tais “marcadores são, portanto, perturbados ou atingidos, também, pelas transformações e subversões da sexualidade” (p. 21). Isso significa que para as pessoas, em específico as mulheres, de determinadas etnias, raças e classes, o controle social é ainda mais eficaz e velado. Louro ainda diz que tais “modos de vida”, construídos a partir das lógicas conservadoras, reafirmam conceitos e valores de superioridade e supremacia dos corpos brancos e ricos.

A falta de representatividade pode ser vista, nesse sentido, como um dos resultados dessa construção de subalternidade. bell hooks²⁴ (2000) afirma que tal *status* socialmente construído, especificamente o da raça, é evidente. Para ela,

Todas as mulheres brancas desta nação sabem que seu status é diferente da das mulheres negras/mulheres de cor. Elas sabem disso desde o momento em que são meninas assistindo televisão e vendo apenas suas imagens, olhando as revistas e vendo apenas suas imagens. Elas sabem que a única razão dos não-brancos estarem ausentes/invisíveis é porque eles não são brancos. Todas as mulheres brancas desta nação sabem que a brancura é uma categoria privilegiada. (hooks, 2000, p. 55)²⁵

hooks afirma que essa construção faz parte, intrinsecamente, de uma vivência machista estruturada pelo patriarcado - que, de acordo com a autora, é uma outra forma de nomear o “sexismo institucionalizado”. Para ela, “em troca de todos os benefícios que os homens recebem

²⁴ Utilizamos o nome da autora em letras minúsculas de acordo com o desejo da mesma.

²⁵ hooks, 2000, p. 10, tradução nossa. No original: All white women in this nation know that their status is different from that of black women/women of color. They know this from the time they are little girls watching television and seeing only their images, and looking at magazines and seeing only their images. They know that the only reason nonwhites are absent/invisible is because they are not white. All white women in this nation know that whiteness is a privileged category.

do patriarcado, eles são obrigados a dominar as mulheres, explorar e oprimir-nos, usando a violência se for preciso para manter o patriarcado intacto”²⁶ (p. 9). hooks ainda diz que muitos homens acham difícil se colocar nesta posição, mas a reproduzem por medo de perderem seus benefícios.

Nesse sentido, as mulheres brancas também exprimem tal privilégio. Para hooks (2000), o feminismo é conhecido e retratado a partir de uma visão atravessada pela cor e classe. A luta feminista, segundo a autora, se baseou na igualdade social com homens de uma mesma classe, coincidindo com o “capitalismo supremacista branco e patriarcal”²⁷ (p. 40). Por isso, as mulheres que detêm o privilégio da classe e raça também temem a perda de poder proveniente do mesmo. hooks afirma que o sistema dominante, no geral, receia que “o poder branco diminuiria se as pessoas não-brancas ganhassem igual acesso ao poder econômico e privilégio”²⁸ (p. 40).

Tais relações de poder resultam em uma desigualdade social presente dentro do próprio movimento feminista, enfraquecendo as marchas de resistência que buscam a equidade. Como consequência, acarretam também as práticas sociais das mulheres negras e pobres, estando diretamente ligadas à perda de seus direitos. hooks contextualiza tal afirmação dizendo que

À medida em que mais mulheres começaram a reivindicar oportunisticamente o feminismo nos anos 80 (sem sofrer a conscientização feminista que lhes permitiria desinvestir de seu sexismo), o pressuposto patriarcal de que os poderosos deveriam governar os fracos incorporaram suas relações com outras mulheres. Como mulheres, particularmente as mulheres brancas privilegiadas - anteriormente desprivilegiadas, começaram a adquirir o poder de classe sem desinvestir seu sexismo internalizado, intensificando as divisões entre mulheres. Quando mulheres de cor criticaram o racismo dentro da sociedade como um todo e chamaram a atenção para como o racismo moldou e informou a teoria e a prática feminista, muitas mulheres brancas simplesmente deram as costas à visão de irmandade, fechando suas mentes e seus corações. E isso foi igualmente verdadeiro quando se tratava da questão do classismo entre as mulheres. (hooks, 2000, p. 16)²⁹

²⁶ hooks, 2000, p. 9, tradução nossa. No original: In return for all the goodies men receive from patriarchy, they are required to dominate women, to exploit and oppress us, using violence if they must to keep patriarchy intact.

²⁷ No original: white supremacist capitalist patriarchal

²⁸ No original: (...) white power would diminish if nonwhite people gained equal access to economic power and privilege.

²⁹ hooks, 2000, p. 16, tradução nossa. No original: As more women begin to opportunistically lay claim to feminism in the '80s without undergoing the feminist consciousnessraising that would have enabled them to divest of their sexism, the patriarchal assumption that the powerful should rule over the weak informed their relations to other women. As women, particularly previously disenfranchised privileged white women, began to acquire class power without divesting of their internalized sexism, divisions between women intensified. When women of color critiqued the racism within the society as a whole and called attention to the ways that racism had shaped and informed feminist theory and practice, many white women simply turned their backs on the vision of sisterhood, closing their minds and their hearts. And that was equally true when it came to the issue of classism among women.

Os movimentos feministas, aqui incluída a Marcha das Vadias, são espaços para a reivindicação de direitos das mulheres, mas nem sempre alcançam e reconhecem as particularidades de cada uma. Isso porque as práticas sociais são, como pontuado anteriormente, acobertadas pelas relações de subalternidade de classe e raça. bell hooks traz o aborto como exemplo. Para a autora, as mulheres que detêm privilégios - sejam eles financeiros, de oportunidades ou de cor da pele -, têm acesso ao aborto seguro, além de disporem de uma maior aceitação dos seus direitos de escolha. Já as “massas de mulheres pobres e da classe trabalhadora” (p. 28), em sua maioria também negras, que representam 55% das ocorrências registradas por aborto entre 2007 e 2014³⁰, não compartilham do mesmo acesso, a menos que o governo disponibilize tais cuidados dos direitos reprodutivos.

Reivindicado de forma a dar voz para todas as mulheres, o direito ao aborto é uma das questões pautadas na Marcha das Vadias atualmente. O movimento integra e acolhe corpos femininos de diferentes classes, raças e gêneros à frente das diversas coletivas, mas, apesar disso, é preciso ressaltar, novamente, o termo “vadia”. Como dito anteriormente, a ressignificação deste termo foi feita com o intuito de dar e ele o sentido de liberdade e empoderamento. Porém, Carla Gomes (2017) afirma que

Enquanto para as brancas o termo pode ser ressignificado como “transgressão”, “libertação” e “autonomia” – logo, como produto de sua individualidade – para as negras reforçaria seu estigma de mulheres “hipersexualizadas” e “inferiores”, reafirmando o assujeitamento produzido pelas hierarquias sociais. (GOMES, 2017, p. 249)

A autora ainda afirma que o uso do termo “vadia”, em sua origem etimológica, remete às mulheres escravizadas e às prostitutas que não possuíam/possuem renda. Para Ana Flávia Pinto (2013), integrante do Coletivo Pretas Candangas, a expressão se faz controversa a partir do momento em que meninas e mulheres negras experienciam o tratamento negativo do termo “vadia” não apenas quando usem roupas curtas: “a negação do nosso direito ao próprio corpo independe das roupas que usamos”³¹ (PINTO, 2013), diz a estudiosa. Faz-se necessário, assim, que questões como o uso deste termo sejam abordadas de maneira crítica e problematizadas constantemente, uma vez que, para Paula Balduino, outra integrante do Coletivo, “falamos sobre como temos de enfrentar cotidianamente a sociedade hegemônica para mostrar que não

³⁰ Pesquisa realizada pelo Instituto de Estudos da Religião e apresentada no relatório “Violências contra mulher na internet: diagnóstico, soluções e desafios”, de 2017.

³¹ Disponível em: <https://pretascandangas.wordpress.com/2013/06/27/do-tragico-ao-epico-a-marcha-das-vadias-e-os-desafios-politicos-das-mulheres-negras/>. Acesso em: 21 de setembro de 2020.

somos vadias, que não temos a ‘cor do pecado’. Falamos que não queremos reivindicar o direito de ser vadias, mas sim de ser médicas, advogadas, doutoras” (CANDANGAS, 2013).

Para hooks (2000), enfrentar tais desigualdades é imprescindível na luta feminista, uma vez que “só poderíamos tornar-nos irmãs em luta confrontando as formas como mulheres - através do gênero, classe e raça - dominam e exploram outras mulheres, criando uma plataforma política que abordaria essas diferenças”³² (p. 3). Ynestra King complementa dizendo que

Um problema que as feministas culturais brancas, como outras feministas, não enfrentaram de modo adequado é que, ao celebrarem o que as mulheres têm em comum e enfatizarem as formas pelas quais elas são vítimas universais da opressão masculina, deixaram de abordar a real diversidade das vidas e das histórias de mulheres que se distinguem quanto à raça, classe e nacionalidade. Para as mulheres de cor, a oposição ao racismo e ao genocídio e o encorajamento do orgulho étnico são compromissos muitas vezes partilhados com homens de cor numa sociedade dominada pelos brancos, mesmo enquanto lutam contra o sexismo em suas próprias comunidades. Essas lealdades complexas, multidimensionais, e as situações de vida historicamente divergentes exigem uma política que reconheça essas complexidades. (KING, 1988, p. 137)

Os privilégios envoltos nas questões da raça e classe, apesar de latentes, não são os únicos que moldam a forma com que os corpos são vistos, seja socialmente ou na Marcha das Vadias. A magreza feminina também funciona como um dispositivo de controle social, diretamente relacionada aos corpos das mulheres. Para Naomi Wolf (1992), “a seita da perda do peso recruta as mulheres desde cedo, e os distúrbios da nutrição são seu legado. A anorexia e a bulimia são doenças do sexo feminino” (p. 240).

A autora afirma que preocupações acerca das dietas e magreza ganharam força a partir do momento em que as mulheres “invadiram” ambientes e esferas majoritariamente masculinas, por volta de 1920. Assim como a sexualidade, a ideia de padrão estético foi instituída com o interesse de reforçar o lugar de subalternidade do gênero feminino, uma vez que manteria os corpos das mulheres em constante vigilância, fazendo-nos preocupar com os padrões sociais e machistas, transformando “os corpos femininos nas prisões que seus lares já não eram mais” (p. 244). A autora ainda afirma que

(...) a gordura na mulher é alvo de paixão pública, e as mulheres sentem culpa com relação à gordura, porque reconhecemos implicitamente que, sob o domínio do mito [da beleza], os nossos corpos não pertencem a nós mas à sociedade, que a magreza não é uma questão de estética pessoal e que a fome é uma concessão social exigida pela comunidade. Uma fixação cultural na

³² hooks, 2000, p. 3, tradução nossa. No original: we could only become sisters in struggle by confronting the ways women - through sex, class, and race - dominated and exploited other women, and created a political platform that would address these differences.

magreza feminina não é uma obsessão com a beleza feminina mas uma obsessão com a obediência feminina. (WOLF, 1992, p. 247)

O controle dos corpos a partir da magreza é mais uma afirmação de que as mulheres, muitas vezes, são resumidas aos seus corpos e às práticas sociais dos mesmos. Um exemplo disso é uma pesquisa realizada pela revista *Glamour*, ressaltada no livro de Wolf, que mostra a predileção das mulheres em “perder entre cinco e oito quilos em detrimento do sucesso no trabalho ou no amor” (p. 245). O domínio e padronização dos corpos femininos foram enraizados de maneira tão resistente na sociedade que, ainda hoje, as mulheres também se vêm a partir dessas mesmas estigmatizações. Wolf ainda traz outros dados:

Em qualquer dia, 25% das mulheres estão fazendo regime, enquanto 50% estão terminando, desrespeitando ou iniciando um regime. Esse ódio a si mesma foi gerado com rapidez, coincidindo com o movimento das mulheres (...) Num recente estudo com colegas, 53% não estavam satisfeitas com o seu corpo já aos treze anos de idade; aos dezoito e acima dessa idade, 78% estavam insatisfeitas. (WOLF, 1992, p. 245)

A padronização de corpos magros também afeta, como coloca Wolf, as meninas. Pesquisas mais recentes, realizadas pela organização australiana *Pretty Foundation* mostra que, na verdade, meninas de 4 e 5 anos já sofrem com os padrões estéticos. Em entrevista à Revista *Crescer*, da Globo, a fundadora da organização sem fins lucrativos, Merissa Forsyth, apresenta que 38% das meninas de 4 anos estão insatisfeitas com seus corpos, e que 34% daquelas de 5 anos pretendem se limitar às dietas (CRESCER, 2019).

Pensar na magreza enquanto dispositivo de controle que influencia os corpos das mulheres já é algo que deve, necessariamente, ser problematizado. Nesse sentido, analisar como este mesmo dispositivo impacta na vida de meninas tão novas é, para além de substancial, assustador. O que se tem ensinado e mostrado a essas crianças? Como revogar tal ideia que fere e traumatiza os corpos femininos desde tão cedo? Para Merissa, as crianças são expostas aos padrões de formas sutis, através de familiares, livros, brinquedos e imagens. Como consequência, as mulheres aprendem, desde meninas, o que deve ser - e é - valorizado enquanto mulheres.

Para Naomi Wolf (1992), o dispositivo da magreza, assim como a sexualidade, as questões de raça e classe e os padrões estéticos, são incorporados e coagidos socialmente uma vez que o patriarcado teme a perda do poder, como também aponta bell hooks (2000), reprimindo a liberdade dos corpos femininos. Wolf afirma que

Os regimes das mulheres passaram a ser o que Judith Rodin, psicóloga de Yale, chama de "obsessão normativa" (...) As nações se agarram a esse melodrama com uma atenção compulsiva porque homens e mulheres compreendem que ele

não trata do colesterol, dos batimentos cardíacos ou do fim de um estilo de confecção, mas, sim, do grau de liberdade social que as mulheres cederão ou que lhes será permitido. A análise comovida da eterna saga da gordura feminina e da batalha para derrotá-la consiste, na verdade, em boletins de uma guerra sexual: o que as mulheres estão ganhando ou perdendo nessa guerra, e com que rapidez. (WOLF, 1992, p. 247-248)

As discussões feitas neste capítulo mostram que tal “guerra sexual”, definida por Wolf, é constante e vigorosa. Mas para além, o sistema dominante e opressor vigente se faz ainda mais ditador para os corpos femininos negros, pobres, gordos, trans e lésbicos, que são atravessados pelas crenças cotidianas da sociedade. Uma vez que os preconceitos e imposições são enraizados na cultura do país, também é possível afirmar que o absolutismo deste sistema é utilizado para uma maior ou menor aceitação dos corpos femininos, independente do meio em que se encontra.

Mesmo quando mulheres de cor, de classe média baixa ou gordas se fazem presentes em movimentos que respeitam todos os corpos e que não reforçam preconceitos, como na Marcha das Vadias, seus corpos são colocados em xeque. De fato, essas características e realidades são fatores determinantes para a aprovação, receptividade e respeito - ou não - destas pessoas. A visão de anormalidade e indisciplina dos corpos historicamente subalternos será sempre ressaltada, mediante a ideologia da dominação, fazendo com que tais mulheres sejam apontadas, ridicularizadas e desprezadas.

4. O patriarcado nas redes

Pensar e analisar a objetificação dos corpos femininos na pornografia, arte, publicidade e em outras indústrias e ambientes é, certamente, perceber uma historicidade enraizada destas representações. Neste momento, porém, se faz cada vez mais urgente olhar para outras esferas que apresentam marcas de uma dominação masculina sempre existente e, hoje, percebida em novas cotidianidades.

Como dito em capítulos anteriores, muitos movimentos feministas têm se organizado e promovido suas ideologias através de meios online desde os anos 2000 (MARTINEZ, 2008), uma vez que as “tecnologias digitais” (p.7) têm se apresentado com mais frequência a partir de então. Por isso, é importante pensar como tais movimentos - além dos corpos femininos - também são caracterizados neste ambiente, posto que “[neste] contexto dos ambientes digitais, surge uma nova persona, os haters - odiadores, que serão responsáveis por incitar a violência e o ódio e, conseqüentemente, estimular o crescimento e exposição de estigmas sociais” (AMARAL, COIMBRA, 2015, p. 295).

Para Felipe Machado *et al* (2018), estes “espaços sociais” online abrangem “sentimentos, tendências, interesses e intenções das mais diferentes pessoas” (p. 393). Tal multiplicidade pode ser explicada - como sendo um dos fatores - pelo aumento do acesso e uso da internet em determinadas regiões e por pessoas no Brasil. Em uma pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), em 2018, o percentual de brasileiras e brasileiros que utilizam a internet chegou a 70%, o que corresponde a 126,9 milhões de pessoas (G1, 2019).

Destas, a grande maioria é composta por jovens entre 20 a 24 anos. Além disso, 49% das moradoras/es da zona rural possuem acesso à internet, um aumento de 5% quando relacionado ao ano de 2017. Já as regiões urbanas apresentam um número maior, com 74% da população conectada. A camada mais pobre também tem maior acesso às redes: 48% das pessoas que se inserem nas classes D e E estão na internet, cerca de 6% a mais com relação ao ano anterior à pesquisa. No geral, 67% dos domicílios brasileiros têm acesso online, o que equivale a 46,5 milhões de usuárias/os.

Diante deste cenário, é possível perceber que, ao mesmo tempo em que existe um contínuo crescimento do acesso à internet pela sociedade, são ampliados também os crimes cometidos online. De acordo com o relatório especial da ONU sobre violência contra a mulher, produzido no ano de 2017, a internet é utilizada cada vez mais como um espaço para amplificar diferentes vozes, como aquelas presentes em movimentos feministas, e tais ações violentas se

apresentam “como resposta a esta tendência” (CODING RIGHTS; INTERNETLAB, p. 11). O relatório ainda traz alguns dados:

De acordo com a ONG Safernet do ano de 2016, as violações de Direitos Humanos registradas por vítimas no portal foram (por ordem de ocorrência): Cyberbullying/Ofensa (312); Sexting/Exposição Íntima (301); Problemas com dados pessoais (273); Conteúdos de ódio/violentos (128) e Fraudes/Golpes/E-mails falsos (109). (CODING RIGHTS; INTERNETLAB, 2017, p. 12)

Mais especificamente, é preciso olhar a quem se direcionam tais violências. Em um relatório de 2015, a Comissão de Banda Larga da ONU apresentou outros dados significativos: segundo ele, “73% das mulheres já foram expostas ou sofreram alguma forma de violência online, no que ainda deve ser considerado uma tecnologia relativamente nova e crescente”³³ (UN BROADBAND COMMISSION, p. 2). Assim como o anterior, este documento explicita o fato de que o alcance e o rápido crescimento das tecnologias da comunicação, além da “ampla difusão das mídias sociais”³⁴ (p. 1), apresentaram novas oportunidades para que a violência contra mulheres - e meninas - acontecesse. Donna Zuckerberg (2018) também fala sobre a misoginia presente nesses meios:

As mídias sociais levaram a uma democratização sem precedentes da informação, mas também criaram oportunidades para homens com ideias antifeministas de transmitir seus pontos de vista a mais pessoas do que nunca - e espalhar teorias da conspiração, mentiras e desinformação. A mídia social elevou a misoginia a níveis totalmente novos de violência e virulência. Hoje, qualquer pessoa que não queira se tornar um eremita digital certamente encontrará esses homens online. (ZUCKERBERG, 2018, p. 3)³⁵

Embora as redes sociais sejam, atualmente, um dos espaços que mais apresentam tais “violências cibernéticas” - através de comentários agressivos em páginas de movimentos, coletivos ou em perfis pessoais, por exemplo - é possível perceber que “esses homens”, como cita Zuckerberg (2018), estão presentes em muitos outros ambientes virtuais públicos que, assim como as redes, oferecem espaço para interação. Citando o objeto deste estudo, a Marcha das Vadias, observa-se um maior número de comentários misóginos em reportagens referentes

³³ UN BROADBAND COMMISSION FOR DIGITAL DEVELOPMENT, 2015, p. 2, tradução nossa. No original: 73% of women have already been exposed to or have experienced some form of online violence in what must still be considered a relatively new and growing technology.

³⁴ UN BROADBAND COMMISSION FOR DIGITAL DEVELOPMENT, 2015, p. 1, tradução nossa. No original: wide diffusion of social media.

³⁵ ZUCKERBERG, 2018, p. 3, tradução nossa. No original: Social media has led to an unprecedented democratization of information, but it has also created the opportunity for men with antifeminist ideas to broadcast their views to more people than ever before—and to spread conspiracy theories, lies, and misinformation. Social media has elevated misogyny to entirely new levels of violence and virulence. Anyone today who does not intend to become a digital hermit is guaranteed to encounter these men online.

ao movimento do portal de notícias G1 do que nas publicações de sua própria página no Facebook³⁶.

Tal “violência cibernética”, como aponta o relatório da Comissão de Banda Larga da ONU (2015), pode ser reconhecida enquanto “discurso de ódio (publicação de uma difamação blasfema), hackers (interceptando comunicações privadas) roubo de identidade, perseguição on-line (assédio criminal) e ameaças”³⁷ (p. 6). Diante deste cenário, o documento também afirma que mulheres que possuem entre 18 e 24 anos correm maiores riscos de serem expostas por todo e qualquer tipo de violência online, além de serem prováveis vítimas de outros assédios, como o físico e moral.

É importante ressaltar outro dado: segundo pesquisa realizada pela BBC World e *GlobeScan*³⁸ em 17 países durante o ano de 2014, 85% das 2.200 mulheres acreditam que a internet “proporciona mais liberdade” (p. 18). Tal porcentagem, no entanto, pode apresentar um declínio a partir do momento em que meninas e mulheres continuam sendo assediadas e ameaçadas neste mesmo universo. Podemos inferir, diante deste cenário, que a violência online contra mulheres incentiva a destituição da liberdade feminina na internet, sendo este mais um espaço onde a dominação masculina se faz presente.

Apesar de maior autonomia e agenciamento nos dias atuais, as mulheres ainda são, como apresentamos em capítulos anteriores, coagidas a abrirem mão de suas liberdades em diversos ambientes: se veem presas aos olhares masculinos, sem a liberdade de manifestar vontades próprias; se veem presas aos estereótipos femininos, sem a liberdade de escolha frente aos padrões de beleza. Dessa forma, incorporar a depreciação das mulheres ao ambiente digital é mais um meio para o controle de seus corpos, posto que a violência cibernética impede o acesso e a liberdade de expressão dos mesmos. Como consequência, tais ações também impedem que alcancemos um mundo mais igualitário. Segundo o relatório de 2015,

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que estabelecem as prioridades globais de desenvolvimento para os próximos 15 anos, incluem um objetivo sobre igualdade de gênero, que coloca o acesso das mulheres à tecnologia para seu empoderamento como um dos principais indicadores de progresso. Para que isso seja realizado, todas as partes interessadas devem tomar ações aceleradas para garantir uma internet mais segura para as

³⁶ Tomamos como exemplo, nesta comparação, a página da Marcha das Vadias de São Paulo. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/MarchaDasVadiasSP/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 20 de mar. de 2020.

³⁷ UN BROADBAND COMMISSION FOR DIGITAL DEVELOPMENT, 2015, p. 6, tradução nossa. No original: hate speech (publishing a blasphemous libel), hacking (intercepting private communications), identity theft, online stalking (criminal harassment) and uttering threats.

³⁸ Pesquisa apresentada no relatório de 2015 da Comissão de Banda Larga da ONU.

gerações presentes e futuras - uma internet sem violência endêmica contra mulheres e meninas. (UN BROADBAND COMMISSION, 2015, p. 4)³⁹

Um dos fatores que mantêm tais violências é a não responsabilização daqueles que as cometem, uma vez que as ferramentas do âmbito jurídico não se mostram capacitadas o suficiente. O relatório ainda sustenta que “as barreiras sociais, as limitações do recurso legal e outros fatores dificultam o acesso à justiça para muitas mulheres, particularmente para aquelas que vivem na pobreza”⁴⁰ (UN BROADBAND COMMISSION, 2015, p. 2). Algumas medidas, nesse sentido, se fazem necessárias: em um primeiro momento, é importante que estratégias preventivas façam parte da educação social de toda a comunidade. Ademais, a garantia de espaços online seguros, exigindo a “atenção e participação ativa da indústria (porteiros digitais), sociedade civil e governos”⁴¹ (p. 3), além de leis que imponham consequências efetivas aos autores.

Como exemplo de possíveis ferramentas brasileiras utilizadas para punições de violências cometidas online, o relatório especial da ONU (2017) indica a lei Antirracista (Lei nº 7716/1989) e o Código Penal Brasileiro (1940), além de também dispormos da Lei Carolina Dieckmann (Lei nº 12.732/2012) - que tipifica determinadas condutas no ambiente digital como infrações - e a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei nº 13.709/2018). Além disso, ressalta também que “atualmente, há discussão sobre a ‘federalização’ dos crimes que estejam associados à propagação de conteúdos de ódio ou misóginos, sob o argumento de que a mesma tem repercussão interestadual ou internacional (pressuposto da atuação da polícia federal)” (p. 38). Isso porque essa instituição policial disporia de maiores recursos técnicos durante as investigações.

Apesar de ter conhecimento sobre tal discussão e sobre o então projeto de lei - referente a ela - que circulava no Senado em 2017, o relatório não pôde, pelo fato de ser sido realizado no mesmo ano, informar sobre as medidas tomadas no Brasil no ano seguinte. Foi em março de 2018 que a chamada “Lei Lola” alterou a lei nº 10.446/2002, com o intuito de que os crimes de ódio (e de propagação do mesmo) dirigidos às mulheres no meio digital fossem acrescentados

³⁹ UN BROADBAND COMMISSION FOR DIGITAL DEVELOPMENT, 2015, p. 4, tradução nossa. No original: The Sustainable Development Goals (SDGs) establishing the global development priorities for the next 15 years includes a goal on gender equality, which places women’s access to technology for their empowerment as one of the core indicators for progress. For this to be realized, all stakeholders must take accelerated actions to ensure a safer, more secure Internet for present and future generations – one without endemic VAWG (violence against women and girls).

⁴⁰ UN BROADBAND COMMISSION FOR DIGITAL DEVELOPMENT, 2015, p. 2, tradução nossa. No original: Societal barriers, the limitations of legal recourse and other factors hamper access to justice for many women, particularly for girls and women living in poverty.

⁴¹ UN BROADBAND COMMISSION FOR DIGITAL DEVELOPMENT, 2015, p. 3, tradução nossa. No original: resources, attention and active participation of industry (digital gatekeepers), civil society and governments.

à lista de infrações investigadas pela Polícia Federal. Antes dela, a PF poderia atuar somente em crimes como formação de cartel, sequestro e violação dos direitos humanos (a partir do momento em que houvesse impacto interestadual ou internacional).

A Lei Lola (lei nº 13.642/18) foi sancionada em abril de 2018 e carrega consigo a história de Lola Aronovich, professora de Literatura em Língua Inglesa na Universidade Federal do Ceará (UFC) e autora do blog feminista *Escreva, Lola, escreva*⁴². Seu blog foi criado em 2008, mas foi em 2011 que Lola soube da existência de grupos que a depreciavam enquanto mulher feminista. Dois anos depois, em 2013, a professora passou a receber ainda mais ofensas e ameaças de morte. Em uma matéria publicada no site *The Intercept Brasil*, ela conta que

As ameaças eram diárias, mensagens do tipo (...) “Sonho todos os dias com essa gordona escrota morta, até imprimir uma foto dessa maldita e coleí na minha porta e fico apontando minha 9mm pra foto dela. Essa desgraçada precisa ser parada por um homem sancto, se ela quer ser mártir das misândricas, então ela será”, e “Vou cravar a Lola de balas, sei q estamos ameaçando-a faz tempo, mas o dia da retribuição chegará. Nosso sancto wellington agiu sob nossas orientações”. (ARONOVICH, 2018)

As ameaças sofridas por Lola decorrem de integrantes de uma comunidade misógina presente na internet, e foi depois da criação de seu blog - e pelas mensagens e ideologias que o mesmo ecoa - que Lola passou a ter conhecimento da *manosphere* (manosfera⁴³, em tradução livre). Para Stephanie Greenberg et al. (2020), as origens da manosfera podem ser relacionados ao *Men's Liberation Movement* (Movimento de Libertação dos Homens, em tradução livre), que aconteceu durante as décadas de 60 e 70, e seus princípios. Segundo as autoras, a manosfera é “um conglomerado de movimentos misóginos predominantemente baseados na web (...) caracterizada por um volume de discursos de ódio apreciavelmente mais alto do que outras comunidades”⁴⁴ (GREENBERG et al., 2020, p. 1).

Donna Zuckerberg (2018), em um trabalho que analisa uma comunidade estadunidense específica da manosfera, o *Red Pill*, traz mais detalhadamente as definições e características desses usuários. Segundo ela,

Essas comunidades online conectam um grande grupo de homens cisgêneros - isto é, homens cuja identidade se alinha ao sexo a que foram designados ao nascerem - unidos pela crença de que os homens cisgêneros masculinos são discriminados por nossa sociedade feminizada (“ginocêntrica”) e devem

⁴² Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com/>. Acesso em: 23 de março de 2020.

⁴³ Existem, porém, outras traduções possíveis para o conceito, como “homensfera”, utilizada pelo jornalista Jordi Colomé em sua matéria para o jornal *El País Brasil*, disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-02-07/incels-machos-atras-de-mulher-a-incontrolavel-ascensao-dos-ninhos-de-machismo-na-internet.html>. Acesso em: 23 de março de 2020.

⁴⁴ GREENBERG, 2020, p. 1, tradução nossa. No original: a conglomerate of predominantly Web-based misogynist movements (...) characterized by a volume of hateful speech appreciably higher than other Web communities.

apoiar uns aos outros. Algumas pesquisas autorreferidas na comunidade sugerem que mais de três quartos desses homens são brancos, heterossexuais, politicamente conservadores, não têm forte afiliação religiosa e têm entre dezoito e trinta e cinco anos. Embora existam movimentos de homens similares em outros países, bem como grupos nacionalistas de extrema-direita, esses homens estão resolutamente focados nas preocupações dos homens nos Estados Unidos. (ZUCKERBERG, 2018, p. 11-12)⁴⁵.

A “internet masculina”, termo definido por Manoel Ribeiro em sua pesquisa apresentada em uma reportagem do jornal *El País*, pode ser classificada, segundo o mesmo, em quatro grupos principais: os artistas do xaveco (*Pick-Up Artists*), uma comunidade que apresenta “técnicas, estratégias e mentalidades que ajudam os homens a escolher e namorar mulheres”⁴⁶ (GREENBERG et al., 2020, p. 2); os ativistas dos direitos dos homens (*Men’s Rights Activists - MRAs*); os chamados celibatários involuntários (*Incels*), grupos que apresentam um forte sentimento de objeção às mulheres; e os homens que seguem seus próprios caminhos (*Men Going Their Own Way - MGTOWs*). De acordo com o jornalista da reportagem, Jordi Colomé, “os pesquisadores encontraram provas da maior popularidade hoje entre incels e MGTOWs, onde, além disso, o discurso de ódio contra as mulheres é mais acentuado” (EL PAÍS, 2020).

De acordo com Zuckerberg (2018), os usuários das comunidades da manosphere agem baseando-se no entendimento de que a sociedade é injusta para com os homens brancos heterossexuais e, portanto, favorece as mulheres (p. 1). Nesse sentido, se faz necessária, dentro destas comunidades, a construção de uma rede de apoio e solidariedade entre os usuários, como mostrado por Zuckerberg (2018), com o intuito de combater a ilusão da dominação masculina que, para seus seguidores, é construída socialmente para manter e garantir a opressão supostamente sofrida pelos homens.

Dessa forma, é possível perceber uma forte presença destes membros em redes sociais. As chamadas “*troll storms*” por Zuckerberg (2018) se referem a um “furacão de abusos digitais direcionado àqueles com o infortúnio de atrair atenção”⁴⁷ (p.2). Segundo a autora, os homens destas comunidades estabelecem uma alta e regular presença em meios digitais que abordam questões relacionadas ao gênero e sexo. Tais comportamentos ordenados são vistos, por

⁴⁵ ZUCKERBERG, 2018, p. 11-12, tradução nossa. No original: These online communities connect a large group of cisgender men—that is, men whose identity aligns with the sex they were assigned at birth—united by the belief that masculine cisgender men are discriminated against by our feminized (“gynocentric”) society and must support each other. A few self-reported surveys within the community suggest that more than three quarters of these men are white, heterosexual, politically conservative, have no strong religious affiliation, and are between the ages of eighteen and thirty-five. Although there are similar men’s movements in other countries, as well as similar far-right nationalist groups, these men are resolutely focused on the concerns of men in the United States.

⁴⁶ GREENBERG, 2020, p. 1, tradução nossa. No original: techniques, strategies, and mindsets that help men pick up and date women.

⁴⁷ ZUCKERBERG, 2018, p. 2, tradução nossa. No original: hurricane of digital abuse aimed at those with the misfortune to attract attention.

exemplo, no portal de notícias G1, do grupo Globo. Em reportagens referentes à Marcha das Vadias, objeto de estudo deste trabalho, encontramos um grande número de comentários misóginos - que serão analisados no próximo capítulo.

Os denominados *trolls* - grupos que utilizam a internet para comentários sistêmicos e maldosos - “fazem parte do cenário da internet há décadas”⁴⁸ (ZUCKERBERG, 2018, p. 14). Para Raquel Recuero (2013), o *troll* é aquele que ameaça e ridiculariza o outro e, baseando-se nos estudos de Zago (2012) e Krapitz (2012), busca se envolver em discussões com o intuito atingir as pessoas através de ofensas e críticas, e, segundo Valquíria Michela John (2020, p. 6) na maioria das vezes, evidenciando seus “posicionamentos político-partidários, ideológicos, socioculturais que podem estar marcados por práticas efetivas de ódio, preconceito e várias formas de intolerância”. Bailey Poland (2016), no entanto, fala sobre como a sociedade realmente enxerga estes grupos:

Trolling é o termo mais comum para as táticas de dominação online. Enquanto o *trolling* se originou como uma tentativa de interromper as conversas na sala de bate-papo ou no quadro de mensagens (muitas vezes fazendo, deliberadamente, comentários racistas, sexistas ou de outra forma depreciativos ou simplesmente preenchendo salas de bate-papo com spam), e enquanto ainda é caracterizado como alguém engajado casualmente ou por brincadeira em comportamentos antissociais, o ato de “trollar” ganhou novos significados. O assédio e abuso online são muitas vezes chamados de nada mais que *trolling* e retratado como uma atividade sem objetivo - sem sentido, juvenil e, por fim, o resultado de brincadeiras inofensivas. (POLAND, 2016, p. 17)⁴⁹

Estes ataques em massa são, evidentemente, numerosos e podem ser relacionados às violências cibernéticas citadas no relatório da ONU (2015), além de se manifestarem de outras formas. Donna Zuckerberg (2018) cita três delas: *gaslighting* (tática que envolve abusos emocionais e psicológicos com o intuito de impor às mulheres uma única visão - a do abusador. As informações podem ser omitidas ou inventadas, de maneira com que a mulher duvide de sua própria sanidade e/ou conhecimento); *revenge porn* (quando um/a ex-parceiro/a compartilha fotos ou vídeos sem o consentimento da pessoa, a fim de constrangê-la); e *doxxing* (quando as informações pessoais da vítima são divulgadas, como número de telefone e endereço).

Lola Aronovich - e seu marido, Silvio - foram vítimas de uma dessas práticas virtuais. Em 2015, um site expôs fotos suas, endereço e telefone pessoais. “O objetivo confesso de

⁴⁸ ZUCKERBERG, 2018, p. 2, tradução nossa. No original: have been part of the internet landscape for decades.

⁴⁹ POLAND, 2016, p. 17, tradução nossa. No original: “Trolling” is the most common term for online domination tactics. While trolling originated as an attempt to disrupt chat room or message board conversations (often by making deliberately inflammatory racist, sexist, or otherwise derogatory remarks or by simply filling chat rooms with spam), and while it is still characterized as someone casually or jokingly engaging in antisocial behaviors, the act of trolling has taken on new meanings. Online harassment and abuse are often called nothing more than trolling and portrayed as an aimless activity— pointless, juvenile, and ultimately the result of harmless pranks.

Marcelo era que o ‘gado’ me reconhecesse na rua e me linchasse”, conta na já citada reportagem publicada pelo *The Intercept Brasil*. Marcelo Valle Silveira Mello, homem citado por Aronovich, é a personificação dos membros de comunidades da manosphere. “Além de detestar meninas, detestava negros, gays e esquerdistas em geral”, afirma a professora.

Além de criar várias comunidades misóginas em redes sociais, Marcelo integrou-se a fóruns anônimos, também conhecidos como chans. No Brasil, o termo *Men’s Rights Activists - MRAs* - foi adaptado para “masculinistas”, se referindo aos “ativistas dos direitos dos homens”. Segundo Lola Aronovich (2018), essas pessoas “começaram a se juntar [no país] a partir de 2005 em comunidades no Orkut como ‘O Lado Obscuro das Mulheres’ e ‘Mulher Só Gosta de Homem Babaca’”. A demasiada criação de sites para discursos de ódio e de novos fóruns anônimos, além das constantes ameaças e violências virtuais, fizeram com que, em 2018, logo após a sanção da Lei Lola, Marcelo Mello fosse preso⁵⁰ pela Operação Bravata e condenado a 41 anos de prisão.

Ainda que esteja cumprindo suas punições desde 2018, Marcelo agiu com certa liberdade por cinco anos. Segundo Aronovich (2018), ela, seu companheiro e mãe sofreram ataques e ameaças já em 2011, não só de Marcelo, mas também provenientes de outros masculinistas. É importante pensar, diante deste cenário, nesta permissão social para a prática de violências - não só virtuais. Como coloca Lola Aronovich (2018) em sua reportagem para o *The Intercept Brasil*, “Marcelo é cria da classe média-alta de Brasília”, além de homem hétero, cisgênero e branco.

Tais atributos, como já discorremos em capítulos anteriores, resguarda os homens em suas atitudes e posições no mundo, uma vez que são “vantagens sociais associadas a eixos específicos de identidade que são considerados dominantes”⁵¹ (p. 2). Para Bailey Poland (2016), esta é a definição de privilégio. E, como resultado, a sociedade se estabelece a partir destes princípios e normas, marginalizando cada vez mais as mulheres, principalmente negras e periféricas. Segundo Poland (2016), este sistema que se baseia em favorecimentos e exclusões define o sexismo.

O sexismo é uma combinação de preconceito contra pessoas baseado em seu gênero, junto com o privilégio e poder necessários para causar danos. Em outras palavras, porque os homens como um grupo que detém a maioria dos privilégios sociais, como a representação do poder político e financeiro, seus preconceitos contra as mulheres como um grupo são mais propensos a

⁵⁰ Desde sua prisão, Marcelo já teve quatro habeas corpus negado. Ele foi, em 2009, o primeiro brasileiro réu por crimes cibernéticos de racismo, mas foi libertado após alegar insanidade.

⁵¹ POLAND, 2016, p. 2, tradução nossa. No original: social advantages associated with particular axes of identity that are considered to be dominant.

machucá-las, limitar suas oportunidades e causar outras dificuldades para as mulheres que tentam seguir seu cotidiano. (POLAND, 2016, p. 2)⁵²

É possível afirmar, assim, que os privilégios que circundam Marcelo tornaram possíveis suas ações e liberdade durante todo o tempo em que ameaçou, insultou e agrediu verbalmente Lola Aronovich. Tais imunidades, quando operadas em um sistema virtual de violência, ganham outro nome. Segundo Poland (2016), o cibersexismo é “a expressão de preconceito, privilégio e poder nos espaços online e através da tecnologia - como um meio”⁵³ (p. 3). E que, apesar de o cibersexismo se referir às ações violentas na internet - como comentários maldosos, ameaças e insultos baseadas no gênero e sexo, como veremos a partir dos comentários nas reportagens sobre a Marcha das Vadias -, ele também se manifesta através de ações pouco perceptíveis ou mal intencionadas, como “tornar os celulares muito grandes para o tamanho médio das mãos femininas; criar aplicativos sobre saúde que excluem a menstruação (ou que consideram o acompanhamento apenas de mulheres cisgênero e voltadas somente para a gravidez)”⁵⁴ (POLAND, 2016, p. 3).

O cibersexismo, dessa forma, pode ser considerado como algo intrínseco à manufatura, já que reforça certa necessidade da dominação masculina, além de fortalecê-la em espaços online. Para Poland (2016), os comportamentos masculinos nas esferas públicas virtuais tornam estes espaços cada vez mais “desconfortáveis, desagradáveis e inseguros para as mulheres”⁵⁵ (p. 4). Mas não só isso. Bailey Poland afirma que o cibersexismo é, afinal, reflexo do sexismo:

A decisão de atacar mulheres através de assédios online, abusivos e baseados nas questões de gênero raramente é aleatória ou espontânea. Embora ações individuais possam não ser impelidas por um objetivo que não seja discordar de uma mulher e querer colocá-la em seu lugar, por assim dizer, a decisão de se envolver em assédios obviamente sexistas para alcançar tais fins indica como os cibersexistas acreditam que a internet deveria funcionar. De muitas maneiras, atividades destinadas a construir e reforçar a dominação masculina online são realizadas a fim de recriar padrões de dominação que existem offline. Nos espaços offline, o sexismo ocorre de várias maneiras, desde exemplos óbvios de controle financeiro e político à violência, incluindo

⁵² POLAND, 2016, p. 2, tradução nossa. No original: Sexism is a combination of prejudice against persons based on their gender, combined with the privilege and power required to cause harm. In other words, because men as a group hold the majority of social privileges, such as political and financial power representation, their prejudices against women as a group are more likely to hurt women, limit their opportunities, and cause other difficulties for women trying to go about their daily lives.

⁵³ POLAND, 2016, p. 3, tradução nossa. No original: cybersexism is the expression of prejudice, privilege, and power in online spaces and through technology as a medium.

⁵⁴ POLAND, 2016, p. 3, tradução nossa. No original: making smartphones too large for the average woman’s hand, health and fitness tracking apps that exclude menstruation (or regard the tracking of menstruation as only for cisgender women and aimed only at pregnancy).

⁵⁵ POLAND, 2016, p. 4, tradução nossa. No original: uncomfortable, unpleasant and unsafe for women’s participation.

fatores quase invisíveis, como policiar as maneiras pelas quais as mulheres falam. (POLAND, 2016, p. 5)⁵⁶

A internet masculina emana e reitera uma ideologia política clara: o conservadorismo. Mesmo com uma maior presença de fóruns anônimos⁵⁷ em países como os Estados Unidos, Canadá, Austrália e Reino Unido segundo Lola Aronovich (2018), as estruturas que sustentam a manosphere são tradicionalistas em qualquer país em que estejam presentes, no sentido de incitarem todo tipo de preconceito, seja de gênero, de classe, racial ou religioso.

Sendo assim, se faz relevante pontuar as figuras públicas às quais os membros destes fóruns anônimos se agarram e inspiram, como busca por legitimação e apoio para suas ações e discursos. Segundo Donna Zuckerberg (2018), a eleição de Donald Trump, do Partido Republicano, como presidente dos EUA em 2016 deu ainda mais espaço e poder para estas comunidades online. Como escreveu um dos líderes da manosphere, “sua presença [de Trump, na principal cadeira da Casa Branca] automaticamente legitima comportamentos masculinos que foram antes rotulados como sexistas e misóginos”⁵⁸ (p. 4). E, assim como Donald Trump, o atual presidente da república brasileira, Jair Bolsonaro, através de falas como quando, em dezembro de 2014, disse à deputada Mara Rosário (PT-RS) que “ela não merece [ser estuprada] porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero”⁵⁹ (INTERCEPT, 2018).

Pensar nas violências contra as mulheres é, hoje, inserir mais um meio - a internet - dentro do qual seus corpos, além de não serem livres - devido ao sentimento de insegurança e medo postos sobre eles -, são ofendidos e submissos às relações de poder reguladas pelos homens. Poland (2016) diz que “o assédio online está enraizado em crenças offline, e essas crenças offline são apoiadas e reforçadas pela prevalência de comportamentos machistas online”⁶⁰ (p. 4). Portanto, assim como os corpos produzem sentidos sociais patriarcais e são - os femininos - os mais afetados por eles, como abordamos em capítulos anteriores, nos é

⁵⁶ POLAND, 2016, p. 5, tradução nossa. No original: The decision to target women with abusive, gender-based harassment online is rarely random or spontaneous. While individual actions may not be impelled by a goal other than disagreeing with a woman and wanting to put her in her place, as it were, the decision to engage in obviously sexist harassment to achieve such ends indicates how cybersexists think the Internet should work. In many ways activities aimed at building and reinforcing male dominance online are conducted in order to re- create the patterns of male domination that exist offline. In offline spaces sexism occurs in a variety of ways, from the obvious examples of financial and political control to violence, including almost invisible factors, such as policing the ways in which women talk.

⁵⁷ O anonimato, inclusive, se faz como característica primordial para o grupo, seja ele através do “uso de pseudônimo [ou] identidade falsa” (ZAGO, 2012).

⁵⁸ ZUCKERBERG, 2018, p. 4, tradução nossa. No original: “His presence [in office] automatically legitimizes masculine behaviors that were previously labeled sexist and misogynist”.

⁵⁹ Dois anos após as ofensas, em 2016, o Supremo Tribunal Federal (STF) abriu duas ações penais contra Bolsonaro, tornando-o réu na Corte pela prática de apologia ao crime e por injúria.

⁶⁰ POLAND, 2019, p. 4, tradução nossa. No original: Online harassment is rooted in offline beliefs, and those offline beliefs are supported and reinforced by the prevalence of sexist behaviors online.

indispensável contestar: quais corpos, e em quais universos, encontraremos, então, nós, mulheres, em segurança?

5. O movimento na mídia

As discussões teóricas acerca da dominação masculina no ambiente virtual são de extrema importância para que possamos entender como, na prática, o machismo é operado nos ambientes online e constrói-se historicamente. Os capítulos desenvolvidos até aqui convergem para o objetivo deste trabalho: analisar os comentários, realizados em espaços disponíveis no portal G1, em matérias sobre a Marcha das Vadias. Apesar da escolha - a ser aprofundada - de um portal de notícias específico, se faz necessário pontuar, brevemente, como - e com que frequência - o movimento tem sido noticiado por outros portais, termo apresentado por Kevin Kawamoto (2003) como sendo a junção de duas palavras que sugerem “uma velha prática em um novo contexto”⁶¹ (p. 4).

Como dito anteriormente, a primeira Marcha das Vadias do Brasil foi realizada em 2011, em São Paulo. Naquele mesmo ano, o G1 produziu 15 matérias sobre o movimento, sendo sete delas somente fotográficas e oito textuais. Outros portais de notícias, como o UOL⁶², Folha de São Paulo⁶³, Estadão⁶⁴ e Exame⁶⁵, apresentaram um pequeno número de matérias: dois deles (Estadão e Folha de São Paulo) utilizam o nome do movimento em determinadas partes do texto, mas não informam sobre a Marcha, efetivamente. Já a Exame e o UOL, que assim como o G1 noticiam o movimento e suas reivindicações, possuem entre duas e cinco matérias, somente. Tais resultados foram apresentados pelos portais a partir de uma busca booleana⁶⁶ do termo Marcha das Vadias. Devido ao pequeno número de reportagens exibidas, procuramos, então, através do nome do movimento seguido pelos anos de 2011 a 2019.

Tais veículos, nesse sentido, produzem poucas informações sobre a Marcha das Vadias, além de, muitas vezes, apenas citarem o movimento enquanto atividade importante para o

⁶¹ KAWAMOTO, 2003, p. 4, tradução nossa. No original: an old practice in a new context.

⁶² A plataforma alcançou, de acordo com o ranking da empresa de análise de mídia *ComScore*, 101,8 milhões de acessos em outubro de 2018. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2018/11/26/uol-Bate-recorde-de-audiencia.htm>. Acesso em: 18 de abril de 2020.

⁶³ De acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), a Folha alcançou um total de 2,5 bilhões de visualizações em 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/site-da-folha-lidera-audiencia-entre-os-jornais.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acesso em: 18 de abril de 2020.

⁶⁴ De acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), o Estadão alcançou um total de 1,5 bilhão de visualizações em 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/site-da-folha-lidera-audiencia-entre-os-jornais.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acesso em: 18 de abril de 2020.

⁶⁵ De acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), a revista Exame registrou alta em sua média de circulação digital, com 40.146 exemplares em 2018. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/03/11/revistas-semanais-recuperam-audiencia-no-digital.html>. Acesso em: 18 de abril de 2020.

⁶⁶ A busca booleana é um sistema que permite “efetuar operações de caráter lógico-matemático”, segundo Flávia Saks (2005), a partir da combinação de palavras-chave, tornando “a busca mais enfocada, produzindo resultados mais precisos” (p. 8-9).

feminismo no decorrer dos textos. A escolha do que noticiar - o que chamamos de agendamento no jornalismo - e como fazê-lo - *framing*, ou enquadramento - se faz presente nos estudos sobre jornalismo desde 1980 a partir de trabalhos de autoras como Gaye Tuchman (1978). O conceito de enquadramento nos ajuda a entender os delineamentos da realidade praticados pelo jornalismo, seus fundamentos e consequências. Os portais aqui citados possuem interesses distintos e, antes de produzirem informações, avaliam o que consideram mais ou menos relevante para sua própria agenda. Por isso podemos perceber uma grande diferença acerca das matérias sobre o movimento.

Figura 5: Captura de tela do resultado da busca feita no portal de notícias Exame



Fonte: Portal Exame. Acesso em: <https://exame.abril.com.br/?s=marcha+das+vadias>. Acesso em: 18 de abril de 2020.

Figura 6: Captura de tela do resultado da busca feita no portal de notícias Folha de São Paulo



Fonte: Folha de São Paulo. Acesso em: <https://search.folha.uol.com.br/search?q=marcha+das+vadias+2011&periodo=todos&sd=&ed=&site=todos>. Acesso em: 18 de abril de 2020.

Levando em conta a importância dos enquadramentos das matérias, faz-se necessário destacar aspectos sobre a maneira com que o portal G1 – assim como outros portais de notícias – apresentam o movimento. É curioso perceber que a cobertura jornalística mostra, em sua maioria, fotos de mulheres que protestam com os seios nus durante a Marcha das Vadias, seguida, muitas vezes, por escritas que apresentam o movimento negativamente, sendo que parte considerável das protestantes se expressam com o uso de sutiãs ou de camisas – o que diz, assim, sobre uma construção imagética das participantes para o público leitor.

Este trabalho, no entanto, não busca compreender as nuances presentes nessas diferentes narrativas. As pontuações feitas nos auxiliam na apresentação de um panorama geral sobre a Marcha das Vadias, de forma a entender quão presente o movimento se faz no meio jornalístico brasileiro e, conseqüentemente, na sociedade. Para além disso, tais informações foram trazidas brevemente com o intuito de esclarecer, inicialmente, a escolha pela análise dos comentários do portal de notícias G1.

5.1. Procedimentos metodológicos

As discussões teóricas trazidas nos primeiros capítulos deste trabalho são essenciais para entender como a Marcha das Vadias é enquadrada, mediante um cenário de crenças e práticas de dominação culturalmente enraizadas, a partir dos comentários em matérias sobre o movimento no G1. As argumentações acerca da cultura visual sobre o corpo feminino, questões relativas à raça, classe, politização dos corpos e machismo no ambiente digital, juntamente ao objetivo deste trabalho, nos levaram à seleção de dois procedimentos metodológicos a serem aplicados, uma vez que se deve considerar as especificidades do corpus da pesquisa.

Em um primeiro momento, realizamos uma análise de construção de sentidos em redes digitais, baseando-nos em estudiosos como Ronaldo Henn (2014), Felipe Machado (2018) e Christian Gonzatti (2015). Com o propósito de entender as características dos meios digitais a partir de diversos trabalhos dos autores citados, a aplicação desta metodologia também se faz necessária para que possamos apresentar um panorama integral dos comentários.

Para mergulhar nos comentários, e efetivamente compreender os discursos que engendram, utilizamos a análise do discurso de linha francesa. Neste segundo momento, nos debruçamos sobre os estudos de Marcia Benetti (2016), Pâmela Stocker e Silvana Dalmaso (2016), com o intuito de desvelar os discursos e interpretar as mensagens passadas através dos comentários. É por meio desta metodologia que também elucidamos a escolha pela análise do portal de notícias G1.

5.1.1 A construção de sentidos em redes digitais

Como dito, os “espaços sociais” online (MACHADO et al, 2018, p. 393) são ambientes que congregam diversas preferências e intuítos pessoais, além de terem como característica a interatividade entre usuários e certa mobilização social. Henn e Machado (2014) defendem que tais redes na internet “são mais do que espaços de sociabilidade: são lugares profícuos para a eclosão de acontecimentos” (p. 4). Os acontecimentos - mais especificamente os ciberacontecimentos, devido ao caráter digital - aqui pontuados pelos autores são definidos como

(...) uma proposta de conceito que visa compreender a especificidade da produção de acontecimentos jornalísticos no âmbito dos sites de rede sociais (HENN, 2014). Sua principal característica é emergir do ambiente das redes digitais, constituir-se a partir das lógicas que ali se engendram e ganhar a agenda do jornalismo. (HENN; MACHADO; GONZATTI, 2018, p. 93)

Sendo assim, o ciberacontecimento é um acontecimento que, ao fluir-se das redes digitais, “se transformam em pautas jornalísticas” (HENN; MACHADO, 2014, p. 4). Os autores ainda apresentam seis categorias - ou seja, atividades, intervenções, condutas etc. - que se enquadram nesta proposta, sendo elas: “mobilizações globais, protestos virtuais, exercícios de cidadania, afirmações culturais, entretenimentos e subjetividades” (HENN; MACHADO; GONZATTI, 2018, p. 93), além de afirmarem que, apesar das diferenças entre narrativas e princípios, “todas permutam-se entre si” (2018, p. 94). Henn (2014) ainda diz que, para além das categorias, esta metodologia se atenta para “as maneiras pelas quais o jornalismo é instigado a gerenciar, a tornar-se visível”⁶⁷ (p. 140).

Apesar da relevância e potência presente nesta metodologia, uma vez que as redes digitais são constantes objetos de estudo atualmente, tal propriedade (do ciberacontecimento) não pode ser considerada como característica do objeto de pesquisa deste trabalho e, por isso, é preciso cautela ao aplicarmos a metodologia. Isso porque, além de não originar-se de uma rede social, efetivamente, os comentários em matérias sobre a Marcha das Vadias não são os propulsores do espaço que o movimento ganha em pautas jornalísticas, mas sim o próprio movimento. Ainda que não se enquadre totalmente, a escolha pela metodologia auxilia na análise deste trabalho, visto que, além de compreender as especificidades do ambiente digital

⁶⁷ HENN, 2014, p. 140, tradução nossa. No original: Ios modos como al periodismo se le instiga a manejarlo, a volverlo visible.

(no qual se encontra o portal de notícias G1), nos ajuda também a observar e distinguir os comentários sobre a Marcha. Segundo Felipe Machado e Christian Gonzatti (2019),

Henn (2014) sugere três etapas [para aplicação da metodologia], as quais permitiriam entender os processos semióticos que se desdobram em sites de redes sociais/redes digitais: o mapeamento (um primeiro movimento, de caráter exploratório/cartográfico), o agrupamento de constelações de sentido (um segundo movimento, o qual visa a reunir os sentidos percebidos tendo em vista uma homogeneidade) e a elaboração de inferências sobre os signos mais representativos de cada agrupamento (um terceiro movimento que, a partir das constelações percebidas, aciona referências teóricas e políticas cabíveis para compreendê-las). (MACHADO; GONZATTI, 2019, p. 378-379)

Assim como as seis categorias apresentadas pelos autores, os comentários a serem analisados também “não são excludentes e, em muitos casos, estabelecem relações próximas entre si (um mesmo comentário, por exemplo, pode ser incluído em mais de uma constelação)” (MACHADO; GONZATTI, 2019, p. 387). Para que possamos chegar à análise destes comentários, efetivamente, iremos em um primeiro momento fazer a seleção dos mesmos. Sendo assim, as duas primeiras etapas sugeridas pelos autores serão as diretrizes pelas quais nos debruçamos: o mapeamento e o agrupamento de constelações de sentido (procedimentos que serão usados após a seleção das matérias às quais aplicaremos a metodologia).

Neste trabalho, no entanto, nos interessa priorizar os comentários inerentemente machistas e misóginos, com o objetivo de entender como a Marcha das Vadias - e os corpos femininos participantes do movimento - são vistos e como tais interpretações dialogam com questões culturalmente enraizadas. Todavia, a escolha de um grupo de comentários específico não exclui a prática de aproximação e agrupamento de todos eles, visto a necessidade em apresentar um panorama geral.

5.1.2 Análise do discurso

A terceira etapa sugerida por Henn (2014), a “elaboração de inferências”, será substituída pela análise do discurso de linha francesa, metodologia que tem Márcia Benetti como uma de suas principais estudiosas no campo, no Brasil. A escolha por este processo se dá uma vez que

A AD busca compreender como um discurso funciona, ou seja, que sentidos estão sendo produzidos, quem são os sujeitos que falam e que posições eles ocupam para enunciar, para quem esses sujeitos estão falando, como os diversos discursos estão sendo articulados, quais são os modos de controle do poder-dizer. (BENETTI, 2016, p. 252)

As questões levantadas por Benetti (2016) são essenciais para que possamos entender os ideais presentes nos comentários. Atentar-se aos sujeitos, suas posições e direcionamentos, como aponta a autora, diz sobre perceber questões socialmente aceitas e pré-determinadas como racionais e adequadas. Para isso, a análise do discurso concentra-se na problematização da linguagem “constitutivamente dialógica, diz Bakhtin (1981, 1986), pois ela é impossível sem interação, e esta interação está pressuposta já na produção da fala” (p. 236), afirma Benetti.

Nesse sentido, a estudiosa trata o dialogismo enquanto um dos conceitos fundamentais na análise do discurso. Para ela, tal conceito possui dois modos: a intersubjetividade (“relação entre sujeitos”) e a interdiscursividade (“relação entre discursos”) (p. 236). Segundo Benetti (2016), o texto “não é considerado como um objeto com o qual se relacionaria um sujeito (...) [mas sim] uma materialidade discursiva em potência” (236) que só ganha sentido a partir da enunciação e interpretação de um sujeito (o que define a intersubjetividade).

Os sentidos produzidos pelos sujeitos, dessa forma, originam-se a partir da posição que o mesmo ocupa socialmente, dando-lhe um “lugar de enunciação” (BENETTI, 2016, p. 237). A autora traz, como exemplo, a “posição-mãe”. Para ela, esta condição, construída socialmente e ocupada por uma mulher específica, cerceia os discursos desta mulher, uma vez que existem expectativas e proibições acerca dos mesmos devido à sua posição social. De acordo com Márcia Benetti,

Não há como pensar o funcionamento de qualquer discurso sem considerar que os sujeitos envolvidos se movimentam e ocupam posições que lhes são anteriores. Pêcheux conceitua a formação imaginária [este “lugar de enunciação”] como uma antecipação da representação (de si e do outro). Quem enuncia o faz de uma posição de sujeito, enuncia para alguém e sobre algo. (BENETTI, 2016, p. 237)

Pâmela Stocker e Silvana Dalmaso (2016), ao pensarem a influência da linguagem na construção das questões relativas ao gênero, afirmam que a mesma é um “caminho profícuo para compreender como o masculino e o feminino são dotados de sentidos e como seus reflexos cristalizam e reiteram determinadas relações de poder e saber na sociedade” (p. 680).

Apesar de reiterarem discursos, Benetti (2016), em paralelo aos estudos de Pêcheux (2014), ressalta que o sujeito “cria a ilusão de que é o autor original de suas ideias, apagando os processos históricos e os discursos anteriores que retoma em sua fala”, além de ignorar “a noção de que seu discurso é resultado da escolha de determinadas estratégias e sua enunciação poderia ser outra se tivesse escolhido dizer aquilo, e não isto” (p. 239). Estas omissões - ou esquecimentos, como afirma a autora - são denominadas “ilusões discursivas do sujeito” (p. 239) e, para Benetti, é preciso atentar-se para tais durante a aplicação da metodologia.

Benetti (2016) ainda traz o conceito de interdiscursividade (ou memória discursiva), segundo modo do dialogismo, que parte do princípio de que “todo discurso é atravessado, ele mesmo, por outros discursos e pelo já-dito em outros lugares (...) esse processo pode ser de afirmação e de retorno ao Mesmo, ou de apagamento e esquecimento” (p. 240). Todos estes conceitos elucidam a necessidade de que, ao analisar os sentidos presentes na linguagem, no discurso, é preciso observar também, segundo Benetti, questões que dizem respeito à ideologia, hábitos e convicções engendrados a partir da cultura, já que tais processos influenciam a forma com o que os sujeitos discursam e interpretam discursos (STOCKER, DALMASO, 2016, p. 681).

Outra forma para que se possa construir sentidos a partir de discursos, segundo Benetti (2016), é através da paráfrase - “movimentos de repetição”, também definido por Eni Orlandi (2007) como “aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém” (p. 36) - e polissemia - “movimento de deslocamento, abertura de sentidos, ruptura dos processos de significação” (BENETTI, 2016, p. 241). Tais conceitos ajudam na percepção de falas, ideologias, crenças e padrões que, de tanto se repetirem, são naturalizados.

Para que se possa aplicar a análise do discurso, efetivamente, Benetti (2016) aponta a necessidade de que o texto seja tomado, “pelo analista de discurso, como um objeto opaco, complexo e não evidente, que irá ser questionado em busca de seus sentidos, sujeitos ou relações, o que significa levar em consideração os processos que possibilitaram sua existência” (p. 243). A autora ainda ressalta que, ao buscar significados e conclusões,

(...) o pesquisador é um sujeito que produzirá sentidos sobre os textos analisados. Todo o aparato teórico que ele mobiliza para compreender o funcionamento do discurso que está analisando serve para explicar o funcionamento do discurso que ele mesmo irá produzir em seu texto de caráter científico. Se todos os sujeitos são afetados, em seu dizer e interpretar, pela historicidade, pela ideologia e pela cultura, (é evidente que) os pesquisadores também o são. (BENETTI, 2016, p. 242)

Partindo deste saber, Benetti (2016) apresenta caminhos para que se possa definir e, posteriormente, analisar o objeto da pesquisa, que é dividido em três tipos: textos de mídias tradicionais e organizações (aqueles “de jornalismo, publicidade, organizações, cinema” etc.), textos autônomos (como “grafites, pichações, tatuagens, intervenções urbanas” etc.) e textos metodológicos - sendo estes os que se enquadram neste trabalho, uma vez que “são coletados pelo pesquisador, através de outra metodologia [neste caso, a análise de construção de sentidos em redes digitais] (...) e submetidos à AD em busca dos sentidos produzidos por seus enunciadores” (p. 243).

A partir da definição do objeto, Benetti afirma ser preciso alinhá-lo à problematização de um “tipo de objeto” ou “tipo de discurso”. Para este trabalho, olharemos para um tipo de discurso. Para isso, a autora diz que a pesquisadora “precisará escolher o *objeto empírico que ofereça mais representatividade ao estudo*, pois é o que concederá mais validade aos seus resultados (...) [além de] optar pelo de maior audiência ou pelo de maior relevância” (2016, p. 243-244). Nesse sentido, cabe pontuar que o portal de notícias G1 alcançou, de acordo com uma pesquisa⁶⁸ realizada pela *ComScore* em 2018, 3,1 bilhões de visitas durante o ano, além de 56 milhões de visitantes únicos.

Lançado em setembro de 2006, o G1 é o portal de notícias do Grupo Globo e dá acesso, em seu endereço, a conteúdos produzidos por diversas empresas do grupo, como Globo News, CBN, jornais O Globo e Extra, Globo Rural, Época e vários outros. Unindo grandes produções, o G1 possui equipe própria em todas as emissoras afiliadas à Rede Globo, além de projetos exclusivos como o “G1 em 1 minuto”, boletins diários que circulam na programação aberta da Globo, e podcasts informativos e de entretenimento⁶⁹.

O portal também se destaca quando olhamos para as matérias sobre a Marcha das Vadias. Além de possuir um número expressivo - como mostra o quadro abaixo -, se enquadra como o que mais noticia sobre o movimento.

⁶⁸Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2018/11/26/grupo-globo-bate-recorde-De-acessos-no-digital-e-passa-de-100-milhoes-de-usuarios-unicos.ghtml>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

⁶⁹As informações foram retiradas do site do próprio grupo. Disponível em: <https://robertomarinho.globo.com/hgg/>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

Quadro 1: Matérias totais sobre a Marcha das Vadias presentes no G1⁷⁰

Ano	Matérias	Total de matérias	Número de comentários por ano
2011	7 fotográficas (apenas galeria de fotos); 8 textuais	15	0
2012	9 fotográficas (apenas galeria de fotos); 4 audiovisuais; 22 textuais	35	810
2013	7 fotográficas (apenas galeria de fotos); 12 audiovisuais; 19 textuais	38	1,747
2014	3 fotográficas (apenas galeria de fotos); 2 audiovisuais; 12 textuais	17	0
2015	3 fotográficas (apenas galeria de fotos); 3 audiovisuais; 7 textuais	13	193
2016	2 fotográficas (apenas galeria de fotos); 3 audiovisuais; 3 textuais	8	31
2017	1 fotográfica (apenas galeria de fotos); 1 audiovisual; 1 textual	3	0
2018	1 audiovisual	1	0

Fonte: Elaboração própria

Após uma aproximação de todo o conteúdo produzido pelo G1, nos dedicamos à construção do corpus da pesquisa. Segundo Benetti (2016), “o corpus é um recorte arbitrário de unidades do objeto empírico, um recorte definido pelo pesquisador” (p. 245). Para a autora, é preciso equilíbrio entre coletar um grande número de dados que seja inviável para análise e “assegurar que se tenha material suficiente para evidenciar certa estabilidade do discurso” (p. 246). Dessa forma, optamos pelas matérias que possuem, no mínimo, 100 comentários, totalizando seis produções, sendo elas:

⁷⁰ As informações numéricas apresentadas neste quadro foram contabilizadas a partir dos números disponibilizados pelo portal G1. Vale ressaltar que a inexistência de comentários em matérias dos anos de 2011, 2014, 2017 e 2018 se dá, em sua maioria, pela não permissão do portal para os mesmos.

Quadro 2: Matérias do G1 analisadas⁷¹

Ano	Matéria	Jornalista	Número de comentários	Número de comentários feitos por homens	Número de comentários feitos por mulheres	Número de comentários feitos por nomes não identificáveis
2012	"Marcha das Vadias reúne centenas com pouca roupa na Avenida Paulista"	Fábio Tito	488	366 (75%)	97 (19,9%)	25 (5,1%)
2012	"Marcha das Vadias tem tumulto em frente a igreja em Copacabana"	Christiano Ferreira	165	106 (64,2%)	43 (24,1%)	16 (9,7%)
2013	"Marcha das Vadias reúne centenas de manifestantes em Curitiba"	Adriana Justi	148	104 (70,3%)	29 (19,6%)	15 (10,1%)
2013	"Marcha das Vadias vai às ruas de Ribeirão por legalização do aborto"	Rodolfo Tiengo	252	133 (52,8%)	81 (32,1%)	38 (15,1%)
2013	"Marcha das Vadias reúne mais de mil no Rio e vira hit em rede social"	Henrique Coelho	1,065	692 (65%)	245 (23%)	128 (12%)
2015	"Marcha das Vadias reúne centenas de pessoas no PR contra o machismo"	Adriana Justi e Rodrigo Saviani	132	98 (74,2%)	11 (8,3%)	23 (17,5%)

Fonte: Elaboração própria

Vale pontuar que, mesmo que o objetivo deste trabalho não seja olhar para a forma como as matérias foram construídas, alguns aspectos precisam ser ressaltados, como o fato de que as duas primeiras matérias, referentes ao ano de 2012, que possuem títulos ultrajantes e de caráter negativo, foram escritas por homens jornalistas. No entanto, deve-se destacar o papel da equipe responsável pela edição das matérias jornalísticas que, habitualmente, pode titulá-las. Além disso, algumas das matérias apresentadas, como a intitulada “Marcha das Vadias reúne mais de mil no Rio e vira hit em rede social”, apresentam aspectos negativos quando se referem ao movimento. Outro ponto é o número de comentários feitos por homens e por mulheres⁷², o que diz sobre a inquietação causada pelo movimento.

⁷¹ Vale ressaltar que o número de comentários apresentados pelo portal G1 diverge da contabilidade realizada para este trabalho. Acreditamos que um dos motivos possa ser a não abertura de alguns comentários em cadeia. Entramos em contato com o portal de notícias, mas não recebemos resposta até a conclusão da pesquisa. Sendo assim, os números apresentados neste quadro são de autoria própria, a partir da contagem disciplinada dos comentários.

⁷² Mesmo realizando um trabalho disciplinado de aproximação e enumeração dos comentários, é preciso salientar que o anonimato presente em ambientes digitais pode influenciar na veracidade desses dados.

Figura 7: Captura de tela de uma das reportagens do portal G1, em 2015

Marcha das Vadias reúne centenas de pessoas no PR contra o machismo

Grupo percorre as principais ruas de Curitiba neste sábado (4). Manifestantes também protestam contra homofobia, racismo, entre outros.

Adriana Justi e Rodrigo Saviani
Do G1 PR



Grupo protesta contra o machismo, a homofobia, o racismo e outras formas de opressão (Foto: Adriana Justi / G1)

Centenas de pessoas participam neste sábado (4) da quinta edição da Marcha das Vadias em Curitiba. A concentração teve início às 10h30, na Praça 19 de Dezembro, no Centro da capital paranaense. O grupo vai percorrer as principais ruas da região central da cidade, protestando contra o machismo, a homofobia, o racismo e outras formas de opressão.

Fonte: G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2015/07/centenas-de-pessoas-participam-da-5-marcha-das-vadias-em-curitiba.html>. Acesso em: 12 de ago. de 2020.

Por último, Benetti (2016) apresenta quatro tipos de abordagens possíveis a partir da análise do discurso: análise dos sentidos, análise dos sujeitos, análise do silenciamento e análise da estruturação do discurso. Neste trabalho, aplicamos a análise dos sentidos, uma vez que

O primeiro passo do pesquisador, para a análise de sentidos, é enxergar a existência de duas camadas no texto: a primeira, mais visível, é a camada discursiva; a segunda, só evidente quando aplicamos o método, é a camada ideológica. Esta segunda camada é que explica o processo de atribuição de sentidos que muitas vezes são tomados literais, naturais ou verdadeiros, como se fossem a única interpretação possível. (BENETTI, 2016, p. 247)

Neste tipo de abordagem, a autora retoma o conceito de paráfrase como sendo um dos elementos que auxiliam na percepção daquilo que se repete. Isso porque, após o agrupamento dos comentários em formações discursivas - o que Benetti (2016) entende como “uma região razoavelmente delimitada de sentidos que correspondem a uma determinada perspectiva ou ideologia” (p. 240) -, é preciso compreender “os discursos ‘outros’ (de uma formação política, religiosa, econômica, estética etc.) que conformam aqueles sentidos” (p. 248). Ou seja, para que possamos realmente entender as mensagens passadas através dos comentários (a camada

ideológica) sobre a Marcha, é preciso relacioná-los à cultura histórica das representações, construções e expectativas geradas a partir dos corpos femininos apresentadas e discutidas nos capítulos anteriores.

Figura 8: Captura de tela de uma das reportagens do portal G1, em 2013

‘Marcha das Vadias’ vai às ruas de Ribeirão por legalização do aborto

Manifestantes defenderam liberdade sexual e protestaram contra abuso. Parte do público repudiou ação, mas trajeto foi feito sem conflitos, diz grupo.

Rodolfo Tiengo
Do G1 Ribeirão e Franca



Bella de Castilho protestou por legalização do aborto na 'Marcha das Vadias' (Foto: Rodolfo Tiengo/G1)

Um grupo de aproximadamente 50 manifestantes, segundo estimativa da Polícia Militar, participou neste sábado (28) em **Ribeirão Preto** (SP) da "Marcha das Vadias", defendendo a liberdade sexual feminina, a legalização do aborto e políticas públicas de combate à violência contra a mulher. A data para o protesto - que surgiu no Canadá - foi escolhida para coincidir com o Dia Latino-Americano e Caribenho pela Descriminalização e Legalização do Aborto. Segundo as integrantes do protesto, o percurso pelas ruas do centro da cidade chegou a ser repudiado por parte do público, mas não registrou ocorrências de agressão.

Fonte: G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2013/09/Marcha-das-vadias-vai-ruas-de-ribeirao-por-legalizacao-do-aborto.html>. Acesso em: 12 de ago. de 2020.

5.2 Os comentários sistêmicos

Com o intuito de identificar os comentários presentes nas matérias sobre a Marcha das Vadias no portal G1, a etapa inicial da análise deste trabalho se dá, conforme pontuado, a partir da análise de construção de sentido em redes digitais. Em seus trabalhos, Ronaldo Henn (2014), Felipe Machado (2018) e Christian Gonzatti (2015) indicam a necessidade de “três processos semióticos” (p. 378-379), a fim de melhor compreender o objeto de pesquisa do trabalho⁷³.

⁷³ Reafirmamos que, para este trabalho, seguimos as duas primeiras etapas desta metodologia. A terceira - e última - etapa da análise se dá a partir dos princípios da análise do discurso de linha francesa.

Como dito, o primeiro passo para o estudo é o reconhecimento daquilo que se analisa (ou “mapeamento”, como afirmam os autores). A aproximação dos comentários começa a ser realizada já durante o processo de escolha metodológica deste trabalho, uma vez que se fez necessário fundamentar, por meio de dados numéricos, a seleção do portal e as matérias a serem analisadas. Realizamos, durante este processo, a observação dos comentários sem que fosse atribuído a eles aceções ou feitas interpretações.

Em um segundo momento, o “agrupamento de constelações de sentido” (MACHADO; GONZATTI, 2019, p. 378-379) se deu a partir da leitura e interpretação de todos os comentários de maneira individualizada. Dessa forma, identificamos três constelações de sentido que foram agrupadas, claramente, a partir do conteúdo das mensagens produzidas em forma de comentários e delineamos tais mensagens baseando-nos na concepção de grupos primordiais, porém rudimentares - que serão explorados detalhadamente mais à frente. Obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 3: Agrupamento de constelações de sentido através dos comentários das matérias selecionadas

Ano	Número de comentários que divergem da Marcha das Vadias	Número de comentários que convergem para a Marcha das Vadias	Número de comentários que não se referem à Marcha das Vadias
2012	438	98	117
2013	910	187	368
2015	113	2	17

Fonte: Elaboração própria

Os comentários que divergem da Marcha das Vadias dizem tanto sobre a contrariedade com o movimento quanto às participantes do mesmo, discordando das lutas e pautas abordadas pela Marcha, além da maneira como as manifestantes se expressam durante ela. Os comentários que foram contabilizados nesta constelação deslegitimam o movimento, questionando sua necessidade a partir do pressuposto de uma já existente igualdade social, política e econômica entre homens e mulheres, além de sobreporem pautas de cunho político como mais importantes e necessárias do que a Marcha. Outrossim, somamos a este grupo comentários que utilizam argumentos de origem religiosa para demonstrar objeção ao movimento, além daqueles machistas e misóginos e os de caráter ofensivo. Alguns exemplos desta constelação são:

enfim deveriam fazer a marcha contra a corrupção, contra o descaso na *saude* pública, contra o ensino falho, contra a pedofilia. quanta perda de tempo ! e qual o propósito mesmo? encontrar um homem. esqueçam, pois eles estão em outra dimensão. (comentário 1)

Até agora não entendi qual é a desse protesto!! Pedir mais direitos? Bom,então vamos arrumar outro planeta pra morar,rapaziada,porque pelo jeito,eu acho que essas mulheres querem o mundo só pra elas.A mulher pode fazer o que quiser com o corpo,se entregar pra quem quiser,que eu duvido que haja algum cara (que goste da fruta)que não fique feliz com isso!Chega dessa coisa de ter que tomar a iniciativa:eu quero ser cantado por uma mulher! Quero uma mulher me chamando de gostoso na rua!Quero que as mulheres passem a mão em mim.Paguem a conta do restaurante.Sintam-se a vontade. (comentário 2)

Depois as mulheradas reclamam que os homens não querem mais casar, não são mais cavalheiros, querem dividir ou que elas assumam as despesas do motel e o pior não querem mais saber delas! (comentário 3)

Elas serão cobradas por Deus pelos atos que estão cometendo é só esperar e verás, *ai* sim serão umas coitadas. (comentário 4)

A segunda constelação de sentidos encontrada, referente aos comentários a favor do movimento, apresentam mensagens de apoio às mulheres manifestantes no mesmo, bem como concordância com as pautas reivindicadas pela Marcha das Vadias. Contudo, determinados comentários alinhados a essa constelação também demonstram machismo, o que reforça o fato de que tais atitudes estão arraigadas na sociedade. Muitos desses comentários podem ser percebidos enquanto respostas àqueles em divergência do movimento. Alguns exemplos são:

Respeito é direito básico de todo mundo. Se tem que se comportar de tal jeito ou de outro *pra* "alcançar o respeito", isso só prova a existência do machismo e que elas estão certíssimas em protestar. Não tinha ninguém se oferecendo ali. (comentário 5)

Caro [SUPRIMIDO]⁷⁴ - tirar a roupa no carnaval pode. Tirar a roupa numa manifestação que protesta pelos direitos das mulheres e denuncia as violências que elas sofrem, que por sinal não são poucas, não pode? A sociedade *brasileira* tem que deixar de ser hipócrita e encarar seus problemas com coragem, pois o país se desmancha a olhos vistos... (comentário 6)

Parabéns a todos que participaram da Marcha, parei para acompanhar um pouco. Quem acha que isso é indecente ou vulgar não entende que a verdadeira indecência é a violência física e moral contra a mulher. É uma luta a favor de todas as mulheres que são espancadas dentro de casa pelos maridos, estupradas nas ruas/ônibus/vans, abuso moral em empregos e na rua. Ninguém precisa aprovar que uma mulher se vista de forma vulgar, o que precisam apoiar é que isso não dá motivo para elas serem atacadas, elas não estão fazendo nada errado para serem vítimas de abusos e crimes. (comentário 7)

Se chama marcha das vadias porque este termo é usado para justificar violências contra as mulheres, como o estupro. Como se o fato de uma mulher

⁷⁴ Com o intuito de proteger a identidade de quem comenta ou é mencionado/a nos comentários, adotaremos o termo "suprimido" quando nomes forem citados.

usar roupa curta ou viver sua sexualidade de forma livre justificasse o fato de ela ser estuprada. Independentemente das roupas, e de que qualquer outra coisa, toda mulher tem o direito de não ser violentada, porque o *copo* da mulher é propriedade dela. (comentário 8)

A última constelação de sentidos é composta por comentários que não se referem à Marcha, sendo a maioria desses conversas entre internautas. Outros se referem ao próprio portal, com indagações sobre comentários removidos, por exemplo. Além disso, também encontramos comentários de cunho político ou religioso, mas que não se referem ao movimento, efetivamente. Como por exemplo:

A maior prova que Jesus existe é que até hoje (mais de 2.000 anos), tem gente tentando provar que ele não existe... (comentário 9)

Egípcios a 3000 anos antes de cristo. Pesquisem no google, Horus e Jesus. Ou não continuem alienados. (comentário 10)

Enquanto isso o Governo do PSDB ROUBA 425 milhões desviados do Metrô segundo a *ISTO É* e a mídia da Alemanha, e GLOBO não divulga nada. (comentário 11)

Igualmente, senhorita. Grande abraço e sucesso em sua vida! (comentário 12)

Vale ressaltar, porém, que o contexto em que se inserem os comentários modifica a constelação de sentidos dentro da qual o mesmo é alinhado. Sendo assim, comentários que não são, diretamente, referentes ao movimento foram considerados enquanto divergentes ou convergentes devido à cadeia de comentários que se forma a partir - ou a redor - do mesmo. A aproximação e análise desses comentários também dizem sobre uma melhor interpretação do que são os fluxos das redes digitais, além de aplicação das práticas da análise do discurso, uma vez que “o leitor não interage com ‘o texto’, e sim com outro sujeito” (BENETTI, 2016, p. 238). Um exemplo claro desta distinção é a seguinte cadeia de comentários:

Sinceramente tenho pena destas pessoas, porque acham que são cultos, mas desconhecem a verdade. E a verdade sempre protege a vida e os valores humanamente verdadeiros! Afinal Cristo foi o maior humano que já passou por este mundo e indiscutivelmente é Deus. Estas pessoas deveriam ter mais respeito pelas pessoas que pensam diferente delas. Nenhum católico vai a eventos de ateus etc. para ofendê-los. Estes são covardes promíscuos. Que Deus tenha piedade dessas almas e permita que cada um tenha a oportunidade de um encontro pessoal com Cristo! Deus seja louvado e o inimigo vencido! Amém!!! (comentário 13)

kkkkk, em que mundo você vive??? A igreja é mestre em obrigar as pessoas a viver do seu modo. Muitos direitos civis não são obtidos por pressão da igreja, como os direitos dos homossexuais ou a legalização do aborto. A igreja está SEMPRE oprimindo as pessoas e impondo regras e padrões de comportamento. O que menos existe na religião é liberdade e respeito aos direitos individuais. (comentário 14)

Este último comentário (14) - uma resposta ao anterior -, foi agrupado, dessa forma, àqueles que convergem para a Marcha das Vadias, uma vez que, apesar de não se referir ao movimento ou às manifestantes, aborda e corresponde às pautas que a Marcha reivindica. Além disso, vale pontuar que a matéria referente a esses comentários informava sobre a realização da Marcha das Vadias no mesmo dia e local da Jornada Mundial da Juventude, evento religioso promovido pela Igreja Católica. Portanto, foi possível perceber que aquelas (es) que se manifestaram contrariamente ou a favor da Marcha trouxeram, em seus comentários, argumentos que se referiam à Igreja. Além destes, outros comentários que seguem esta mesma logicidade, apresentando características de concordância ou discordância, foram agrupados enquanto divergentes ou convergentes para o movimento.

A terceira etapa da análise deste trabalho é contemplada pela análise de discurso de linha francesa, como pontuado. Esta, que também representa a “elaboração de inferências” (MACHADO; GONZATTI, 2019, p. 378-379) na análise de sentidos em redes digitais, nos permitiu olhar com maior assertividade para as variadas manifestações do discurso. Para que pudéssemos compreender como a Marcha das Vadias é vista socialmente e se suas pautas e reivindicações são ou não aceitas, selecionamos para esta etapa os comentários que divergem do movimento, uma vez que é por meio dessa perspectiva que se faz possível a leitura dos julgamentos acerca dos corpos nus femininos.

A escolha desta constelação de sentido, que corresponde a 64,9%, - ou 1.461 dos 2.250⁷⁵ - comentários analisados, se dá também devido à necessidade de problematização dos discursos encontrados, em grande parte machistas. Baseando-nos nessa constelação, estabelecemos núcleos de sentidos (ou formações discursivas, segundo Benetti) que se configuram a partir das particularidades de cada comentário, tendo em vista o “processo parafrástico” (ORLANDI, 2007, p. 37) que “permite mapear e analisar o sentidos hegemônicos de certos discursos” (BENETTI, 2016, p. 242). Nos deparamos, assim, com cinco formações discursivas, sendo elas: FD1 - machismo e LGBTfobia; FD2 - misoginia e ódio à comunidade LGBT; FD3 - sexualização dos corpos e estética feminina; FD4 - religião e pautas feministas; e FD5 - contrariedade à Marcha e suas pautas. Vale destacar que, em sua maioria, os comentários se alinham em dois ou mais núcleos.

É importante ressaltar que o alinhamento da LGBTfobia em dois núcleos distintos se dá de acordo com as nuances encontradas nos comentários. Segundo Marco Aurélio Prado (2010), a homofobia é um termo que designa “uma forma de preconceito e aversão às

⁷⁵ Este número corresponde aos comentários totais propostos para análise presentes em duas matérias do ano de 2012, duas do ano de 2013 e uma do ano de 2015.

homossexualidades”, sendo este um “um conceito que hoje carrega um sem-número de sentidos e fenômenos que ultrapassam a sua descrição conceitual primeira” (p. 7). Daniel Borrillo (2010), em *Homofobia: História e Crítica de um Conceito*, também afirma que tal manifestação “não pode ser reduzida” à “rejeição irracional” ou ao “ódio em relação a gays e lésbicas” (p. 13), uma vez que

A homofobia é um fenômeno complexo e variado que pode ser percebido nas piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado, mas ela pode também assumir formas mais brutais, chegando até a vontade de extermínio, como foi o caso na Alemanha Nazista. À semelhança de qualquer forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar uma diferença: ela a interpreta e tira suas conclusões materiais. (BORRILLO, 2010, p. 16)

Dessa forma, apesar da LGBTfobia (termo utilizado por Borrillo como sendo a homofobia aplicada à intolerância à toda a comunidade) significar, também, o ódio à essas pessoas, optamos por manter tais comentários em núcleos distintos com o intuito de interpretá-los a partir da forma com que se percebe a mensagem, não avaliando somente os conceitos que fundam tais palavras. Sendo assim, os comentários que pertencem ao núcleo de sentido “machismo e LGBTfobia” dizem sobre discursos que são expressos de modo menos brutal, enquanto em “misoginia e ódio à comunidade LGBT” percebemos discursos que incitam a violência e aversão.

Quando pensamos na presença da figura feminina como central nesse primeiro núcleo, percebemos comentários que dizem sobre um lugar socialmente estabelecido às mulheres. Em “Machismo e LGBTfobia”, os discursos variam entre culpabilização e responsabilização feminina por uma gravidez, por exemplo, até comentários que afirmam que não se deve respeitar mulheres que se manifestam na Marcha das Vadias devido à maneira como se dão os protestos. Alguns exemplos do núcleo são:

É tudo pururuca. minha mulher é linda, jovem, moderna, culta e, com certeza, não está exposta a esse tipo de violência que elas alegam sofrer ou querem se defender. **É só ter classe.** (comentário 15)

Eu luto pelos meus direitos através dos estudos, isto é, mostrando minha capacidade. Estudo, trabalho, corro atrás. Não ligo para maquiagem, sou o mais natural possível e não uso saia mais curta do que na altura do joelho (sendo que eu poderia já que, felizmente, sou magra). Ou seja, **mostro minha capacidade e não meu corpo.** Aff! (comentário 16)

Tudo isso pra defender o quê mesmo? Completamente fútil e desnecessário, **a mulher tem que saber se colocar no lugar dela**, se dar o respeito, se valorizar e deixar o homem fazer o papel dele. Que coisa mais ridícula essa de achar que a mulher tem que se igualar ao homem, **o dever e a obrigação das mulheres é trabalhar, cuidar de seus afazeres domésticos, valorizar**

os seus maridos e cuidar muito bem deles, não ficar perdendo tempo andando pelada na rua. (comentário 17)

Expressar sua *opinioao* e querer respeito *e* muito bom *so* que hoje **as proprias mulheres nao se dao o devido respeito** por outro lado os "**os zomens, machos**" **nao tem o direito de violentar e estuprar e ridicularizar a imagem da mulher** por puro "machismo" (comentário 18)

abolir os tanquinhos de cimento , os baldes , vassouras e rodos , vamos comprar tecnologias as nossas mulheres , *maquinas* de lavar modernas e aspiradores , enceradeiras etc . **senão elas trabalha demais e ficam feias com mãos de pedreiro e anoite podem estar cansadas que não é bom né** . (comentário 19)

E digo mais... Querem igualdade entre homens e mulheres, ok. **Mas não significa que fica bonito e ético fazer tudo que homem faz por aí** (tipo liberdade sexual) (comentário 20)

Que gente feia. **Todo protesto dessas lésbicas é assim**. Uma tropa de canhões (comentário 21)

Que tortura do inferno ver essa *barangada* feia.O problema delas não é falta de Deus é falta de homem. **Se tivessem um homem para dar um trato se acomodavam e se ajeitavam melhor** (comentário 22)

Onde tem aquela bandeira colorida tem **esculhambação** ! (comentário 23)

[SUPRIMIDO] é como eu escrevi antes em algum lugar por *ai*,tem boca pra gritar que querem fazer aborto **mas,na hora que tem um cara abrindo suas pernas não tem boca pra exigir a colocação da camisinha** e nem a usam pra tomar a pílula já que estão **frequentemente se relacionando sexualmente!** (comentário 24)

Lamentável o ponto que algumas mulheres chegam. Depois querem exigir respeito. (comentário 25)

Só vejo **m/a/l-c/o/m/i/d/x/s** nas fotos. (comentário 26)

Os comentários acima são um pequeno reflexo daquilo que se espera das mulheres ainda hoje. A redução da mulher à esfera privada e ao trabalho reprodutivo tem início, de acordo com Silvia Federici (2017), a partir do surgimento da família “no período de acumulação primitiva” (p. 193), quando o “marido tornou-se o representante do Estado, o encarregado de disciplinar e supervisionar as ‘classes subordinadas’” (p. 193), o que envolvia a esposa e filhos. A partir daí, “a mulher perdeu muito de seu poder, sendo geralmente excluída dos negócios familiares e confinada a supervisionar os cuidados domésticos” (p. 193-194), o que resultou, também, na criação do modelo mulher-esposa: “passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas” (p. 205).

Alguns dos comentários trazidos correlacionam diretamente a figura feminina a essas características, além de apresentarem a sexualidade feminina enquanto “perigo público” (FEDERICI, 2017, p. 343) - como indica o comentário quatro -. Naomi Wolf (1992)

ainda afirma que “as mulheres de todas as classes sabem que o sucesso [e também a luta feminina contra opressões] é considerado feio e acarreta a devida punição” (p. 38). Os corpos das mulheres, estão, dessa forma, fixados nas “ideologias culturais e práticas ‘disciplinares’” (BORDO, 2000, p. 13), o que explica os xingamentos e ofensas destinados às mulheres que se manifestam na Marcha.

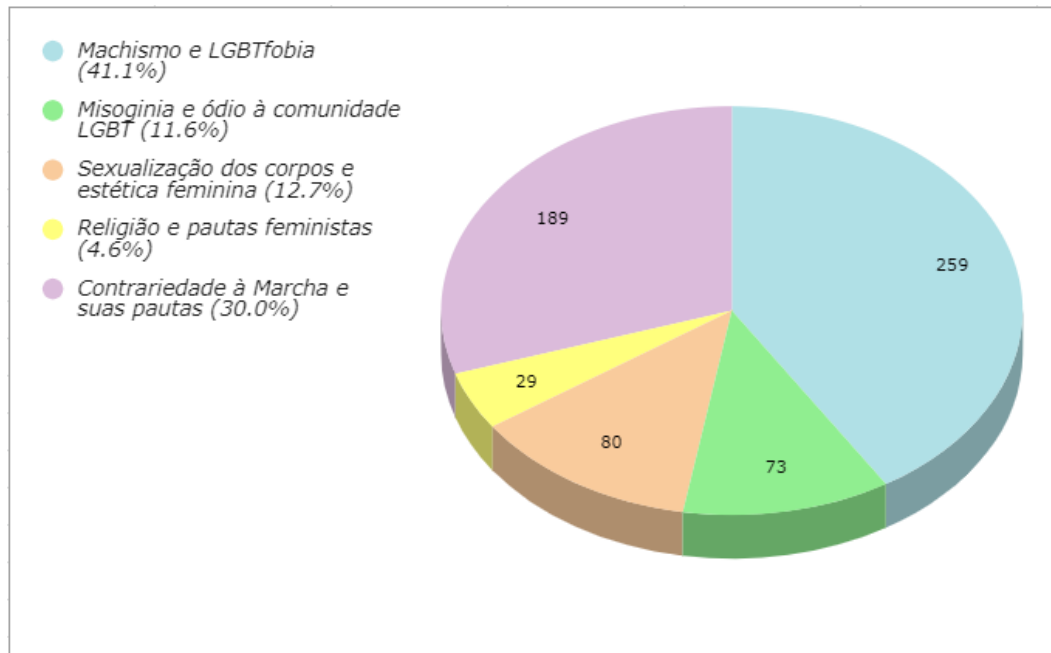
Figura 9: Ambiente em que se dá a comunicação por meio dos comentários no portal G1



Fonte: G1.

Tais xingamentos - percebidos enquanto *trolls storms*, conceituadas por Zuckerberg (2018) - foram alinhados a este grupo também pelo caráter machista presente nos mesmos. Para Lola Aronovich (2011), termos como “*vagaba*, *vadia*, *piranha*, *galinha*” e mal-amada são insultos “que condenam a sexualidade feminina” e são, portanto, “exclusivamente ofensivos às mulheres”. Este núcleo de sentido é o que apresenta maior número de comentários, independente dos anos das matérias selecionadas, como mostra o gráfico abaixo, referente aos comentários presentes em matérias do ano de 2012:

Gráfico 1: Divisão de comentários por núcleo de sentido em matérias do ano de 2012



Fonte: Elaboração própria

O segundo núcleo de sentido, “Misoginia e ódio à comunidade LGBT”, apresenta comentários que incitam o ódio e a violência, principalmente, contra mulheres, gays, lésbicas e travestis. Alinhamos também a essa formação comentários que expressam sentimentos de aversão, hostilidade e de vontade de aniquilação, o que sugere uma forte presença de masculinistas neste ambiente. Além disso, uma das principais características daqueles que pertencem a essa comunidade - apresentada no capítulo quatro deste trabalho - é a expressão do ódio a partir de termos como “escória da humanidade”, que foram substancialmente identificados nos comentários. Alguns exemplos desse núcleo são:

que horror...essa manifestação é a cara dessa **gente feia e podre...degradante,ridícula.. Nojenta!!!** Eca! (comentário 27)

É tanta *baranguice* que **nenhum estuprador vai querer comer** KKKKK (comentário 28)

Ai depois o cara **mete a porrada** *ai* é arrogante , homofóbico bandido e isso *ai* é o *q* respeito? (comentário 29)

Faz igual a igreja, **separa e mata** (comentário 30)

Eu **estourava** até essa grávida. (comentário 31)

Os homens **heterossexuais viraram minoria excluída**, pois, todos tem direito, menos nós, crianças e adolescentes, idosos, mulheres, homossexuais, todos, através de estatutos ou leis, o macho é tratado como um leproso, novelas, programas, todos, não existe programa que inicie sem uma esmagadora maioria de homossexuais, os quais estão dominando o mundo... (comentário 32)

Eu não entendo o que essas mulheres querem mais, **já conquistaram várias Leis feministas** as custas de maioria "homens trouxas" do congresso, já dominam a mídia há tempos, andam *semi-nuas* nas ruas no dia-a dia e não vão presas, **seduzem e se fazem de vítimas** e todos acreditam, e agora, eu pergunto querem mais o que? (comentário 33)

Concordo com os protestos, direitos devem ser respeitados...eu **não concordo é com o novo comportamento da mulher**, ou seja, empinaram o nariz e estão se achando o máximo, é claro que para isso elas estudaram, ganham dinheiro, é normal querer estar em evidência, mas cadê o delas de verem os excluídos também? Sem querer generalizar, mas atualmente elas estão num ar de superioridade tão grande que até o andar delas nas ruas reflete isso, e aí da pessoa que não está em seus padrões, sem chance de ter pelo menos a amizade delas...posso ter dito uma grande besteira aqui, mas é o meu ponto de vista (comentário 34)

[SUPRIMIDO], **sua anta**. Além de não saber escrever, ainda não apresentou nenhum argumento que preste. **O índice de homicídios e agressões contra o homem é quántuplo ao das mulheres**. (comentário 35)

Esses gays são o **excremento social**. Toda sociedade em qualquer tempo sempre os tratou como **escória**, pois é isto que eles são. A humanidade sempre os rejeitou e assim será para todo o sempre. Gays, vcs são o **dejeito da sociedade**, são um erro na natureza. Nenhum pai ou mãe sonha ter um filho gay. Seus pais se envergonham de vcs, por mais que digam o contrário. (comentário 36)

Depois reclamam que são **execrados**, discriminados, etc. Entenderam pq?? São uma **escória de malditos** profanando a crença alheia, se interpondo na movimentação e manifestação alheia. Mas é bom, pois **qdo. pegarmos eles** não poderão reclamar de nada, mostraram o que são. 2a feira aguarda os que trabalham comigo. FORA IMEDIATAMENTE. (comentário 37)

Um bando de frustadas, mal amadas e com baixa estima. Não fazem nada útil para serem notadas e só conseguem uma breve aparição quando se comparam ao **lixo** e ao **escárnio** da sociedade. **Ratos e porcos**. (comentário 38)

[SUPRIMIDO] eu sou zueiro e você é revoltada. alegre-se. **não odeie homens só porque são homens**. você nunca gostou de nenhum homem na vida nem um amigo irmão pai qualquer coisa. lola aronovich é a sua ídolo né? (comentário 39)

Os discursos encontrados a partir desses comentários evidenciam a misoginia desmedida. O desejo por violência contra mulheres e a comunidade LGBT se funda a partir de um sistema de normas sociais que ditam uma pressuposta superioridade dos homens, os quais se manifestam indicando o “outro como contrário, inferior ou anormal” (BORRILLO, 2010, p. 13). Tais “práticas sociais, culturais e econômicas que constituem uma ideologia homofóbica” (p. 10) e misógina estão profundamente “interligadas aos princípios masculinistas”, como afirma Danielle Pereira (2017, p. 33).

Algumas características masculinistas são demonstradas a partir dos discursos aqui trazidos, sendo o medo da perda de poder e de privilégios sociais - além do poder de dominação

-, os principais. Essa comunidade misógina e LGBTfóbica também apresenta fortes indícios machistas, uma vez que, segundo Zuckerberg (2018), “esse patriarcado ideal [para os masculinistas] baseia-se fortemente em modelos antigos de casamento e família para promover um mundo em que as mulheres não têm poder de decisão fora [e nem dentro] de casa”⁷⁶ (p. 8). Tal afirmação é percebida, por exemplo, no comentário 33, que nega as violências e opressões sofridas pelas mulheres diariamente, além de questionar e limitar os direitos que nós buscamos conquistar: “[SUPRIMIDO] qual direito que você não tem?” (2013, comentário 40), contesta um masculinista. O negacionismo, dessa forma, faz parte dos discursos dos homens da comunidade.

Além desses, outros argumentos falaciosos também são típicos, como a existência da heterofobia e a violência contra os homens enquanto superior à sofrida pelas mulheres, ou até mesmo a crença de que são as mulheres quem oprimem e depreciam os homens. Zuckerberg (2018) ainda afirma que, para os masculinistas, “o ‘mito do privilégio masculino’ é uma manifestação da ‘falácia ápice’⁷⁷: a tendência de julgar o status de um grupo inteiro baseando-se em alguns membros notáveis”⁷⁸ (p. 12), como, por exemplo, percebemos no seguinte comentário: “É como tivesse um só tipo de homem na terra, os que *maltrata* as mulheres.” (comentário 41).

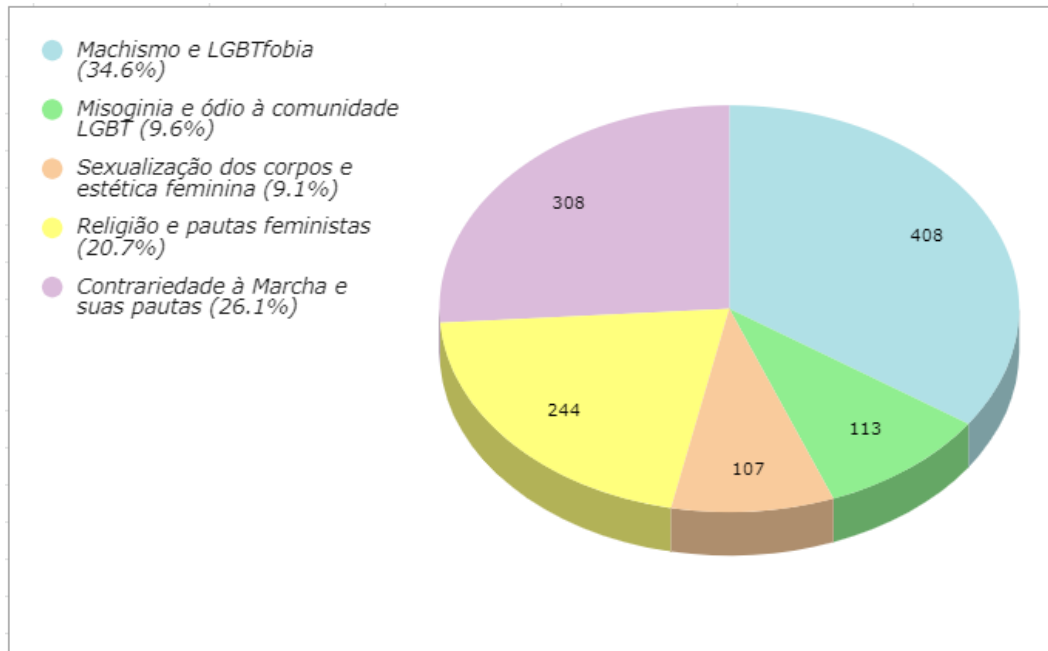
Apesar não remeter à maioria, o número de comentários misóginos e de ódio à comunidade LGBT - que carregam também traços do masculinismo e negacionismo - representa parte significativa dos comentários totais, como mostra o gráfico a seguir.

⁷⁶ ZUCKERBERG, 2018, p. 8, tradução nossa. No original: this ideal patriarchy draws heavily on ancient models of marriage and family to promote a world in which women have no decision-making power outside of the home.

⁷⁷ O termo “falácia ápice” é utilizado, como trazido por Zuckerberg (2018), por membros da comunidade masculinista, mais especificamente e habitualmente pelos *incels* (celibatários involuntários), como forma de justificar o “mito da desigualdade de gênero”. Para os masculinistas, a “falácia ápice” é utilizada como estratégia feminista para manter os homens brancos, ricos e heterossexuais em posições subordinadas, uma vez que as mulheres são incapazes de diferenciar e enaltecer os “homens de bem”.

⁷⁸ ZUCKERBERG, 2018, p. 12, tradução nossa. No original: the “myth of male privilege” is a manifestation of “the apex fallacy”: the tendency to judge the status of an entire group based on a few outstanding members.

Gráfico 2: Divisão de comentários por núcleo de sentido em matérias do ano de 2013



Fonte: Elaboração própria

O núcleo “Sexualização dos corpos e estética feminina” também se fez muito relevante para análise. Os discursos alinhados a essa formação discursiva apresentam mensagens que ridicularizam as mulheres e seus corpos a partir da ótica do padrão corporal feminino difundido na cultura. Além disso, o caráter sexualizante dos seios femininos - principalmente, devido à forma com que as manifestantes se expressam - se faz presente de maneiras diversas e percebemos que, em alguns casos, os comentários desse núcleo também foram alinhados ao que apresenta comentários e ofensas machistas. Alguns exemplos são:

Marcha das "**dragonas**", quanta mulher feia rapá!!!! (comentário 42)

faltou só a **marquinha pra ficar mais top** !! (comentário 43)

Essa com os seios de fora aí da foto (bonitos, diga-se de passagem) tem cara de ser o "**macho**" da **relação**. (comentário 44)

Ano que vem a marmanjada vai tá lá em peso pra **dar um confere nos peitinhos**!! Deviam ter avisado antes, pô! (comentário 45)

Continuem com esses protestos....são maravilhosos....**e mulherada boa**...kkkkk Mas não pensem que vão ser valorizadas com isso....vcs não valem nem mais nem menos que os homens, **cada um com seu papel**....bjs (comentário 46)

Aquela menina de cabelo curtinho com os peitos pra fora é uma **delícia**... Ela está adorando exhibir as **tetonas** pra todo mundo.. (comentário 47)

só **entrei na materia por causa dos peitinhos**. (comentário 48)

Só sei que **dá pra comer todas elas** (comentário 49)

Elas nem sabem protestar! Querem protestar assim, de calça e sutiã? **Tirem a calça o sutiã e a calcinha**, *ai* podem vir falar comigo! (comentário 50)

Feia? **só gatinha da cabeça boa, todas raspadinhas**, enquanto as crentes, nunca nem lavaram a *perseguid* (comentário 51)

Como é que um ser humano desses tem coragem de colocar essas **muchibas** caídas de fora, o tempo que estão fazendo isso **marca uma cirurgia de colocação de prótese de silicone**, tá *ridículo* kkkkkkkkkkkkkkkkk (comentário 52)

Estao querendo é dar e mundo ta *fantando* homem que honre as **pelotas** (comentário 53)

Um dos objetivos deste trabalho é analisar, baseando-nos em autoras que estudam as representações dos corpos femininos em variados âmbitos, a maneira com que esses mesmos corpos são vistos na Marcha das Vadias, movimento político que tem como característica a expressão por meio dos seios nus. Este núcleo, sendo assim, se faz vital para que possamos interpretar tais olhares e discursos. Como já trazido em capítulos anteriores, os corpos nus femininos estampam revistas, propagandas, quadros artísticos e produtos audiovisuais, uma vez que “as crenças e valorações mais tradicionais acerca das visões de corpos nus são exploradas e, inclusive, aproveitadas para atingir as metas almejadas; mas, ao mesmo tempo, acabam sendo colocadas em xeque de modos inéditos” (SIBILIA, 2015, p. 175).

Os comentários aqui acionados apresentam os efeitos de uma cultura fundante e vigente que sexualiza os corpos femininos. Sibilía (2014), apoiada pelos estudos de Margareth Miles (2008), afirma que os seios se tornaram símbolos eróticos, percebidos como “órgão sexual” (p. 40), a partir de 1750, “de modo que já não seria mais utilizável, nem foi mais utilizado, como um símbolo religioso” (p. 39). Percebemos, dessa forma, que tais comentários difundem um “olhar pornificador” (SIBILIA, 2015, p. 192) acerca dos corpos das manifestantes, sempre com a finalidade de inibir as mulheres e anular “boa parte da potência política da manifestação” (p. 192).

Para além, os discursos que ridicularizam as mulheres a partir de um padrão estético feminino também funcionam como meio para a depreciação e minimização da potência da Marcha. Segundo bell hooks (2000) o receio da falência da indústria de cosméticos fez com que investidores capitalistas difundissem imagens sugestivas de que “feministas eram grandes, hipermasculinas, e simplesmente feias”⁷⁹ (p. 32). Para Naomi Wolf (1992), “foi ressuscitada a caricatura da Feminista Feia para atacar o movimento das mulheres” (p. 23) por meio dos

⁷⁹ hooks, 2000, p. 32, tradução nossa. No original: feminists were big, hypermasculine, and just plain old ugly.

aspectos preestabelecidos de feminilidade - e que reforçam imaginários pedofílicos: os seios firmes, a magreza (e, conseqüentemente, a indústria que lucra com seu estímulo), a vagina sem pelos e toda a performance daquilo que se estabelece como feminilidade e que se espera das mulheres. Le Breton (2007) ainda afirma que

A ação da aparência coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro e, principalmente, na tabela do preconceito que o fixa de antemão numa categoria social ou moral conforme o aspecto ou o detalhe da vestimenta, conforme também a forma do corpo ou do rosto. Os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento de raça. (LE BRETON, 2007, p. 78)

Outra formação discursiva que se apresenta em números significativos é o que diz respeito à “Religião e pautas feministas”. Alinhamos a este núcleo comentários que utilizam termos, frases bíblicas ou que fazem referência a religiões com o intuito de depreciar a Marcha das Vadias e suas participantes, ou simplesmente justificar a contrariedade ao movimento. Os comentários também dizem sobre a oposição acerca de pautas feministas, claramente presentes na Marcha, que colidem com discursos e crenças religiosas, como o aborto, de acordo com os exemplos abaixo:

Estamos na **Sodoma e Gomorra** do *sec XXI*. Deus, eu sei q Tu estás vendo essas coisas, e sei q Tu interferirá nesse mundo um dia, pois estamos caminhando para nossa destruição. A vida como a conhecemos está com os dias contados. Não existe mais o respeito ao *proximo*. **Afrontam - Te de todas as formas**. Colherão *aqilo q* plantam, com certeza!!!!!!! (comentário 54)

ridiculo.. primeiro inventaram a "parada gay", agora a "marcha das vadias"... onde o mundo vai parar, principalmente o Brasil... Porque não inventam por exemplo "parada da justiça" ou "marcha dos justos" contra a corrupção por exemplo? Ou contra as muitas injustiças desse *pais*? **"Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. " Romanos 1:22** (comentário 55)

Quero lembrar a todos que o corpo *nao* nos pertence,**o corpo em qual habitamos pertence a DEUS** e só a nossa ALMA nos pertence e vamos responder por todos os nossos atos perante DEUS (comentário 56)

Se expor assim dessa maneira não leva a nada. Hoje em dia, a vulgaridade tomou conta, os valores morais *ja ha* muito tempo foram esquecidos e a pouca vergonha *ja* é algo normal. **Esse povo ai precisa é buscar a DEUS, primeiramente.** (comentário 57)

Concordo com você, [SUPRIMIDO]. Infelizmente virou tudo uma bagunça e *cade* a censura e o *tentado* ao pudor. Elas não sabem que **o corpo é templo do Espirito Santo**, estas violam o templo, por futilidade e querem ficar sem culpa. Ninguém é dono de Ninguém aqui na terra, mas **DEUS deixa bem claro que Ele e dono de Tudo** inclusive de nossas vidas e de nossas almas. (comentário 58)

Isso é só uma pequena amostra do que o mundo se tornará, quando as autoridades passarem a dar ouvidos a essa gente. Não sou católico, mas como cristão, creio que **se ainda há um pouco de moral e ética, nesse mundo, é graças às pessoas que ainda se preocupam em agradar a Deus.** (comentário 59)

Essas pecadoras **sentirão o poder de Deus**, pois: "O caminho do homem justo é rodeado por todos os lados, pelas injustiças dos egoístas e pela tirania dos homens de mal. Abençoado é aquele que, em nome da caridade e da boa-vontade, conduz os fracos pelo vale das sombras, pois ele é verdadeiramente seu irmão protetor, e quem encontra suas crianças perdidas. E eu vos atacarei, com grande vingança e furiosa ira a todos àqueles que tentarem envenenar e destruir meus irmãos. E vocês saberão: chamo-me o Senhor quando minha vingança cair sobre todos vocês". (**Ezequiel 25:17**) (comentário 60)

O mais ridículo que as próprias indecentes são esses comentários abaixo, de baixo nível, como chegamos ao ridículo, as mulheres desse tipo querem tirar os valores das mulheres de bem, por isso **sou a favor do catolicismo pois se todos olharem bem a estrutura da família vão ver o valor que a mulher tem.** (comentário 61)

Isso é prova viva que da **existência do demônio**, ele provoca travestido de várias formas. (comentário 62)

Elas serão **cobradas por Deus** pelos atos que estão cometendo é só esperar e verás, *ai* sim serão umas coitadas. (comentário 63)

A Igreja está fundamentada na Bíblia, e *naõ* em argumentos de pessoas idiotas que acham aborto, nudez e prostituição assunto particular delas. Se elas são bastante burras em *quere* mudar as leis da Igreja, por que *nã* fundam elas mesmas uma Igreja onde tudo isso é permitido e podem chutar a Bíblia à vontade, pois a Bíblia delas, é a vontade delas. Lembrem-se , a vida é *curtta*. **Daqui a pouco vcs vão prestar contas ao Capeta**, pois *vcs* me parecem mais Servidoras do Mal. (comentário 64)

“Eu **temo pela por essas mulheres quando penso que Deus é justo.**” (comentário 65)

Muitos comentários alinhados a este núcleo também podem ser percebidos enquanto machistas e de caráter ofensivo e intimidatório, por isso também foram contabilizados em outros núcleos. Tais nuances têm como base crenças religiosas (em sua maioria evangélicas e católicas) que foram essenciais para a construção e dispersão de regras sociais normativas. Para Sandra de Souza (2004), é preciso se atentar a tais discursos, uma vez que a religião funciona “como um mecanismo ainda eficaz de construção e redefinição das identidades de gênero, mesmo no contexto de uma sociedade secularizada” (p. 123). Maria José Rosado-Nunes (2005) complementa ao elucidar as discordâncias entre o movimento feminista e as doutrinas religiosas. Para a estudiosa,

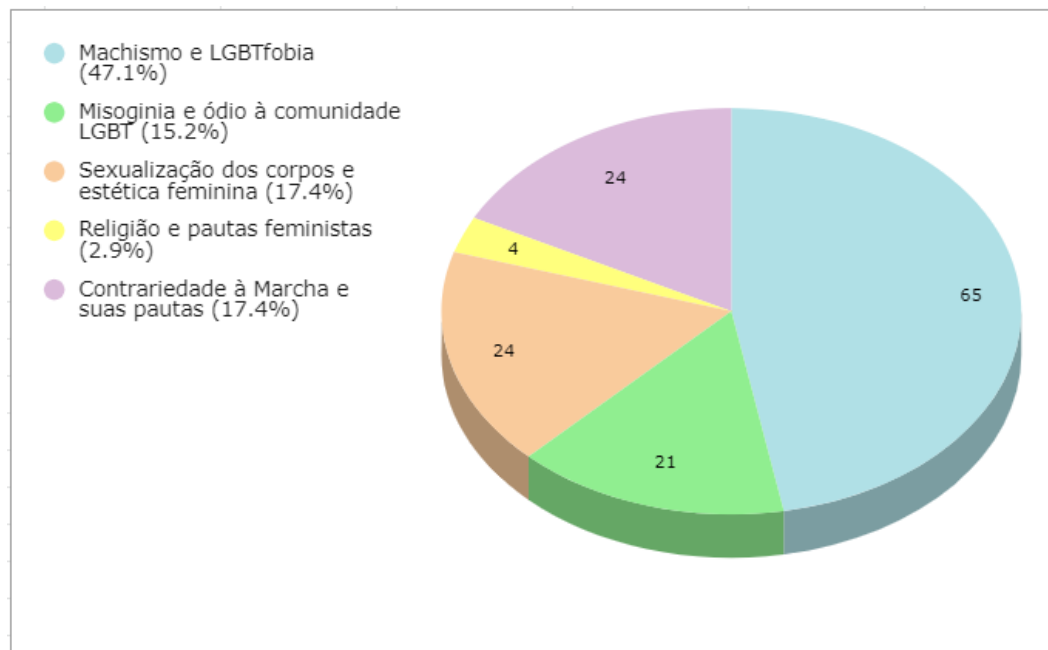
Essas linhas diretivas do pensamento feminista têm nas religiões suas principais antagonistas, uma vez que estas definem ‘a natureza humana’ como resultado de uma determinação divina intocável. As religiões têm, explícita ou implicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e

histórica, uma específica visão antropológica que estabelece e delimita os papéis masculinos e femininos. O fundamento dessa visão encontra-se em uma ordem não humana, não histórica, e, portanto, imutável e indiscutível, por tomar a forma de dogmas. Expressões das sociedades nas quais nasceram, as religiões espelham sua ordem de valores, que reproduzem em seu discurso, sob o manto da revelação divina. O lugar das mulheres no discurso e na prática religiosa não foi, e freqüentemente ainda não é, dos mais felizes. (ROSADO-NUNES, 2005, p. 363-364)

Dessa forma, os comentários que retomam ideias conservadoras por meio do uso da fé são percebidos enquanto produtos das práticas discursivas religiosas, que, desde sempre, acompanham a espécie humana. Para Souza (2004), “revelar essa intimidade é revelar também a cumplicidade da religião sobre o processo de socialização de homens e mulheres, e de reprodução das assimetrias sociais” (p. 124), sendo este processo agente de muitas das opressões sofridas pelas mulheres.

O último núcleo de sentido a ser trazido, “Contrariedade à Marcha e suas pautas”, compreende os discursos em oposição ao movimento - que se dá através de questionamentos acerca do nome ou sobre a relevância do mesmo -, bem como comentários que se opõem às manifestantes, à nudez feminina e às pautas levantadas pela Marcha. Apesar de não ser o núcleo com o maior número de comentários, é notória sua relevância, como aponta o gráfico a seguir:

Gráfico 3: Divisão de comentários por núcleo de sentido em matérias do ano de 2015



Fonte: Elaboração própria

Alguns exemplos dos comentários pertencentes a esse núcleo são:

Coitadas. Querem ganhar respeito com uma **manifestação dessa forma com esse nome**. Ah! vá faça-me o favor. (comentário 66)

Abomino, repito - ABOMINO a *violencia a* mulher, mas **esse movimento aí é meio sem lógica**. Me parece mais um galera sem muito o que fazer querendo aparecer um pouco. Por que não copiar outras coisas do Canadá, coisas que vão trazer algum benefício REAL ao nosso país, qual vai ser a próxima marcha que vão inventar agora?? (comentário 67)

Só **acho errado ser a favor do aborto**, isso é assassinato de um ser vivo não nascido (comentário 68)

essa marcha é *lamentavel* é **deprimente** é a **pior marcha que já existiu** (comentário 69)

Sinceramente não entendi pra quem ou para o que se destinou essa passeata. Dizer que era uma manifestação contra o abuso sexual é no mínimo estranho: **como pode-se protestar contra o abuso sexual ficando seminu** (comentário 70)

E assim, **a marcha perde sua legitimidade** e seu objetivo inicial que é lutar pela proteção da mulher (e **não entendo ainda pq é necessário mostrar o peito para falar de direitos**)... (comentário 71)

Acho *valido* o protesto, mas **me pergunto como as pessoas se preocupam mais em se mobilizar por essas causas do que para causas realmente importantes** e que mexem com todos: A CORRUPÇÃO, os péssimos serviços *publicos* em geral como SUS e o transporte público. (comentário 72)

Não gosto do nome deste movimento. **O próprio nome deprecia as mulheres**, nunca será levado a sério! (comentário 73)

agora virou modinha protestar por qualquer coisa. é mais fácil achar uma desculpa qualquer do que resolver os próprios problemas. **sou contra qualquer radicalismo tanto feminista quanto religioso**. seguir ideias e conceitos de outras pessoas é idiotice. (comentário 74)

Mesmo que este **argumento fajuto do "meu corpo minhas regras"** fosse válido, o corpo de um feto em formação não é parte do corpo da mulher que está grávida, por mais que o corpo do bebê em formação dependa do corpo da mãe que o está gerando! A grávida apenas gera o feto mas não é o próprio feto, portanto **"meu corpo minhas regras" porcaria nenhuma** (comentário 75)

Isso não é **atentando violento ao pudor**? (comentário 76)

Respeito a Igualdade mas achei curioso o texto, um participante afirmando combate ao machismo e pregando feminismo? **Nem feminismo nem machismo** infeliz opinião. (comentário 77)

É possível perceber, através destes exemplos, o incômodo causado pelo movimento, uma vez que muitas das pautas trazidas pela Marcha são atravessadas e baseiam-se em uma cultura conservadora e de opressão à liberdade buscada pelas mulheres. Presente em parte significativa dos comentários discordantes da Marcha, o aborto é considerado uma prática intolerável e criminosa quando exercido por livre-arbítrio - somados a esses, apresentam-se os discursos machistas, vistos anteriormente, sobre a responsabilização e culpabilização da mulher

pela gravidez -, ao mesmo tempo em que é aceito em casos já legislados, o que diz sobre controle dos corpos e direitos femininos.

Além disso, a crítica e o não entendimento da ressignificação do termo “vadia” - já abordada em capítulos anteriores além de mencionada nas matérias do portal -, sugerem recusa e desinteresse pela Marcha, pelos feminismos e suas pautas. Isso porque o reconhecimento e apoio a esses movimentos dizem sobre a perda de privilégios sociais masculinos e dos poderes de dominação e opressão naturais a estes (hooks, 2000). Igualmente, os comentários acionados que negam a importância das reivindicações feitas durante a Marcha das Vadias (como a descriminalização do aborto, a liberdade sexual feminina, o fim da objetificação e violência contra a mulher, contra a homofobia, o racismo, e várias outras formas de opressão) também o fazem com o intuito de enfraquecer o movimento, para além de perdurarem a normatividade vigente.

De fato, os comentários trazidos para análise deste trabalho, que funcionam como ataques orquestrados aos corpos e às mulheres, sustentam a ideia de que os lugares aos quais nos empenhamos a alcançar estão ainda distantes. Os discursos a respeito da Marcha das Vadias, desse modo, nos fazem perceber também que a luta contra a opressão e subalternidade feminina é mirada pelo machismo, pela misoginia e pornificação, princípios sempre existentes e ainda sólidos. Para Teresa de Lauretis (1984), a cultura imagética - aqui incluídas as fotografias, presentes nas reportagens do G1, das manifestantes com os seios à mostra - será sempre permeada por esses princípios. Segundo a estudiosa

(...) é precisamente a crítica feminista sobre a representação que demonstrou de maneira conclusiva como qualquer imagem em nossa cultura - muito menos qualquer imagem de mulher - é colocada e lida a partir do contexto abrangente de ideologias patriarcais, cujos valores e efeitos são sociais e subjetivos, estéticos e afetivos, e obviamente permeiam todo o tecido social e, portanto, todos os sujeitos sociais, tanto mulheres quanto homens. (DE LAURETIS, 1984, p. 38-39)⁸⁰

Não somente a mulher é julgada durante a manifestação devido à forma de protesto, mas também ridicularizada, constantemente sexualizada e ameaçada. Tais comentários que se enquadram nas formações discursivas - ou núcleos de sentidos - que exteriorizam o ódio, a imoralidade e desrespeito também são característicos do modo de funcionamento dos ambientes

⁸⁰ DE LAURETIS, 1984, p. 38-39, tradução nossa. No original: it is precisely the feminist critique of representation that has conclusively demonstrated how any image in our culture-let alone any image of woman-is placed within, and read from, the encompassing context of patriarchal ideologies, whose values and effects are social and subjective, aesthetic and affective, and obviously permeate the entire social fabric and hence all social subjects, women as well as men.

online. Para Machado e Gonzatti (2019), “apesar também de consistir em um espaço de resistência e de fomento à diversidade, as redes digitais, igualmente, operam como um corpo condutor de discursos de ódio (potencializados via espalhamento) e de ideais fascistas” (p. 400), o que reflete nos números apresentados neste trabalho: dos 2.250 comentários analisados, 1.461 - ou 64,9% - são comentários que divergem da Marcha apostando em discursos ofensivos, sexualizantes e de caráter subalternizante.

Os comentários acionados também corroboram a afirmativa de que “todo discurso é atravessado, ele mesmo, por outros discursos e pelo já-dito em outros lugares”, sendo essa percepção um movimento de “articulação entre os sentidos construídos no texto e a exterioridade” (BENETTI, 2016, p. 240-241). Isso porque é evidente que os discursos encontrados nos comentários são também - talvez em diferentes proporções ou tons - encontrados nos comerciais de produtos estéticos ou de cervejas, nos filmes pornográficos e em outros produtos audiovisuais ou midiáticos, nas artes, nos costumes retrógrados, nos discursos oficiais e em tantos outros cenários e meios que faz-se moroso nomear todos eles.

6. Conclusão

Pensar os corpos femininos hoje é, certamente e em um primeiro momento, questionar e historicizar as maneiras com que os mesmos eram representados e com que intuito. Durante muito tempo, o controle sobre as mulheres fora exercido a partir de conceitos previamente intencionados, como forma de manter os sistemas de opressão que regiam o cotidiano em ambas as esferas públicas e privadas. Em um segundo momento, pensar os corpos femininos é perceber que a contemporaneidade é conduzida pelas mesmas ordens sociais, e que as mulheres ainda se encontram limitadas à não liberdade e respeito, direitos dos quais os homens sempre dispuseram.

Os meios para controle dos corpos das mulheres permanecem: a cultura da pornografia, enquanto pilar estruturante da sexualidade predatória das mulheres, também se faz fundante da noção de que as violências praticadas durante atos sexuais são aceitáveis, bem como em outras relações. Também no cinema dominante, na indústria da propaganda e na arte, as representações dos corpos das mulheres são, majoritariamente, elaboradas para que sejam miradas pelos olhares masculinos objetificantes e, quase nunca, para que simbolizem os anseios femininos.

Além disso, os corpos, enquanto matérias que movem e são movidas pela cultura e que estão imersos na ideia de normas e diferenças, engendram e propagam determinados princípios. Como consequência, se tornam vítimas dessas mesmas trocas, tão mais brutais com as mulheres, negras, pobres, gordas, trans e lésbicas, uma vez que o sistema opressor as classifica perante a heterocisnormatividade racista e elitista. As ideias de subalternização presentes nas narrativas dos meios e nas crenças encontraram na realidade um ambiente profícuo para a prática dessa teoria: a mulher é vislumbrada enquanto instrumento de consumo masculino, bem como objeto sexual.

Para além dessas formas de controle, os disciplinamentos sociais também perduram de maneira a oferecer, falsamente, uma possibilidade de aproximação dos padrões considerados aceitáveis, bem como das posições menos subalternas - existentes a partir da permanência do capitalismo: através dos bons modos e da estética corporal. A construção do que é feminino, precedida pelos conceitos machistas, aprisiona as mulheres em modelos inalcançáveis e gordofóbicos, além de conduzir-nos a infundáveis obrigações relacionadas a aparência e limitar nossos comportamentos.

No entanto, as discussões acerca dos corpos, controles e disciplinamentos não sustentam, sozinhas, a proposta deste estudo. Acionadas nesse trabalho, tais referências nos ajudaram a perceber como os corpos femininos foram e são olhados, e foi também através dos

estudos sobre os ambientes virtuais que pudemos nos debruçar sobre os olhares que se apresentam a partir das novas cotidianidades. Pensar as sociabilidades em rede é, também, compreender os mecanismos atuais através dos quais se rege a sociedade e a cultura, uma vez que tais ambientes interferem diretamente nos comportamentos das/os sujeitas/os e vice-versa.

Os ambientes virtuais enquanto inseguros para as mulheres - devido às contínuas violências cibernéticas e cibersexismo - resultam, como trazido, em uma menor participação e engajamento das mesmas, o que pode ser visto através de diferenças quantitativas: dos 2.250 comentários analisados, 1.499 - ou 74,8% - foram realizados por homens, e 506 - 25,2% - realizados por mulheres. Além disso, os (altos) números relativos aos comentários misóginos encontrados nas matérias indicam que os espaços online são, cada vez mais nos dias de hoje, marcados pela presença e propagação de discursos de ódio por homens da manosphere.

Os comentários acionados na análise desse trabalho também reafirmam o que muitas estudiosas já haviam constatado antes: a imagem e exposição do corpo nu feminino são somente aceitas quando as mesmas se reservam ao olhar pornificador masculino e do consumismo. Isso porque quando esses mesmos corpos se mobilizam contra a subalternização e cerceamentos a eles impostos, encontramos ataques e ofensas à sexualidade feminina, ameaças, exposições de premissas machistas e misóginas, manifestações de falas objetificantes e que hostilizam os corpos das mulheres. E, apesar das formações discursivas percebidas exprimirem as singularidades dos discursos, todas elas estão circunscritas em um mesmo círculo de conceitos tradicionalistas e doutrina de extremo conservadorismo.

Para além, tais comentários, como trazido, dizem sobre um incômodo estável e consistente da liberdade feminina, bem como exteriorizam a repulsa pela equidade de direitos entre as sujeitas e sujeitos. O que se lê sobre o ódio às mulheres é, igualmente, o que presenciemos no cotidiano de um país que se aproxima da liderança do ranking mundial de violência contra a mulher (CATARINAS, 2019). A restrição do ser direcionada às mulheres - por meio de discursos como os encontrados nos comentários - resultam em efeitos morais, estruturais, físicos e psíquicos que interferem diretamente na desmistificação do corpo feminino enquanto objeto submisso àqueles que constituem a classe opressora e que detêm privilégios sociais, da mesma forma com que impossibilita transformar os padrões brutais relacionados à estética corporal da mulher.

Os comentários que carregam tais ofensas, discursos de ódio e de incitação à violência se fazem ainda mais pavorosos quando encontrados em um portal de notícias de tamanha visibilidade. O G1, enquanto veículo pertencente ao maior conglomerado de mídia e comunicação da América Latina, o Grupo Globo, atua nas formações sociais daquelas/es que o

leem. Por essa razão, mesmo que o portal disponha de políticas que auxiliam a denúncia e autenticação de cada comentário (G1, 2015), são necessárias medidas que penalizem mais acertadamente os autores dos mesmos, bem como a instauração de ferramentas que reconheçam e proíbam suas publicações.

Os estudos sobre os corpos das mulheres se tornam imprescindíveis a todo momento, uma vez que, ainda regida pelo capitalismo patriarcal, a cultura os molda. Por isso, se faz importante analisar também como tais imposições perpassam os mais variados espaços através de diferentes discursos, como os comentários encontrados em diferentes matérias (dos anos de 2012, 2013 e 2015) do portal G1 sobre a Marcha das Vadias, movimento que desvela a ânsia pela liberdade e pela segurança de que o corpo feminino, desnudo ou não, não deveria ser submisso a princípios predatórios.

REFERÊNCIAS

- A incontrolável ascensão dos ninhos de machismo na internet. **El País Brasil**. Madri, 7 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-02-07/incels-machos-atras-de-mulher-a-incontrolavel-ascensao-dos-ninhos-de-machismo-na-internet.html>>. Acesso em: 24 de março de 2020.
- AMARAL, Adriana; COIMBRA, Michele. **Expressões de Ódio nos Sites de Redes Sociais: O Universo dos Haters no Caso #Eunãomereçoserestuprada**. Trabalho publicado em: Contemporânea: Comunicação e Cultura, v. 13, n. 1, 2015.
- BALTAR, Luiz. **Marcha das Vadias**. Rio de Janeiro, 26 de maio de 2012. Flickr: perfil no Flickr. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/luizbaltar/7289602874>>. Acesso em: 15 de novembro de 2019.
- BARRETO, Nayara. A Nudez como arma política: um estudo comparativo do nu feminino na mídia. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, p. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1508-1.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2019.
- BERGER, John. **Modos de Ver**. Londres, British Broadcast Corporation e Penguin Books, 1972.
- BENETTI, Márcia. Análise de Discurso como Método de Pesquisa em Comunicação. In: DE MOURA, Cláudia; DE LOPES, Maria Immacolata (org.). **Pesquisa em Comunicação: Metodologias e Práticas Acadêmicas**. Porto Alegre, Edipucrs, 2016, p. 235-256.
- BIROLI, Flávia. Divisão sexual do trabalho. In: **Gênero e Desigualdades: Limites da Democracia no Brasil**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018, p. 21-53.
- BITTENCOURT, Maria Clara *et al.* **O Desafio do Balde de Gelo como cibercontecimento: celebridades como vetores-chave de espalhamento e apropriações**. Trabalho publicado em: Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos, v. 17, n. 1, p. 77-90, janeiro-abril, 2015.
- BOENAVIDES, Débora Luciene Porto. **Ressignificar e resistir: a Marcha das Vadias e a apropriação da denominação opressora**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n. 2, 2019.
- BORDO, Susan. **A Feminista como o Outro**. Regents of the University of California, 2000.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: História e Crítica de um Preconceito**. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.
- Brasil caminha para liderar ranking mundial de violência contra mulher. **Catarinas**. 28 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://catarinas.info/brasil-caminha-para-liderar-ranking-mundial-da-violencia-contra-mulher>>. Acesso em: 29 de julho de 2020.
- CODING RIGHTS; INTERNETLAB. **Violências contra mulher na internet: diagnóstico, soluções e desafios**. Contribuição conjunta do Brasil para a relatora especial da ONU sobre violência contra a mulher. São Paulo, 2017.
- COLETIVA DAS VADIAS. Facebook: página do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/coletivadasvadias/posts/?ref=page_internal>. Acesso em: 12 de outubro de 2019.

COLETIVA DAS VADIAS. Instagram: perfil do Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/coletivadasvadias/?hl=pt-br>>. Acesso em: 12 de outubro de 2019.

DE LAURETIS, Teresa. **Alice Doesn't: Feminism, Semiotics, Cinema**. Londres, Macmillan, 1984.

Do trágico ao épico: a Marcha das Vadias e os desafios políticos das mulheres negras. **Pretas Candangas**, 27 de junho de 2013. Disponível em: <<https://pretascandangas.wordpress.com/2013/06/27/do-tragico-ao-epico-a-marcha-das-vadias-e-os-desafios-politicos-das-mulheres-negras/>>. Acesso em: 21 de setembro de 2020.

DUARTE DE SOUZA, Sandra. **Revista Mandrágora: Gênero e Religião nos Estudos Feministas**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 12, set./dez., 2004.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FLETCHER, Pamela. **Dismantling Rape Culture around the World: A Social Justice Imperative**. Los Angeles, Forum on Public Policy, 2010.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber, vol. 1**. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo, Martins Fontes, 2008b.

Fotos: Veja protestos da Marcha das Vadias. **G1**, São Paulo, 25 de maio de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/fotos/2013/05/fotos-veja-protestos-da-marcha-das-vadias.html#F816014>>. Acesso em: 21 de novembro de 2019.

G1 tem novas regras para comentários de leitores. **G1**. São Paulo, 03 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/02/g1-tem-novas-regras-para-comentarios-de-leitores.html>>. Acesso em: 29 de julho de 2020.

GOFFMAN, Erving. **La ritualisation de la féminité. Lês moments et leurs hommes**. Paris: Seuil-Minuit, 1988, p. 185 (trad. fr.).

GOMES, Carla. **Corpo e Emoção no Protesto Feminista: a Marcha das Vadias no Rio de Janeiro**. Trabalho publicado em: Sexualidad, Salud e Sociedad - Revista Latinoamericana, Rio de Janeiro, n. 25, abril, 2017.

HENN, Ronaldo. **El Ciberacontecimiento: Producción y Semiosis**. Barcelona, Editorial UOC, 2014.

HENN, Ronaldo; MACHADO, Felipe. Mas... e o beijo das travestis? De feliko e clarina, dos sentidos produzidos em rede e de quem pode (e como pode) beijar no horário nobre. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2014.

HENN, Ronaldo; MACHADO, Felipe; GONZATTI, Christian. **Jordan Lives For The Applause: Performances de Si como Propulsoras de Ciberacontecimientos**. Trabalho publicado em: Contemporânea: Comunicação e Cultura, v. 16, n. 01, jan-abr, 2018.

HOOKS, Bell. **Feminism is for Everybody: Passionate Politics**. Cambridge, South End Press, 2000.

Imagem Corporal: 38% das meninas de 4 anos estão insatisfeitas com seus corpos. **Revista Crescer, Globo**. Disponível em:<<https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Comportamento/noticia/2019/07/imagem-corporal-38-das-meninas-de-4-anos-estao-insatisfeitas-com-seus-corpos.html>>. Acesso em: 2 de nov. de 2019.

Insultos Politicamente Corretos para Usar Contra as Mulheres. **Escreva, Lola, escreva**. 12 de dez., 2011. Disponível em:<<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2011/12/insultos-politicamente-corretos-para.html>>. Acesso em: 28 de jun. de 2020

JAGGAR, Alison; BORDO, Susan. **Gênero, Corpo e Conhecimento**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997.

KAWAMOTO, Kevin. **Digital Journalism: Emerging Media and the Changing Horizons of Journalism**. Maryland, Rowman and Littlefield Publishers, 2003.

KING, Ynestra. Curando as feridas: feminismo, ecologia e dualismo natureza/cultura. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan (org). **Gênero, Corpo e Conhecimento**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis, Vozes, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

MACHADO, Felipe; GONZATTI, Christian. **Harry Potter e aquele-que--não-deve-ser-votado: Imaginação cívica, Ativismo de fãs e Fascismo Eterno em redes digitais do jornalismo de cultura pop**. Trabalho publicado em: Comunicação e Sociedade, v. 41, n. 2, maio-agosto, 2019.

MACHADO, Felipe; GONZATTI, Christian; ESMITIZ, Francielle. **E elxs viverão felizes para sempre? (In)visibilidades de personagens LGBT em produções da Disney como força propulsora de cibercontencimentos**. Trabalho publicado em: Comunicação, Mídia e Consumo. V. 15, n. 43, maio-agosto, 2018.

Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**, São Paulo, 18 de abril de 2016. Disponível em:<<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 01 de out. de 2019.

MARTINEZ, Fabiana. **Feminismos em movimento no ciberespaço**. Trabalho publicado em: Cadernos Pagu, São Paulo, v. 56, dezembro, 2018.

MICHEL JOHN, Valquíria; DA COSTA, Felipe; CAMINADA, Thiago. **Corpos femininos despertam o ódio: análise de comentários de haters e trolls em notícias compartilhadas pelo G1**. Trabalho publicado em: Entremeios, v. 16, n. 1, janeiro-julho, 2020.

MIELNICZUK, Luciana. **Interatividade no jornalismo online: o caso do NetEstado**. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Museu de Paris proíbe entrada de mulher por causa de decote de vestido. **G1**, 11 de setembro de 2020. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/09/11/museu-de-paris-proibe-entrada-de-mulher-por-causa-de-decote-de-vestido.ghtml>>. Acesso em: 21 de setembro de 2020.

MULVEY, Laura. Prazer Visual e Cinema Narrativo. In: XAVIER, Ismail (org.). **A Experiência do Cinema**. Rio de Janeiro, Graal Ltda., 1983, p. 435-453.

O dia em que o cara que quis me destruir foi condenado a 41 anos de prisão. **The Intercept Brasil**. São Paulo, 21 de dezembro de 2018. Disponível em:< <https://theintercept.com/2018/12/21/prisao-do-misogino-marcelo-mello/>>. Acesso em: 23 de março de 2020.

O que os dados de uma década dizem sobre o consumo de pornô na internet. **Nexo**, São Paulo, 20 de jun. de 2017. Disponível em:<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/19/O-que-os-dados-de-uma-d%C3%A9cada-dizem-sobre-o-consumo-de-porn%C3%B4-na-internet>>. Acesso em: 17 de set. de 2019.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas, Pontes, 2007.
PEREIRA, Danielle. **Entre Sanctos e Mascus: O Estudo sobre Ciberfeminismo e Cibermisoginia no Brasil (2011-2017)**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

POLAND, Bailey. **Harassment, Abuse and Violence Online**. Lincoln, University of Nebraska Press, 2016.

‘Pornografia está criando uma geração de homens violentos’, afirma socióloga. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/05/pornografia-esta-formando-geracao-de-homens-violentos-afirma-especialista.shtml>>. Acesso em: 17 de set. de 2019.

Por que vadias? **Marcha das Vadias CWB**. Disponível em:<<https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>>. Acesso em: 12 de set. de 2019.

Por que as modelos aparecem nuas em anúncios de calçados? **El País Brasil**, São Paulo, 22 de dezembro de 2016. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/22/estilo/1482411741_453748.html>. Acesso em: 21 de novembro de 2019.

PRADO, Marco Aurélio. Homofobia: Muitos fenômenos sob o mesmo nome. In: BORRILLO, Daniel (org.), **Homofobia: História e Crítica de um Preconceito**. Belo Horizonte, Autêntica, p. 7-11, 2010.

Quem é Jair Bolsonaro. **The Intercept Brasil**. São Paulo, 20 de outubro de 2018. Disponível em:< <https://theintercept.com/2018/10/20/quem-e-jair-bolsonaro-17/>>. Acesso em: 25 de março de 2020.

REBOUÇAS, Raquel. **Experimentos e experiências nas fotografias de Earthly Bodies: Irving Penn's Nudes, 1949-50**. 2019. 123f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana.

RECUERO, Raquel. Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. In: Alex Primo. (Org.). **Interações em Rede**. 1ed .Porto Alegre: Sulina, 2013, v. 1, p. 51-70.

Registros de estupro aumentaram 10,3% em 2017. **Agência Patrícia Galvão**, São Paulo. Disponível em:<<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/registros-de-estupro-aumentaram-103-no-estado-de-sao-paulo-em-2017/>>. Acesso em: 12 de set. de 2019.

RENTSCHLER, Carrie. **Rape Culture and the Feminist Politics of Social Media**. Montreal, Berghahn Journals, 2014.

RIBEIRO, Manoel; BLACKBURN, Jeremy; BRADLYN, Barry; DE CRISTOFARO, Emiliano; STRINGHINI, Gianluca; LONG, Summer; GREENBERG, Stephanie; ZANNETTOUQ, Savvas. **From Pick-Up Artists to Incels: A Data-Driven Sketch of the Manosphere**. Londres, University College London, 2020.

ROCHA, Rose de Melo; BERALDO, Beatriz. **Eu serei meu próprio fetiche: nudez em templos do artifício ou ativismo de mulheres-imagens**. Trabalho publicado em: Famecos - Mídia, Cultura e Tecnologia. Porto Alegre, v. 21, n. 2, maio, 2014.

ROSADO-NUNES, Maria José. **Gênero e Religião**. Trabalho publicado em: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 13, n. 2, maio/ago., 2005.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the political economy of sex. In: Rayna Reiter (org), Toward an anthropology of women. New York, Monthly View Press, 1975. Tradução Brasileira de Jamille Pinheiro Dias. In: **Políticas do sexo**. São Paulo, Ubu, 2017.

SARDENBERG, Cecília. **O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres**. Trabalho publicado em: Inclusão Social, Brasília, DF, vol. 11, n. 2, jan./jun., 2018.

SAKS, Flávia. **Busca Booleana: Teoria e Prática**. 2005. Monografia (Especialização em Gestão da Informação) – Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/48319/TCC%20%20Flavia%20do%20Canto%20Saks%20-%20Monografia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 de set. de 2020.

SIBILIA, Paula. **A nudez autoexposta na rede: deslocamentos da obscenidade e da beleza?** Trabalho publicado em: Cadernos Pagu, Campinas, São Paulo, vol. 44, jan./jun., 2015.

STOCKER, Pâmela; DALMASO, Silvana. **Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha**. Trabalho publicado em: Estudos Feministas. Florianópolis, v. 24, 2016.

Taxas de mortes de mulheres por armas de fogo aumenta em 17 das 27 unidades da federação entre 2006 e 2016. **Agência Patrícia Galvão**, São Paulo. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/taxa-de-mortes-de-mulheres-por-armas-de-fogo-aumenta/>>. Acesso em: 12 de set. de 2019.

UN BROADBAND COMMISSION FOR DIGITAL DEVELOPMENT. **Cyber Violence Against Women and Girls**. 2015.

Uso da internet no Brasil cresce, e 70% da população está conectada. **G1**, 28 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml>>. Acesso em: 20 de mar. de 2020
Violência contra a mulher: novos dados mostram que 'não há lugar seguro no Brasil'. **BBC**, São Paulo, 26 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503>>. Acesso em: 12 de set. de 2019.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. p. 24 - 61.

What we learned about sexual desire from 10 years of Pornhub user data. **The Cut**, Nova Iorque, 11 de jun. de 2017. Disponível em: <<https://www.thecut.com/2017/06/pornhub-data-sexual-habits.html>>. Acesso em: 17 de set. de 2019.

WILLIAMS, Linda. **Film Bodies: Gender Genre and Excess**. Trabalho publicado em: University of California Press, California, vol. 44, n. 4, 1991.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza: Como as Imagens de Beleza são Usadas Contra as Mulheres**. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa. **G1**, São Paulo, 17 de abril de 2018. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 17 de set. de 2019.

97% das mulheres já foram vítimas de assédio em meios de transporte. **Agência Patrícia Galvão**, São Paulo. Disponível em:<<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/97-das-mulheres-ja-foram-vitimas-de-assedio-em-meios-de-transporte/>>. Acesso em: 12 de set. de 2019.

ZAGO, Gabriela. **Trolls e Jornalismo no Twitter**. Trabalho publicado em: Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 9, n. 1, 2012.

ZUCKERBERG, Donna. **Not All Dead White Men: Classics and Misogyny in the Digital Age**. Cambridge, Harvard University Press, 2018.